

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

RENATA LÍVIA DE ARAÚJO SANTOS

**A ESCOLARIDADE E A CONCORDÂNCIA VERBAL NA ESCRITA DE MENORES
CARENTES QUE VIVEM EM ENTIDADES FILANTRÓPICAS NA CIDADE DE
MACEIÓ**

MACEIÓ – AL
2013

RENATA LÍVIA DE ARAÚJO SANTOS

**A ESCOLARIDADE E A CONCORDÂNCIA VERBAL NA ESCRITA DE MENORES
CARENTES QUE VIVEM EM ENTIDADES FILANTRÓPICAS NA CIDADE DE
MACEIÓ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras e Linguística da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau
de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Denilda Moura

MACEIÓ – AL
2013

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

S237s Santos, Renata Livia de Araújo.
A escolaridade e a concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió / Renata Livia de Araújo Santos. – 2013.
138 f.

Orientadora: Maria Denilda Moura.
Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2013.

Bibliografia: f. 126-131.
Apêndices: f. 132-133.
Anexos: f. 134-138.

1. Língua portuguesa. 2. Concordância verbal – Variação. 3. Escolaridade e concordância verbal. 4. Sociolinguística. 5. Dados de fala e escrita. I. Título.

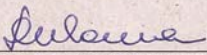
CDU: 801

TERMO DE APROVAÇÃO
RENATA LÍVIA DE ARAÚJO SANTOS

Título do trabalho: "A ESCOLARIDADE E A CONCORDÂNCIA VERBAL NA ESCRITA DE MENORES CARENTES QUE VIVEM EM ENTIDADES FILANTRÓPICAS NA CIDADE DE MACEIÓ"


Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTORA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

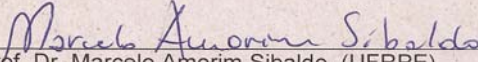


Profa. Dra. Maria Denilda Moura (PPGLL/UFAL)

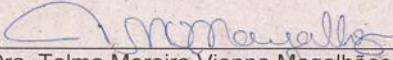
Examinadores:




Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva, (UFRPE)



Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo, (UFRPE)



Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães (PPGLL/UFAL)



Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/UFAL)

Maceió, 8 de março de 2013.

Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa
CAPES.

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, José Hélio dos Santos e Márcia Cecília de Araújo Santos, e aos meus irmãos, Artur Eugênio de Araújo Santos e Flávia Cecília de Araújo Santos, que contribuem decisivamente para que minhas conquistas sejam alcançadas. Minhas conquistas são nossas!

AGRADECIMENTOS

Mais que especiais:

A Deus, pela conquista de mais um sonho, pela força e pela benção diárias, que me fazem vencer os obstáculos e que me permitem continuar trilhando meu caminho.

A meus pais, José Hélio e Márcia Cecília, a quem sou eternamente grata pela base sólida, exemplos de melhores pais, fontes de inspirações, de vida, amor, respeito, cuidado, ensinamento, incentivo, conforto..., que me possibilitam alcançar as conquistas e que me tornam forte nos momentos difíceis.

Ao meu irmão gêmeo Artur Eugênio, pela amizade e apoio inestimável, pela compreensão e paciência nas horas difíceis, pelas revisões textuais e pelas valiosas ajudas e palavras de incentivo e conforto; à minha irmã Flávia Cecília, pela amizade, carinho, amor, pela força de sempre, pelos passeios e horas de descontração; e a Astro Neves, pelo companheirismo e carinho.

À minha cunhada e amiga Aline Rossiter, pela amizade sincera, pelos conselhos de amiga e pelas incontáveis horas de conversas; e ao meu cunhado Davi Jorge, pelo carinho, pelos passeios e pelas horas de distração.

À Profa. Dra. e Orientadora, Maria Denilda Moura, a quem serei eternamente grata, pela confiança em mim depositada desde a graduação, por sua valiosa orientação, por sua compreensão, carinho e cumplicidade com os quais sempre pude contar, pelo excelente exemplo de profissional competente e que luta por seus objetivos.

Especiais:

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, por permitir a concretização deste trabalho, em especial, aos funcionários Inês Bassi e Wesslen Nicácio, pela importante ajuda e compreensão ao longo desse processo.

A CAPES, pelo importante apoio financeiro.

Às entidades filantrópicas, Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal, aos seus diretores, funcionários e membros, especialmente, aos colaboradores desta pesquisa, pela oportunidade de desenvolvimento da coleta dos dados.

À Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães, ao Prof. Dr. Aldir Santos de Paula, à Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva e ao Prof. Dr. Marcelo Sibaldo pela disposição em ler este trabalho, pela compreensão e pelas valiosas contribuições.

A todos os meus professores de graduação e pós-graduação.

A todos os meus familiares e em especial aos meus avós Jaminita Alves, Renato Américo, Maria Antônia e Artur Olímpio, minhas tias Maria Lúcia, Mafalda Araújo, Malila Araújo, Mabel Araújo, Maria Cácia, Maria Nazaré, meus tios Adilson Jorge, Marcílio Araújo, Paulo Silvan, minhas primas Ana Carolina, Vanessa Albuquerque e Valéria Luiza, pelas orações e pela força de sempre.

À amiga Elyne Giselle, pelas discussões sociolinguísticas, pelo apoio e por seus trabalhos desenvolvidos na nossa área.

À amiga Solyany Soares, pela amizade verdadeira, pelo apoio e palavras de incentivo.

Ao meu amigo Cristiano Soares, pela amizade e ajuda especial na construção do abstract.

Aos amigos Gerson Britto, Rosana Taciana, Emanuelle Camila, Rafael Bezerra, Marcelo Sibaldo, Adeilson Sedrins, Jeylla Salomé, Sandra Lamenha, Priscila Rufino, Fernando Augusto, Elaine

Santos, Thaysa Oliveira, Mary Hellen, Jomson Texeira, Dariana Nunes, Cibely Eugênia, pelo companheirismo de sempre e por tornarem meus dias mais leves.

Aos amigos de época do PET-Letras/UFAL, do CEFET/AL, em especial Cyntia Toledo, e do Colégio Cristo Rei, em especial Bruna Coutinho, pelo apoio e horas de descontração.

Aos amigos do CESMAC, em especial Gerson Britto, Jeylla Salomé, Edvaldo Albuquerque, David Ferreira, Luzimar Fernandes, Tânia Marques, Manoel Coelho, Maria José, Delma Almeida e Alfredo Júnior, pelo apoio, trocas de experiências e horas de descontração.

A todos que, direta ou indiretamente, me fortaleceram neste momento em que qualquer gesto e palavra de carinho se tornam uma alavanca de motivação.

“Foi o doutor Brandão o personagem de uma história não sei se verdadeira ou criação anedótica de meu irmão Lou”. Um dia, minha mãe levou Ana para uma consulta. Após pedir-lhe que mostrasse a língua, o velho médico, decerto um dos maiores clínicos que a nossa província já produziu (era pai do também médico e folclorista Théo Brandão) lhe perguntou se ela estava obrando com regularidade. A pergunta a desnorteou: era incompreensível como latim de Igreja. Para se fazer entendido, o doutor Brandão quis saber se ela defecava diariamente. Novo silêncio. Então, certo de que a clareza é uma virtude indispensável ao seu ofício, o doutor Brandão recorreu ao português mais castiço, à velha língua medieva. E a interrogou com a mais vibrante austeridade: “A senhora tem cagado bem?””.

(IVO, 2004, p. 70).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal observar o comportamento variável da concordância verbal na língua usada por menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, observando especialmente o papel da variável escolaridade diante desse comportamento. Procuramos alcançar, à luz da Sociolinguística Variacionista, de William Labov (2008 [1972]), os seguintes objetivos: (i) observar se há variação entre ausência e presença de marcas de concordância verbal na escrita da comunidade de fala em estudo; (ii) verificar qual é a variante mais usada na escrita dessa comunidade; (iii) verificar se há grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa variação, identificando os fatores que condicionam a ausência e a presença de marcas de concordância verbal; (iv) observar se a escolaridade é uma variável significativa para o uso dessa variação na língua usada pela comunidade de fala em estudo; e (v) verificar se há mais semelhanças ou diferenças no uso da variação de CV nos dados de fala, de Santos (2010), e nos dados de escrita dessa comunidade. O *corpus* deste trabalho é constituído por produções escritas por dezesseis informantes. Para a comparação entre o uso, na fala e na escrita, da variação de concordância verbal, trabalhamos com os dados escritos levantados nesta pesquisa e os dados de fala levantados na pesquisa de Santos (2010). A análise, de cunho quantitativo e probabilístico, dos cruzamentos de dados, foi realizada a partir do programa computacional GOLDVARB X. Ao realizarmos o presente estudo, verificamos que em (i), (ii), (iii) há variação entre ausência e presença de marcas de concordância verbal na escrita da referida comunidade, que a variante mais usada é [-conc] e que essa variação é motivada pelos grupos de fatores: escolaridade, distância entre sujeito e verbo, natureza do sujeito e paralelismo formal, de acordo com a ordem de relevância; (iv) a variável extralinguística 'escolaridade' é significativamente relevante para o uso dessa variação na língua usada pela comunidade de fala em estudo; (v) há mais semelhanças do que diferenças no uso dessa variação nos dados de fala e nos dados de escrita.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Concordância verbal – Variação. Escolaridade e concordância verbal. Sociolinguística. Dados de fala e escrita.

ABSTRACT

This paper aims at checking changeable traits on the verbal agreement in the language used by socio-financial unprivileged children who live at philanthropic organizations in the city of Maceió, paying particular attention to the variable role of formal schooling. Making use of William Labov's (2008 [1972]) Variationist Sociolinguistics, we aim at achieving the following objectives: (i) to check if there is variation between absence and presence of verbal agreement marks on the writing of the community in focus; (ii) see what is the variant used in the writing of this community; (iii) to check if there are any linguistic and extra-linguistic factors conditioning that variation, identifying factors conditioning absence and presence of verbal agreement marks; (iv) to verify if formal schooling is a significant variable for the use of such variation in the in the language used by researched speech community; (v) to check if there are similarities or differences in the use of the variation of verbal agreement in the speech data, Santos (2010), and in the writing data of this community. The corpus of this paper is constituted by written productions composed by sixteen informants. For the comparison of the verbal agreement variation use, in the speech and in the writing, we use the written data collected in this research and the speech data collected on Santos's (2010) research. The qualitative and probabilistic analysis of the compared data was carried out from the GOLDVARB X computer program. While carrying out the present study, it was perceived that (i), (ii), (iii) show variation between absence and presence of verbal agreement marks on the writing of the referred community, that the variant most used is [-conc] and also that variation is motivated by group of factors: formal schooling, distance between subject and verb, nature of the subject and formal parallelism, according to the order of relevance and; (iv) the social variable 'formal schooling' is significantly relevant in the language used by researched speech community; (v) there are more similarities than differences.

Keywords: Brazilian Portuguese language. Verbal agreement – Variation. Formal schooling and verbal agreement. Sociolinguistic. Speech data and writing data.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 – Distribuição dos colaboradores segundo fatores extralinguísticos _____ 63**
- Tabela 2 – Distribuição das variáveis linguísticas segundo a variável dependente ‘[+conc] e [-conc] _____ 65**
- Tabela 3 – Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] na escrita de menores carentes da cidade de Maceió _____ 75**
- Tabela 4 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *escolaridade* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável _____ 79**
- Tabela 5 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *distância entre sujeito e verbo* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável _____ 83**
- Tabela 6 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *natureza do sujeito* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável _____ 87**
- Tabela 7 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *paralelismo formal da sequência verbal* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável _____ 90**
- Tabela 8 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *faixa etária* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável _____ 94**
- Tabela 9 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *tempo de permanência na instituição filantrópica* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável _____ 98**

Tabela 10 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável <i>grau de formalidade</i> e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável _____	101
Tabela 11 – Cruzamento entre as variáveis <i>escolaridade</i> e <i>distância entre sujeito e verbo</i> _____	104
Tabela 12 – Cruzamento entre as variáveis <i>escolaridade</i> e <i>natureza do sintagma sujeito</i> _____	105
Tabela 13 – Cruzamento entre as variáveis <i>escolaridade</i> e <i>paralelismo formal da sequência verbal</i> _____	105
Tabela 14 – Cruzamento entre as variáveis <i>escolaridade</i> e <i>faixa etária</i> _____	106
Tabela 15 – Cruzamento entre as variáveis <i>escolaridade</i> e <i>tempo de permanência na instituição filantrópica</i> _____	107
Tabela 16 – Cruzamento entre as variáveis <i>escolaridade</i> e <i>grau de formalidade</i> _____	107
Tabela 17 – Cruzamento entre as variáveis <i>escolaridade</i> e demais variáveis estudadas a partir dos dados de fala _____	108
Tabela 18 – Tabela comparativa com dados probabilísticos da variação de CV de acordo com a variável <i>escolaridade</i> na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo _____	113
Tabela 19 – Tabela comparativa com dados probabilísticos da variação de CV de acordo com a variável <i>tempo de permanência na entidade filantrópica</i> na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo _____	116

Tabela 20: Tabela comparativa com dados probabilísticos da variação de CV de acordo com a variável *natureza do sintagma sujeito* na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo _____ 117

Tabela 21: Tabela comparativa com dados probabilísticos da variação de CV de acordo com a variável *elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo* na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo _____ 119

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 – Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] na escrita de menores carentes da cidade de Maceió _____ 76**
- Gráfico 2 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *escolaridade* _____ 78**
- Gráfico 3 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *distância entre sujeito e verbo* _____ 82**
- Gráfico 4 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *natureza do sujeito* ____ 85**
- Gráfico 5 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *paralelismo formal da sequência verbal* _____ 89**
- Gráfico 6 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *faixa etária* _____ 93**
- Gráfico 7 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *tempo de permanência na instituição filantrópica* _____ 96**
- Gráfico 8 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *grau de formalidade* _____ 100**
- Gráfico 9 - Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV na fala e na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió _____ 111**
- Gráfico 10 – Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV de acordo com a variável *escolaridade* na fala e na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió _____ 113**

Gráfico 11 – Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV de acordo com a variável *tempo de permanência na entidade filantrópica* na fala e na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió _____ 115

Gráfico 12 – Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV de acordo com a variável *natureza do sintagma sujeito* na fala e na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió _____ 117

Gráfico 13 – Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV de acordo com a variável *elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo* na fala e na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió _____ 118

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
1 FENÔMENO EM ESTUDO E REFERENCIAL TEÓRICO	22
1.1 Concordância verbal	22
1.1.1 A concordância verbal na Gramática Tradicional	24
1.1.2 Estudos sociolinguísticos sobre concordância verbal.....	27
1.1.2.1 Variável posição do sujeito em relação ao verbo.....	30
1.1.2.2 Variável distância entre sujeito e verbo.....	31
1.1.2.3 Variável natureza do sujeito.....	32
1.1.2.4 Variável paralelismo formal.....	33
1.1.2.5 Variável grau de formalidade.....	34
1.1.2.6 Variável escolaridade.....	36
1.1.2.7 Variável faixa etária.....	37
1.1.2.8 Variável tempo de permanência na entidade filantrópica	38
1.2 Teoria da variação e mudança linguística	39
2 REFERENCIAL METODOLÓGICO	47
2.1 A metodologia da pesquisa em Sociolinguística Variacionista	47
2.2 Hipóteses e objetivos da pesquisa	51
2.3 Constituição do <i>corpus</i>	53
2.3.1 A comunidade de fala	53
2.3.1.1 Entidades filantrópicas	54
2.3.1.2 Menores carentes que vivem em entidades filantrópicas.	57
2.3.2 Coleta de Dados.....	60
2.3.3 O <i>corpus</i>	61
2.4 Variável dependente e variáveis independentes	64
2.5 Quantificação dos dados	68

3	ANÁLISE DOS DADOS	74
3.1	Variável dependente	74
3.2	Variáveis significativas	76
3.2.1	Escolaridade.....	76
3.2.2	Distância entre sujeito e verbo.....	80
3.2.3	Natureza do sujeito.....	83
3.2.4	Paralelismo formal da sequência verbal.....	87
3.3	Variáveis não-significativas	90
3.3.1	Faixa etária.....	91
3.3.2	Tempo de permanência na instituição filantrópica.....	94
3.3.3	Grau de formalidade.....	98
3.4	A variável escolaridade e sua relação com demais variáveis	102
3.5	A variação de concordância verbal na língua usada por menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió: comparação entre dados de fala e dados de escrita	109
3.5.1	A variável escolaridade.....	111
3.5.2	A variável tempo de permanência na entidade filantrópica.....	113
3.5.3	A variável natureza do sujeito.....	115
3.5.4	A variável distância entre sujeito e verbo.....	117
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
	REFERÊNCIAS	125
	APÊNDICES	131
	ANEXOS	133

APRESENTAÇÃO

A diversidade linguística vem despertando bastante interesse dentre os estudos linguísticos. A vertente linguística que se preocupa em dar conta do aparente caos linguístico provocado, também aparentemente, pela variação linguística é a Sociolinguística, mais especificamente, a Sociolinguística Variacionista, que tem William Labov (2008 [1972]) como seu principal precursor. Essa vertente linguística procura compreender o comportamento linguístico variável, descrevendo e analisando o real funcionamento da língua.

Diferentemente do saber comum, que vê a fala como a forma desestruturada e heterogênea e a escrita como a forma estruturada e homogênea, para a Sociolinguística Variacionista, a heterogeneidade linguística está presente não só na língua falada, mas também na forma escrita da língua. Essa vertente linguística, portanto, acredita que o sistema linguístico é intrinsecamente heterogêneo e socialmente determinado ao correlacionarmos a língua a influências de fatores estruturais e sociais.

Estudos sobre a variação de concordância verbal (CV) é uma das investigações que mais vem sendo desenvolvida. Esses estudos vêm demonstrando uma regra variável de CV, cuja alternância entre as variantes presença e ausência de marcas de CV ([+conc] e [-conc]), ocorre devido ao condicionamento de fatores tanto de ordem interna como externa à língua.

No processo de CV, a estrutura analisada é a que se dá entre o sujeito e o verbo. De acordo com estudos sociolinguísticos, esse processo não implica necessariamente que todas as marcas de CV estejam presentes para que de fato esse processo funcione. Na verdade, os sociolinguistas que investigam a variação de CV consideram que o fato de tanto o sintagma sujeito quanto o verbo possuírem marcas de número e de pessoa acaba tornando esse processo redundante.

Contudo, a ausência de marcas de CV, ou seja, a ausência da flexão verbal é considerada pela gramática tradicional (GT) como uma forma desprestigiada e, portanto, estigmatizada, tanto quando ocorre na língua oral quanto na escrita. Esse pensamento proliferado é responsável por tornar a ausência de CV um dos traços linguísticos do português brasileiro (PB) muito estigmatizado socialmente. A escola, por utilizar essa gramática no processo de ensino-aprendizagem do PB, acaba proliferando o preconceito linguístico e silenciando a voz do aluno,

tendo em vista que ele traz para a escola um uso linguístico muitas vezes bem distante daquilo que essa gramática e, conseqüentemente, a instituição escolar espera que o aluno aprenda.

Tendo em vista o exposto, pretendemos realizar um estudo sociolinguístico variacionista sobre o comportamento variável da CV na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió. Procuramos alcançar, mais especificamente, os seguintes objetivos: (i) observar se há variação entre [+conc] e [-conc] na escrita da referida comunidade de fala, considerando o controle das variáveis linguísticas: distância entre sujeito e verbo, natureza do sujeito, paralelismo formal da sequência verbal e grau de formalidade; e das variáveis extralinguísticas: escolaridade, tempo de permanência na instituição filantrópica e faixa etária; (ii) verificar qual das duas variantes é mais usada pela comunidade de fala em investigação; (iii) observar se há grupo de fatores linguísticos e sociais condicionando essa variação, identificando os fatores que levam mais ao uso de [+conc] e os que levam mais ao uso de [-conc]; (iv) observar se a escolaridade é uma variável significativa para o uso dessa variação na língua usada pela comunidade de fala em estudo; e (v) verificar se há mais semelhanças ou diferenças no uso da variação de CV nos dados de fala, de Santos (2010), e nos dados de escrita dessa comunidade.

Para o desenvolvimento deste trabalho, coletamos os dados linguísticos através da realização de produções escritas, que envolviam textos informais, semiformais e formais, representados, respectivamente, por carta pessoal, textos do tipo narrativo e dissertativo. Foram selecionados dezesseis informantes, estratificados de acordo com as variáveis sociais estabelecidas para o presente estudo. A amostra desta pesquisa é composta por quarenta e oito produções escritas e o nosso envelope de variação é constituído por cento sessenta e nove construções que apresentam ou não marcas de CV. Para a etapa da quantificação dos dados, fizemos uso da versão mais atual do programa computacional VARBRUL, o GOLDVARB X (SANKOFF et al, 2005). Para podermos comparar nossos dados escritos com dados orais, abordamos nosso trabalho de dissertação de mestrado, que estudou o mesmo fenômeno linguístico na língua falada da mesma comunidade de fala (SANTOS, 2010).

Com esta pesquisa, pretendemos, portanto, desenvolver um estudo sociolinguístico descritivo, ainda não realizado em Alagoas, da CV na escrita de menores carentes que vivem em regime de semi-internato em entidades filantrópicas de Maceió com o intuito de buscar os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar influenciando a variação entre [+conc] e [-conc]. Por considerarmos que a CV é uma regra variável e que suas variantes são usadas não só na fala,

mas também em textos escritos pelos membros da referida comunidade de fala, selecionamos a Sociolinguística Variacionista, de Labov (2008 [1972]) para realizarmos a descrição desse comportamento variável.

O interesse pela comunidade de fala anteriormente citada se justifica pelo fato de menores carentes fazerem parte de uma comunidade fortemente marcada pelas condições sociais e pela estigmatização por parte da sociedade. Mas, ao mesmo tempo em que os menores carentes sofrem essa estigmatização, precisam ser aceitos por essa sociedade, passando por um processo de institucionalização em que a pressão social é também fortemente exercida. O conjunto desses fatores nos instiga a verificar se eles representam influência significativa sobre o comportamento linguístico dessa comunidade.

A escassez de estudos referentes à língua escrita de classes marginalizadas também é um fator que incentiva a realização deste estudo. Uma língua desconhecida pode gerar deduções linguisticamente não fundamentadas a respeito dela. Assim, ao propor este estudo, pioneiro em Alagoas, esperamos, de certa forma, diminuir tais deduções, uma vez que pretendemos mostrar a realidade linguística da referida comunidade de fala.

Tendo em vista a escassez de estudos referentes à língua falada e escrita de menores carentes que vivem em regime de semi-internato em entidades filantrópicas de Maceió e que essa língua surge como “uma amostra representativa de segmentos marginalizados da população” (MACHADO, 2000, p. 5), parece-nos necessárias uma investigação sistemática e uma caracterização, o mais precisa possível, da língua escrita dessa comunidade.

Esperamos, assim, que esta pesquisa possa contribuir para uma melhor compreensão da CV na língua portuguesa e, assim, para o encaixamento da CV no quadro sociolinguístico. Esperamos também contribuir para uma melhor abordagem da CV pelas escolas, uma vez que pretendemos mostrar que essa abordagem deve ser repensada, já que essas instituições parecem desconsiderar a existência da variação linguística.

Tendo em vista o exposto, o presente estudo está organizado da seguinte forma: no capítulo 1, apresentamos o fenômeno linguístico variável em estudo e reunimos os principais pressupostos teóricos que norteiam nossa pesquisa; no segundo capítulo, apresentamos o passo a passo metodológico do trabalho e a comunidade de fala selecionada para o estudo, além dos nossos objetivos, hipóteses, variáveis dependente e independentes estudadas; no capítulo 3, apresentamos e discutimos os resultados estatísticos obtidos através da rodada realizada pelo

programa computacional Goldvarb X. Além disso, realizamos o cruzamento de dados da variável escolaridade com as demais variáveis em estudo, a fim de refletir sobre o papel dessa variável mediante o uso da variação linguística em estudo, e refletimos sobre semelhanças e diferenças entre dados de fala e dados de escrita, tendo como base a variação de CV.

1 FENÔMENO EM ESTUDO E REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos o fenômeno linguístico em estudo a partir das visões da Gramática Tradicional e da Sociolinguística. Na visão sociolinguística, reunimos alguns trabalhos que possam contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno em estudo e que servirão de base para a análise dos dados desta pesquisa.

Neste capítulo, também reunimos os principais pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) que consideramos relevantes para uma abordagem do fenômeno em estudo à luz dessa teoria.

1.1 Concordância verbal

A realização da CV na língua portuguesa se dá entre o sujeito e o verbo¹. Esse processo implica a flexão das formas verbais “de modo a coaduná-las com o número e a pessoa do sujeito a que corresponde na cadeia oracional ou na superfície textual” (RODRIGUES, 1997, p. 31). Entretanto, o fato de tanto o sujeito quanto o verbo possuírem marcas de número e de pessoa acaba tornando esse processo redundante. Assim, algumas realizações de CV são possíveis:

- a. Nós *vivemos*² *bem*.³
- b. *Vivemos* bem.
- c. Nós *vive* bem.

¹ Característica que não é exclusiva da língua portuguesa.

² Neste trabalho, os elementos sublinhados correspondem ao sujeito e os que estão em itálico ao verbal e assim, temos a estrutura analisada neste trabalho (sujeito mais verbo).

³ Os exemplos de (a.) a (c.) foram construídos para ilustração. Os demais exemplos, numerados, apresentados nesta pesquisa são trechos retirados do nosso *corpus*.

Verificamos em (a.) que a marca de primeira pessoa do plural encontra-se tanto no sujeito, através do pronome *nós*, quanto no verbo, através da terminação *-mos* (vivemos), já em (c.) essa marca aparece apenas no sujeito (pronome *nós*). Em (b.) o sujeito não está preenchido, mas mesmo assim podemos identificá-lo. Assim, neste caso, a ausência de marcas de CV parece-nos ser mais um caso de omissão de redundância do que de falta de CV, já que podemos identificar o sujeito, preenchido ou não. A redundância está, portanto, no fato de mencionarmos a primeira pessoa do plural duas vezes. Contudo, a ausência de marcas de CV, ou seja, da flexão verbal é considerada por alguns estudiosos da língua como uma forma desprestigiada e, portanto, estigmatizada, tanto quando ocorre na linguagem escrita quanto na oral. Esse pensamento proliferado é responsável por tornar a ausência de CV um dos traços linguísticos do PB mais estigmatizado socialmente. Veremos adiante duas visões acerca da CV. A primeira está preocupada com a língua escrita, enquanto a segunda, com o estudo da língua, seja ela escrita ou falada.

Mas antes, devemos destacar que nome e pronome, por serem morfologicamente diferentes, apresentam processos de concordância específicos. Morfologicamente, o nome expressa flexão de gênero e número, enquanto o pronome expressa flexão de número e de pessoa e, em alguns casos, de gênero.

A flexão de número em português categoriza os nomes e pronomes em singular e plural. O número é uma categoria explícita tanto sob o ponto de vista conceptual como mórfico. Conforme Mattoso Câmara Jr. (1875, p. 75), conceptualmente, há uma oposição entre um único indivíduo (singular) e mais de um indivíduo, ou seja, uma coletividade (plural); morfologicamente, o singular é marcado pela ausência de um morfe (morfema-zero), e o plural pela presença do morfe *-s*. A flexão de número dos nomes é dada morficamente, já a flexão de número dos pronomes pode ser conceptual ou mórfica, vai depender do pronome. A flexão de número dos pronomes ‘ele/ela’ é dado morficamente, já a dos pronomes ‘nós’ e ‘eu’ é dado conceptualmente. Logo, o morfema de plural dos nomes e dos pronomes ‘ele/ela’ é *-s*⁴, mas não é o morfema dos pronomes ‘eu’ e ‘nós’.

AØ meninaØ (singular) / As meninas (plural)

ElaØ (singular) / Elas (plural)

⁴ Há outras formas de realização como as palavras ‘lápiz’ e ‘ônibus’.

Eu (individualidade/ singular) / Nós (coletividade/ plural)

A flexão de pessoa em português categoriza pronomes e verbos em 1ª (quem fala), 2ª (com quem se fala) e 3ª pessoa (sobre quem se fala). A flexão pronominal é estabelecida através da declinação, já a verbal é dada através da conjugação.

Além disso, precisamos levar em consideração que o português, assim como o espanhol e outras línguas, é uma língua que possui uma morfologia para o nome e outra diferente para marcar o verbo. Na morfologia nominal, o morfema, menor unidade linguística com significado⁵, expressa apenas uma única informação, por exemplo, o morfema -s expressa apenas o plural. Na morfologia verbal, o mesmo morfema veicula várias informações, por exemplo, o morfema ‘-mos’ veicula ao mesmo tempo duas ideias distintas: uma é a de pessoa do discurso (1ª pessoa) e a outra é a ideia de número (plural). Há, portanto, na flexão verbal do português, diferentemente da morfologia nominal, o fenômeno da cumulação de noções gramaticais em um único morfe (SILVA, 2009). Assim, mesmo que tenhamos sentenças como ‘Nós comemo’ ou ‘Comemo’ o processo de concordância verbal está mantido através do morfema –mos. Nesse caso, a ausência da letra ‘s’ não vai interferir no processo de concordância, até porque não se constitui um morfema, não representa significação. Diferentemente do que ocorre na sentença ‘Nós come’, em que a ausência do morfema –mos, que é exigido pelo pronome ‘nós’, leva a outras informações (3ª pessoa do singular), ocorrendo a não concordância entre sujeito e verbo.

1.1.1 A concordância verbal na Gramática Tradicional

A GT, também conhecida por gramática normativa, devido ao seu caráter normativo, tem como pretensão prescrever a norma padrão da língua, procurando estabelecer um sistema de instruções que define a forma “correta” dessa língua. Por considerar a língua falada um caos linguístico e um sistema difícil de ser padronizado, a GT se detém ao estudo da língua escrita padrão.

⁵ Não queremos aqui entrar na discussão de que a menor unidade linguística é o morfema ou a palavra.

Quando observamos o objetivo da GT, parece ficar claro o reconhecimento da variação linguística, uma vez que ela assume a existência de duas formas linguísticas possíveis, considerando uma como a regra a ser seguida e a outra como um “desvio”, isto é, algo que fere as regras da norma padrão. Assim, a GT insere nos estudos sobre a linguagem as formas consideradas “corretas” e “incorretas” e, conseqüentemente, uma visão preconceituosa do uso da linguagem.

Quanto à CV, o que a GT chama de “falha”, “erro” ou “desvio” é a ausência de marcas de CV e o “correto” é a CV realizada através da presença de todas as marcas (de número, de pessoa, de tempo e de modo) envolvidas no processo de concordância.

Dessa forma, na tentativa de evitar o “erro”, a GT elabora regras que “levam” a uma forma “correta”, não fornecendo “ao estudioso da linguagem uma teoria adequada para descrever o funcionamento gramatical da língua” (MARTELOTTA, 2008, p. 45). Uma simples observação da GT nos permite verificar isso.

Vejam, especificamente, a CV tratada de acordo com essa gramática. Na *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2004, p. 543)⁶, encontramos a seguinte definição para CV “concordância que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração”.

Bechara divide o estudo da CV em três partes: A – concordância de palavra para palavra, que pode ser total ou parcial, “conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo dos vocábulos determinados numa série de concordância” (Idem), oferecendo alguns exemplos, a saber: ‘Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade’ e ‘Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia’ (p. 554); B – concordância de palavra para sentido, feita quando o sujeito simples é um nome ou um pronome que tem uma ideia de coleção ou grupo: ‘A gente vamos’, mas o gramático enfatiza que “a língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa desagradável ao ouvido”⁷ (p. 555); e C – outros casos de concordância verbal, em que são apresentados vinte e dois casos, destacamos apenas o que diz respeito ao sujeito formado por pronomes pessoais. Conforme Bechara (p. 555-556),

⁶ Bechara se diz ser funcionalista em sua gramática, entretanto, concordamos com Bagno (2008) na observação de que a gramática em questão “deixa transparecer o vaivém do autor entre duas atitudes contrapostas: o descritivismo que analisa a língua pela ótica de uma teoria científica (no caso, uma vertente do funcionalismo) e a atitude normativa que tenta preservar o que ele chama de “língua exemplar” (adjetivo muito eloquente por si só)”.
⁷ Notem que, ao afirmar isso, Bechara não está sendo funcionalista, mas purista, preocupado com a “pureza” da linguagem.

se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1ª pessoa do plural: ‘*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu’. Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2ª pessoa do plural: ‘E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.e, tu, ele) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus...’.

Ao observarmos o tratamento da CV na gramática de Bechara, verificamos que a CV é complexa demais para ser sistematizada normativamente e que, por isso, há inúmeras regras com várias exceções. No entanto, isso não é exclusivo da *Moderna gramática portuguesa* de Bechara. Na *Nova Gramática do português contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2008), assim como todas as GTs, observamos como a CV é abordada de forma exaustiva.

Cunha e Cintra (p. 510) reconhecem que há uma “variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito” e que “a *concordância* evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada: ‘**Eu acabei** por adormecer no regaço de minha tia. Quando **acordei**, já era tarde, não **vi** meu pai’”.

Os autores apresentam como regras gerais os subtópicos: ‘Com um só sujeito’, quando “o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido: ‘**A paisagem ficou espiritualizada. Tinha adquirido** uma alma’” (Idem, p. 511, grifo do autor), e ‘Com mais de um sujeito’, quando “o verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural” (Idem, grifo do autor): ‘Só **eu e Florêncio ficamos calados**, à margem’, ‘Quando **o Loas e a filha chegaram** às proximidades da courela, logo se **anunciaram**’ (Idem).

Em seguida, são apresentados dezesseis casos particulares. Vamos destacar apenas o caso ‘concordância com o sujeito mais próximo’: “o verbo que tem mais de um sujeito pode concordar com o sujeito mais próximo: a) quando os sujeitos vêm depois dele: ‘Que te **seja** propício **o astro e a flor**’ (Idem, p. 523).

Semelhante à gramática de Bechara, a gramática de Cunha e Cintra apresenta exaustivamente diversas regras e as sentenças ilustrativas apresentadas são exemplos retirados da língua culta. Ambas as gramáticas, apesar de reconhecerem a diversidade linguística, estão preocupadas em preservar a norma culta, descartando o fato de que a língua passa naturalmente por um processo de mudança ao longo do tempo.

Após essa breve tentativa de mostrar como a GT, a partir das gramáticas selecionadas, aborda a CV, podemos afirmar que, para essa gramática, a concordância entre sujeito e verbo, no

PB, é uma regra obrigatória. Dessa forma, são estabelecidas inúmeras regras, pouco criteriosas, que tentam sistematizar esse assunto, porém, o que se vê é que também há um grande número de exceções, comprovando que tal sistematização é complexa, principalmente, quando se leva em consideração tal abordagem.

Uma preocupação comum aos linguistas é o fato da GT ser a gramática utilizada nas aulas de português nas escolas brasileiras. A maneira como a GT aborda a linguagem transmite preconceitos linguísticos, além disso, os exemplos apresentados por ela são pouco ilustrativos, uma vez que são exemplos distantes da língua usada pelos estudantes. Esses fatores, associados a outros, podem surgir como fatores motivadores da exclusão escolar.

A fim de alcançar uma teoria que descreva adequadamente o funcionamento gramatical das línguas, vários estudos linguísticos surgiram e contribuíram para um certo enfraquecimento da visão normativa, apesar dessa visão ainda predominar em sala de aula. Interessa-nos a visão sociolinguística acerca da CV, que evidencia, através do estudo da língua usada no cotidiano, o contraste entre a visão normativa e a realidade em que a CV se apresenta.

1.1.2 Estudos sociolinguísticos sobre concordância verbal

A Sociolinguística é o ramo da Linguística que estuda a variação linguística a fim de comprovar que a língua é governada por fatores linguísticos e extralinguísticos sistemáticos. Assim, sua atenção recai sobre a heterogeneidade linguística, que nessa área não só é reconhecida, mas assumida como objeto de estudo.

Para a sociolinguística, a língua apresenta um dinamismo próprio, possuindo formas diferentes, mas que são semanticamente equivalentes. Essas formas, diferentemente da visão normativa, não são consideradas desvios. A língua permite a construção das mesmas e, por isso, devem ser respeitadas. Cabe ao falante usar a forma mais apropriada em cada contexto. Esse contexto diz respeito, por exemplo, ao local em que a língua está sendo usada e ao grau de formalidade.

Partindo desse pensamento, observamos que na visão sociolinguística não há espaço para preconceitos linguísticos, uma vez que essa área tenta dar uma explicação plausível para a

ocorrência dos chamados “desvios” da gramática normativa. A sociolinguística se preocupa com a língua falada no cotidiano, mas não descarta ou estigmatiza as demais modalidades da língua. O que interessa à Sociolinguística é a descrição das variações linguísticas. Logo, a principal crítica da sociolinguística aos estudos normativos recai sobre o fato de eles descartarem de seus estudos a característica de que a língua é intrinsecamente heterogênea, procurando cristalizar aquilo que está em processo de variação e pode ser sistematizado (GRACIOSA, 1991).

Preocupados com essa diversidade linguística, muitos estudos vêm sendo desenvolvidos de acordo com os pressupostos teóricos da Sociolinguística, ou seja, estudos que levam em consideração que a língua varia conforme o contexto em que ela é utilizada, e, assim, que ela sofre influências não só internas ao seu sistema, mas também externas a ele.

Um tipo de estudo que possui destaque dentre as pesquisas sociolinguísticas são os que dizem respeito à concordância sujeito-verbo no PB. A CV desperta ainda mais a atenção devido à grande quantidade de regras estabelecidas pela GT que não são aplicadas ao uso da língua e também devido à exclusão e estigmatização das formas que não seguem a norma padrão da língua. A GT só reconhece o processo de concordância quando todas as marcas envolvidas nesse processo encontram-se presentes. Como vimos no início deste capítulo, tal posicionamento apresenta problemas, uma vez que, para que ocorra o processo de concordância, é necessária apenas a presença de uma marca de CV. Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos vêm demonstrando que a regra de CV é uma regra variável e que essa variabilidade vai depender da influência de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Moura (2007, p. 20) assume “que a concordância verbal pode ser considerada uma regra variável, mesmo em se tratando da norma culta da língua”. Bechara (2004, p. 544) também destaca essa flexibilidade: “é preciso estar atento à liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece”. Porém, fica clara a diferença entre as duas falas, em que Bechara faz a ressalva a fim de que se tenha cuidado com essa liberdade para “não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo”, enquanto Moura procura destacar a variação a fim de que a concordância entre sujeito e verbo possa ser abordada de maneira adequada nas escolas, segundo os pressupostos sociolinguísticos.

Como já dissemos, as pesquisas sociolinguísticas evidenciam um uso da língua que varia de acordo com fatores internos e externos ao sistema linguístico. Veremos abaixo as principais variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas como significativas para a variação de CV

para que possamos ter uma visão melhor acerca dessa variação. É preciso dizer que abordamos esses fatores procurando destacar a importância deles para o uso variável da CV na língua falada e/ou na escrita.

1.1.2.1 Variável posição do sujeito em relação ao verbo

Sabemos que o PB é uma língua de ordem estrutural 'Sujeito-Verbo-Objeto' (SVO), mas que permite a ordem VS, apesar desta ser pouco usada. A variável 'posição do sujeito em relação ao verbo' vem sendo apontada por várias pesquisas como uma variável importante para o uso da variação de CV.

A pesquisa realizada por Naro e Scherre (2007, p. 95) mostrou que “nove dos 12 autores pesquisados apresentam exemplos de ausência de concordância de plural ou variante zero de plural com *sujeito à direita do verbo* no português europeu não-padrão”.

Nos dados de Costa (1994, p. 319), podemos ver que “a posição do sujeito parece decisiva no controle da variabilidade da concordância verbal”. Costa observou que nas estruturas em que o sujeito se encontra posposto ao verbo ocorre com mais frequência casos de [-conc], exemplo: ‘...ela tinha que... que... *ficava as duas coisas* na cabeça e tudo... (...)’ (Idem, p. 317). Vale destacar que o *corpus* dessa pesquisa é constituído por cem textos produzidos por informantes de diferentes níveis de escolaridade.

Rodrigues (1997) estudou o português falado em Rio Branco (Acre) por pessoas pertencentes à classe social de baixa renda, observando a variação de CV com sujeitos de terceira pessoa do plural, e percebeu a importância da variável posicional para o estudo da referida variação, concluindo que o processo de CV de acordo com a norma padrão é muito frequente se o sujeito estiver posicionado antes do verbo.

O trabalho de Silva (2008, p. 36) dedicou-se ao estudo da variação de CV em textos escritos. O *corpus* desse estudo é constituído por redações escolares de alunos da oitava série e do ensino médio. A pesquisadora observou que nas redações, independente da escolaridade, o sujeito anteposto e próximo ao verbo é a condição preferida para a CV. “Em apenas 3% desse contexto

(6 ocorrências em 207), as formas usadas não seguiram o padrão formal, como, por exemplo, em ‘um deles não *foram*’”.

Em sua pesquisa, Oliveira (p. 8) verifica que a ordem sujeito-verbo, “bem como a proximidade entre o sujeito e o verbo são os contextos que mais favorecem o uso da forma padrão de CV” em terceira pessoa do plural, como, por exemplo, ‘Eles ficaM observando’, ao passo que a ordem verbo-sujeito e a distância entre sujeito e verbo alteram tal tendência para o uso da variante não-padrão.

No trabalho de Santos (2010, p. 106), em que se observou a variação de [+conc] e [-conc] na língua falada, foram obtidas 631 ocorrências com sujeito pré-verbal e apenas 76 ocorrências com sujeito pós-verbal. “Quando o sujeito aparece depois do verbo, a probabilidade do falante usar a variante não-padrão em vez da padrão é bem maior (.33)” (Idem, p. 107).

Os estudos sociolinguísticos, de uma forma geral, vêm mostrando que o sujeito quando aparece antes do verbo favorece a variante [+conc]. Por outro lado, quando o sujeito vem posposto ao verbo, favorece a variante [-conc].

1.1.2.2 Variável distância entre sujeito e verbo

A variável ‘distância entre sujeito e verbo’ também vem sendo apontada pelas pesquisas como condicionante decisiva na variação entre [+conc] e [-conc].

Essa variável é bastante analisada pelas pesquisas sobre variação de CV na língua falada, pois, de certa forma, é comum empregar o sujeito separado do seu verbo, isto é, com um ou mais elementos separando o sujeito do verbo. Esse distanciamento acaba estimulando ainda mais a variação no uso das marcas de CV, pois como é comum ao ato de fala, o falante nem sempre tem a oportunidade de recuperar sua fala para adequá-la à norma padrão. Já na escrita, mesmo o sujeito estando longe, temos a possibilidade de analisar o que está escrito até então e verificar o sujeito, procurando fazer o verbo concordar com esse sujeito de acordo com a norma padrão de CV. Mas, de qualquer forma, os trabalhos sobre produções escritas podem analisar essa variável a fim de observar se mesmo com essa especificidade da escrita, em que se esperaria um número bem menor de casos de [-conc], há um número significativo de casos de variação.

Pudemos observar em Santos (2010) que a distância entre sujeito e verbo foi considerada uma variável significativa. Quando há distância, maior o uso de [-conc] (.29), quando não há, maior o uso de [+conc] (.60).

A pesquisa de Graciosa (1991, p. 69), que investiga a CV na fala culta carioca, mostrou que os sintagmas nominais mais distantes do verbo inibem a concordância, enquanto que, quando há “proximidade linear entre SN e SV⁸ há maior garantia de a regra se aplicar”. A saber: [SN afastado] ‘É verdade que *essas duas horas* que eu dou hoje em dia no Instituto de Química *quer* muito tempo de estudo’ e [SN próximo] ‘*os portugueses* *conhecem* como sopa de entulho’ (grifo nosso).

O trabalho de Santos (1999) sobre a CV na fala de alunos de 1ª à 5ª série do Ensino Fundamental da cidade de Maceió constatou que o uso de marcas de CV tende a ocorrer mais quando existe material entre o sujeito e o verbo, ou seja, quando há distância entre ambos (.43 e .68 de peso relativo para o não uso de marcas de CV e para o uso dessas marcas, respectivamente).

1.1.2.3 Variável natureza do sujeito

A variável ‘natureza do sujeito’ é bastante estudada nas pesquisas sobre a CV, sejam elas relacionadas ao estudo sobre a fala ou sobre a escrita. Os sintagmas pronominais e nominais com valor de primeira e terceira pessoas do plural parecem chamar mais a atenção desses estudos. Assim, a marcação ou não de plural é algumas vezes relacionada à influência da saliência fônica.

Scherre, Naro e Cardoso (2007), no conjunto global dos dados da pesquisa que realizaram, observam que “a única característica do verbo que influencia a concordância plural é a saliência fônica da oposição singular/ plural”. Eles ainda vão além, afirmando que, como característica intrínseca ao verbo, nada mais parece ser relevante na análise dos dados da referida pesquisa e acrescentam que “o tipo de verbo, em especial, não revela efeito sobre a concordância” (Idem).

⁸ As siglas SN e SV significam, respectivamente, sintagma nominal e sintagma verbal.

Scherre e Naro (1998, p. 511) compararam os resultados obtidos nos dados de sua amostra com os obtidos por Naro (1981) e perceberam que, apesar dos dados deste se referirem a dados de analfabetos e os deles se referirem a dados de falantes com 1 a 11 anos de escolarização, esses resultados são semelhantes. Contudo, Scherre e Naro observaram que “os resultados da análise de Naro (1981) evidenciam uma amplitude de variação maior, apresentando uma separação mais nítida entre as diversas categorias de cada um dos níveis”.

A pesquisa de Oliveira (p. 8), que investigou a CV de terceira pessoa do plural na cidade de Vitória da Conquista/BA, constatou uma forte tendência a não marcação de plural nos verbos de oposição não acentuada, o que “se dá em virtude de esse ser um contexto fônico menos saliente, conseqüentemente, menos perceptível, logo, menos marcado”.

Naro e Scherre (2007, p. 100), ao analisar pesquisas a respeito do português europeu, observam que a pesquisa de Peixoto (1968) mostra “inicialmente a perda da nasalidade em ambientes onde se preserva a marca explícita de plural, produzindo formas como *eles comero*” (grifo do autor).

Verificamos, portanto, a preferência pelo estudo da saliência fônica. Contudo, outros estudos vão além, abordando mais variantes, não sendo possível a explicação da saliência fônica para todas elas. Neste trabalho, para o estudo da variável ‘natureza do sujeito’, selecionamos os fatores ‘expressão pronominal *a gente*’, ‘1ª pessoa do plural’, ‘pronomes no plural’ e ‘sintagmas nominais no plural’. Analisamos tanto os pronomes pessoais quanto os pronomes demonstrativos, possessivos, indefinidos, presentes no nosso *corpus*.

1.1.2.4 Variável paralelismo formal

O paralelismo formal, tendência à repetição sucessiva de formas na mesma estrutura linguística, também aparece em algumas pesquisas que se preocupam com o estudo da variável CV. Esse recurso é usado tanto na fala quanto na escrita para evitar a repetição do mesmo sujeito. Sendo assim, essa variável causa interesse nas pesquisas que estudam ambas as modalidades da língua.

O já referido trabalho de Santos (1999) aponta que a presença da forma plural zero em todos os elementos do sintagma nominal sujeito é um fator linguístico que condiciona [+conc] na fala desses alunos. A exemplo, a autora (Idem, p. 51) apresenta sentenças retiradas do *corpus* da sua pesquisa: ‘*a gente* ficou se *a turma todinha* (ficou) sem i pro recreio’.

Os resultados obtidos pela pesquisa de Graciosa (1991, p. 79) mostraram que o paralelismo formal “detona a repetição da marca de plural nos verbos; se o primeiro for marcado, os seguintes o acompanharão”, exemplo: ‘As moças arranjam os problemas delas, lá fora e voltam pra casa pra mamãe criar o que elas arranjaram lá fora, não é?’ (Idem, p. 52, grifo do autor).

Nos dados de Vieira (1994, p. 325), a hipótese levantada pela autora de que “as marcas do SN sujeito conduzem a marcas do SV, conforme o princípio do Paralelismo” pôde ser confirmada.

Gomes e Araújo (2010, p. 443), ao realizarem um estudo sobre a CV com a terceira pessoa do plural no português popular falado em Feira de Santana/BA, selecionaram a variável paralelismo formal, que foi o segundo grupo de fatores linguísticos considerado como significativo para tal estudo. Nessa investigação, as pesquisadoras analisaram [+conc] e [-conc] da marca formal de plural nos verbos e observaram que o fator que menos favorece a aplicação da concordância foi a forma isolada, que apresentou o peso relativo (.78).

1.1.2.5 Variável grau de formalidade

Tanto a língua falada quanto a escrita apresentam distintos graus de formalidade, sendo, portanto, interesse de estudos sociolinguísticos. Podemos compreender o grau de formalidade como uma escala que vai de um menor até um maior monitoramento dos usos linguísticos.

Considerar a língua falada como a modalidade da língua informal e a escrita como sendo a formal é generalizar e banalizar tal discussão. Podemos encontrar baixo grau de formalidade em um texto escrito e alto grau de formalidade em uma produção oral, por exemplo. Abordando

especificamente a modalidade escrita da língua, podemos relacionar alguns tipos e gêneros textuais⁹ como contextos linguísticos que levam mais a um ou outro grau de formalidade.

Elaborar textos dissertativos requer um certo domínio da modalidade formal escrita da língua, haja vista que é preciso expor e defender uma ideia, a partir de um determinado ponto de vista, através de argumentos e fatos. Logo, é necessário conhecer bem a ortografia e o vocabulário da língua padrão, além de ter um bom conhecimento do tema a ser abordado. Uma narração constitui o ato de contar uma história real ou fictícia. Apesar de também impor certas normas, exigindo um certo conhecimento dos aspectos linguísticos e textuais, contar uma história está ligado ao nosso dia a dia desde quando somos crianças, é bem mais simples do que defender rigorosamente bem uma opinião. Ainda mais familiar é o gênero textual carta pessoal, que representa um texto informal quando o destinatário é uma pessoa familiar, como um amigo ou um irmão.

Levando em consideração o que foi exposto, assumiremos, nesta pesquisa, o gênero textual carta pessoal como representante do texto informal, já que os destinatários eram pessoas íntimas dos remetentes, o texto narrativo como caracterizador do texto semiformal e o texto argumentativo como texto formal. Essa definição foi feita respeitando o nível de dificuldade relacionado a aspectos linguísticos e textuais que o aluno deve ter aprendido para poder fazer as produções textuais, uma vez que sabemos que esses textos são ensinados respeitando o nível de escolaridade. O texto dissertativo, por exemplo, é trabalhado normalmente com alunos de maior nível escolar do que o texto narrativo.

Ao abordar essa variável, os estudos sobre CV têm como interesse observar se o grau de formalidade das produções orais e escritas influenciam o uso da variação entre [+conc] e [-conc].

Devemos, ainda, fazer uma ressalva quanto à ausência do estudo da variável ‘tipo textual’ neste trabalho, uma vez que é uma variável bastante estudada quando a pesquisa se propõe a analisar a língua escrita. Como os fatores dessa variável iriam coincidir com alguns fatores da variável ‘grau de formalidade’, optamos por estudar apenas esta, já que também permitiria a análise do gênero textual ‘carta pessoal’.

⁹ Segundo Marcuschi (2002, p. 23-24), tipo textual é uma “espécie de construção teórica definida pela *natureza linguística* de sua composição”, já gênero textual é “uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”.

1.1.2.6 Variável escolaridade

A variável extralinguística ‘escolaridade’ sempre despertou interesse nos sociolinguistas, que procuram verificar de que maneira essa variável se correlaciona com os fatores linguísticos e qual a limitação dessa correlação.

Tendo em vista que a escola incute padrões e normas linguísticas, estéticas e morais, podemos dizer que a influência dessa variável é correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança (VOTRE, 2003, p. 51), revelando-se, assim, importante para os estudos sociolinguísticos.

Não há como negar que existe uma influência dos padrões de correção impostos pela gramática [tradicional] sobre as restrições de combinação dos elementos linguísticos, que tende a crescer à medida que aumenta o nível de escolaridade do falante ou o grau de formalidade exigido pelo contexto de uso (MARTELOTTA, 2008, p. 46-47).

Um dos resultados alcançado pela pesquisa de Vieira (1994, p. 326) é a conclusão de que

nos segmentos da população brasileira que gozam dos direitos da cidadania e possuem um grau de escolaridade elevado, o estigma que recai sobre a ausência da regra de concordância inibe tendências latentes de simplificação na estrutura morfossintática da língua. Já entre os segmentos da base da pirâmide social, observa-se um quadro amplo de variação cuja origem estaria no processo de transmissão linguística irregular.

Pedrosa e Hora (2000, p.106), ao realizarem uma pesquisa que se propõe a observar a ordem sujeito-verbo na comunidade de João Pessoa, chegam à conclusão de que “mesmo discretamente, os informantes com nenhum ano de escolarização favorecem a ordem VS” e, como já vimos, essa ordem parece influenciar a variante [-conc]. Dessa forma, podemos dizer que esses informantes tendem a usar a forma não-padrão de CV.

Em seu trabalho, Rodrigues (1997) obteve como resultado de pesquisa que a escolarização no nível mais alto, no caso as últimas séries do primeiro grau, é um dos fatores responsáveis por aumentar as chances da variante padrão ser processada.

O trabalho de dissertação de Santos (2010, p. 115) apontou a variável escolaridade exercendo importante influência na fala de menores carentes que vivem em entidades

filantrópicas de Maceió, “já que à medida que o nível de escolaridade desses falantes vai aumentando, cresce também o uso de formas que são trabalhadas nas escolas e vistas como as formas “corretas” e de “prestígio social”.

A variável ‘escolaridade’, também chamada de ‘escolarização’, é estudada tanto por pesquisas que observam a variável CV na língua falada quanto na escrita. Tais estudos são importantes para analisarmos a atuação das escolas quanto ao papel que se pretende desenvolver na sociedade.

1.1.2.7 Variável faixa etária

A faixa etária também é uma variável bastante estudada pelas pesquisas sociolinguísticas variacionistas que se preocupam com a variação entre [+conc] e [-conc]. O objetivo é verificar qual faixa etária tende a influenciar mais o uso da variante padrão em detrimento da não-padrão e vice-versa.

O artigo *Parâmetros Sociolinguísticos do Português Brasileiro*, de Lucchesi (2006, p. 103), constata que na comunidade rural afro-brasileira de Helvécia, situada no extremo sul do estado da Bahia,

o nível de variação é mais alto entre os membros mais velhos da comunidade de fala, chegando a 35% de falta de concordância entre os falantes de mais de 60 anos. E essa falta de concordância vai diminuindo progressivamente à medida que se passa para as faixas etárias mais jovens.

No decorrer da já citada pesquisa de Vieira (1994, p. 326), a faixa etária, junto com outros grupos de fatores, não se mostrou relevante para o condicionamento da CV.

Santos (1999) teve como objetivo observar se os fatores sociais sexo, faixa etária e escolarização são condicionantes na variação entre [+conc] e [-conc]. Essa pesquisa mostrou que, com referência à idade, o fator que obteve menos marcas de CV foi a faixa etária de 8 a 10 anos (33%).

Como pudemos observar, há pesquisas que apontam a variável ‘faixa etária’ como significativa para o uso da variação de CV e outras como não significativas. Neste trabalho,

pretendemos observar se a atuação dessa variável é relevante, ou seja, se crianças entre 7 e 12 anos tendem a usar mais a variação do que adolescentes entre 13 e 18 anos. Além disso, temos a intenção de observar a relação entre as variáveis extralinguísticas em estudo e, se necessário, realizar o processo de cruzamento dos dados.

1.1.2.8 Variável tempo de permanência na entidade filantrópica

A variável social ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ é bastante característica da comunidade de fala em estudo. Como as crianças são retiradas das ruas e passam a viver em uma instituição que incentiva o conhecimento da forma padrão da língua por parte dos seus membros, parece interessante observarmos se esse tempo de permanência tem alguma influência significativa sobre o uso de marcas de CV.

Na pesquisa de mestrado de Santos (2010, p. 103), abordamos essa variável extralinguística e observamos, através do peso relativo, que os membros que faziam parte da entidade filantrópica há mais de cinco anos usavam mais a presença de marcas de CV (.64), enquanto os membros com menos de cinco anos na entidade usavam mais a ausência dessas marcas (.38).

É interessante ressaltarmos que essa variável pode, de certa forma, estar relacionada à variável escolaridade, já que os membros das instituições, em sua maioria, passam a frequentar a escola, na medida em que ingressam nessas entidades. No já referido trabalho de Santos (2010), em que se analisou o mesmo fenômeno linguístico só que na fala da mesma comunidade, essa relação foi observada, por isso, também realizamos o cruzamento entre as duas variáveis. Agora, se pertinente, procederemos da mesma forma: primeiramente analisaremos as variáveis de forma separada, a fim de observarmos suas atuações individuais sobre a variação de CV na escrita e, em seguida, se necessário, realizaremos o cruzamento entre elas para verificarmos até onde vai a relação entre ambas.

Acreditamos, portanto, que todos os estudos sociolinguísticos citados acima nos mostram uma visão geral do quadro sociolinguístico sobre a CV no Brasil e ratificam a variabilidade da língua e o condicionamento relevante de fatores internos e externos ao sistema linguístico,

comprovando, portanto, que a abordagem normativa da língua está longe de dar conta dessa heterogeneidade linguística a partir de regras que só levam em consideração apenas uma única forma da língua, a padrão. Todavia, para este trabalho, a abordagem da visão da GT sobre a CV revela-se importante, uma vez que a Sociolinguística Variacionista, de modo geral, faz uso dos conceitos estabelecidos por essa gramática para definir a variável dependente em estudo. Por exemplo, para a definição da variável CV, utilizamos o critério estabelecido pela GT do que se aproxima mais do padrão, [+conc], e do que se distancia mais desse padrão, [-conc]. Assim, acreditamos que ter conhecimento de como esses conceitos são abordados pela GT e saber diferenciá-lo da forma como são abordados pela sociolinguística faz-se importante para o desenvolvimento e compreensão deste estudo.

Tendo em vista a variabilidade da CV apresentada acima e a ampla documentação de estudos diversos sobre esse fenômeno linguístico, objetivamos com este trabalho mostrar que a variação entre [+conc] e [-conc] constitui um processo passível de sistematização ao ser correlacionado com variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Logo, selecionamos a visão sociolinguística variacionista para conduzir nossa observação sobre o uso da variação entre [+conc] e [-conc] na escrita de menores carentes da cidade de Maceió, tendo em vista os estudos mencionados acima. Nosso intuito é, não apenas colaborarmos com a montagem do quadro sociolinguístico (de Maceió, Alagoas, Brasil), mas também incentivarmos, de alguma forma, estudos sobre comunidades de fala socialmente estigmatizadas pela sociedade.

Cabe analisarmos, portanto, a variável CV na escrita da comunidade de fala em estudo, observando alguns fatores linguísticos, levantados como significativos no condicionamento dessa variação. Cabe-nos, da mesma forma, explicitar a relação entre esse fenômeno linguístico e as variáveis extralinguísticas definidas para o presente estudo.

Selecionamos também o estudo sobre a comunidade de fala menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió pelo fato de a língua dessa comunidade ser desconhecida, gerando deduções linguisticamente não fundamentadas a respeito dela. Desmistificar a ideia de que a língua usada por essa comunidade é diferente da usada pela sociedade que a cerca, que a forma de falar dessa comunidade é feia e errônea, nos impulsionou a realizar a presente investigação. Além disso, outros motivos chamaram nossa atenção como, por exemplo, o fato de existirem poucos trabalhos que se dedicam a estudar a língua de comunidades estigmatizadas

e/ou que não contemplam essa parte da população ao realizarem estudos sobre a língua usada em uma determinada cidade/estado.

1.2 Teoria da variação e mudança linguística

A Sociolinguística surgiu em meados do século XX, de certo modo, em reação à linguística que exclui o componente social dos estudos linguísticos. Esse componente é visto como algo intrínseco à língua. Por essa razão, o rótulo “sociolinguística” é assumido pelo próprio Labov (2008 [1972], p.215), considerado o precursor desse ramo da Linguística, como “um termo estranhamente redundante”, uma vez que não há língua que não esteja intrinsecamente ligada ao social.

Labov, ao estudar a língua em seu contexto social, opõe-se aos pensamentos de Saussure 2004 [1916], que vê a língua como sistema homogêneo, e de Chomsky (1957), que acredita que a língua é igual para todo ser humano e é independente do contexto social. Saussure, assim como Labov, considera a língua um sistema social, contudo, o caráter social saussureano diz respeito ao fato da língua ser estabelecida por um sistema de convenções, que por sua vez, é estabelecido pela sociedade. Já para Labov, o contexto social refere-se à cultura e à identidade de um povo.

O termo *sociolinguística* é interdisciplinar, abrange diversas áreas de interesse, a saber: Etnografia da Fala (HYMES, 1962), estudo do comportamento linguístico no contexto cultural a fim de compreender o modo como o significado social é entendido; Sociologia da Linguagem (FISHMAN, 1972), estudo da linguagem a fim de compreender a estrutura (organização) social; e Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), estudo da correlação entre estrutura linguística e fatores sociais em uma comunidade de fala a fim de sistematizar a diversidade intrínseca à língua.

Neste trabalho, o foco recai sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguística, também conhecida como Sociolinguística Variacionista, que tem como responsáveis Weinreich, Labov e Herzog (1968), mas tem em Labov seu principal representante, uma vez que, em sua tese de doutorado (1966), propôs um modelo metodológico capaz de fornecer os elementos necessários para a análise da variação e da mudança linguística.

Um interesse crescente nos estudos sociolinguísticos ocorreu no final dos anos sessenta e início dos anos setenta. Conforme Sá (2007, p. 40),

a ênfase à sociolinguística tem se prolongado com o desenvolvimento da Teoria da Variação a partir da proposta de Labov, Weinreich & Herzog em 1968 e, através dessa teoria atribuir-se-iam valores sociais às regras linguísticas, plenamente variáveis, permitindo que as estruturas variantes revelassem certos padrões de regularidade.

A partir da Teoria da Variação e Mudança Linguística, passamos a conhecer realidades linguísticas que anteriormente eram ignoradas, como, por exemplo, a heterogeneidade linguística e sua possível sistematização; o papel significativo de fatores extralinguísticos no uso da língua; o condicionamento do uso da variação por restrições linguísticas e extralinguísticas; o motivo de crianças provenientes de classes menos favorecidas não “acompanharem” o modelo tradicional de ensino; a inadequação da GT para o ensino de línguas; entre outras (VITÓRIO, 2008).

Labov preocupou-se com o estudo da diversidade linguística, uma vez que correntes linguísticas como o estruturalismo e o gerativismo excluía-na de seus estudos. Esse teórico incomodava-se com o tratamento homogêneo dado à língua. Seu desafio era, portanto, demonstrar que a língua é intrinsecamente heterogênea e que essa heterogeneidade não existe de forma aleatória, mas que ocorre de forma sistemática.

O título de precursor da Teoria da Variação e Mudança Linguística foi dado a Labov justamente porque foi ele quem comprovou, através do seu estudo sobre o *Black English Vernacular*, variedade da língua inglesa fortemente estigmatizada, que a heterogeneidade presente na língua é sistemática. “La primera contribución de la investigación sociolingüística en la segunda mitad del siglo XX fue mostrar que esta variación no era caótica, sino bien conformada y regida por reglas, que era de echo un aspecto de la estructura lingüística”¹⁰ (LABOV, 1996 [1994], p. 77).

Sua proposta para analisar os padrões linguísticos variáveis desenvolveu-se através da correlação entre diferenças na estrutura linguística e diferenças na estrutura social, ambas consideradas potencialmente fatores que influenciam essa padronização. Os fatores de ordem linguística correspondem aos níveis de uma língua (o léxico, o fonológico, o sintático, por exemplo). Já os fatores externos à língua,

¹⁰ “A primeira contribuição da pesquisa sociolingüística na segunda metade do século XX foi mostrar que esta variação não era caótica, mas sim bem formada e regida por regras que era na verdade um aspecto da estrutura lingüística”.

estão diretamente relacionados ao falante e/ou ao contexto comunicativo. Estes fatores extralinguísticos são subcategorizados em individuais, sociais e contextuais. Os fatores individuais estão diretamente relacionados ao falante, tais como sexo, idade, etnia. Os fatores sociais dizem respeito, por exemplo, ao nível de renda, escolaridade, profissão e classe social do falante e os fatores contextuais referem-se ao grau de formalidade e a tensão discursiva envolvidas no evento comunicativo (DE PAULA, 2011, p. 31).

Para Labov, a variação linguística é o reflexo dos padrões culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade. A linguagem e a sociedade, composta por seres organizados e que se comunicam entre si, possuem uma relação indissociável. Sendo assim, o referido teórico situa a Sociolinguística Variacionista dentro do grupo de estudos que está preocupado em observar e descrever a língua no seu contexto social levando em consideração tanto seu comportamento linguístico quanto o social.

Os estudos labovianos revelaram, portanto, que as dificuldades apontadas para a realização do estudo da língua falada; a saber, a agramaticalidade da fala, a variação na fala e na comunidade de fala, as dificuldades de ouvir e gravar e a raridade das formas sintáticas; não passavam de problemas ilusórios (LABOV, 2008 [1972], p. 220-223 e 237-239). Labov demonstrou, a partir da referida correlação, que “heterogeneidade e estrutura não são incompatíveis, ao contrário, são necessárias para o funcionamento real de qualquer língua. Prova-se isso pela capacidade e competência do indivíduo em codificar e decodificar essa heterogeneidade” (LUCCHESI, 2004, p. 171). Para Labov, a competência do falante reside no fato deste saber qual forma da língua usar em variados contextos de fala.

Sendo assim, de acordo com a Sociolinguística Variacionista, a concepção de língua orienta-se como sistema socialmente determinado, ou seja, um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações das normas culturais e ideológicas de uma comunidade de fala. O sistema linguístico é caracterizado “por sua heterogeneidade estruturada, e é funcionalmente diferenciado dentro da comunidade de fala” (LUCCHESI, 2004, p. 175). “El lenguaje se concibe aquí como el instrumento de comunicación empleado por una comunidad de habla, un sistema comúnmente aceptado de asociaciones entre formas arbitrarias y sus significados”¹¹ (LABOV, 1996 [1994], p. 41). “A língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade (é social)” (COAN; FREITAG, 2010, p. 175).

¹¹ “A linguagem é concebida aqui como o instrumento de comunicação usado por uma comunidade de fala, um sistema comumente aceito de associações entre formas arbitrárias e seus significados”.

A noção de comunidade de fala é fundamental para a Sociolinguística Variacionista uma vez que, para Labov, a língua, que é intrinsecamente heterogênea, está inserida dentro de um sistema, a sociedade, também heterogêneo, em que um é influenciado por outro. Assim, para a análise da diversidade linguística, objeto de estudo da referida teoria, é preciso selecionar em que comunidade ela será analisada. Apesar dessa relevância e da complexidade de conceituação de comunidade de fala, essa noção é muito pouco discutida.

Labov (2008 [1972], p. 150) discute em seus trabalhos o termo comunidade de fala, afirmando que ela

não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

Os trabalhos em Sociolinguística, de forma geral, fazem um intercâmbio no uso dos termos ‘comunidade de fala’ e ‘comunidade linguística’ indistintamente, como se fossem sinônimos. Contudo, observando os últimos elementos desses sintagmas nominais, podemos dizer que esses termos podem ser interpretados de maneira diferente.

Portanto, entendemos por comunidade linguística

um termo que se refere a qualquer grupo de pessoas que fazem uso de uma ou várias línguas como forma de organização ou diferenciação social. Ao passo que comunidade de fala é um termo que identifica e estabelece fronteiras sociolinguísticas que diferenciam comunidades (VIANA, não paginado).

Ou seja, quando falamos em comunidade de fala, não nos referimos apenas a “um grupo heterogêneo de pessoas e comportamentos linguísticos, mas a um grupo heterogêneo que interage e possui o sentimento de fazer parte de uma mesma comunidade, compartilhando *normas*” (Idem). Bortoni-Ricardo (2008, p. 362) afirma que “as correntes mais modernas da Linguística, de natureza funcional, atribuem a fatores extralinguísticos a importância devida e consideram uma comunidade de fala mais como uma entidade social do que linguística”.

A comunidade de fala é marcada por fronteiras que a distinguem dentro de uma comunidade linguística, assim, há diversas comunidades de fala dentro de uma mesma comunidade linguística. O falante pode pertencer a mais de uma comunidade de fala. No Brasil, um professor de linguística, por exemplo, faz parte da comunidade linguística do PB e da

comunidade de fala dos professores de forma geral, como também da dos professores de linguística, compartilhando traços linguísticos específicos de cada comunidade. Percebemos, portanto, que o número de comunidades diversificadas é imensurável. Não há como controlar as associações de uma pessoa com outras, o que torna complicada a marcação geográfica e social de uma comunidade de fala.

A concepção laboviana do termo ‘comunidade de fala’ vem sofrendo críticas por parte de alguns teóricos (MILROY, J., 1982; FIGUEROA, 1994; entre outros), que apontam a dificuldade em conceituar comunidade de fala. Essas críticas envolvem a amplitude da definição de Labov, a priorização de aspectos linguísticos em detrimento dos sociais na delimitação de uma comunidade de fala, a fluidez entre comunidade de fala e indivíduo, já que este pode participar de mais de uma comunidade, entre outros aspectos. Há, ainda, os que podem sugerir uma não existência de comunidades de fala na sociedade, acreditando serem desnecessárias as buscas por uma definição mais adequada desse termo.

Há também os que acreditam que conceitos como redes sociais e comunidades de prática podem contribuir para a análise de uma comunidade de fala. A partir “da consciência da amplitude de um estudo a partir da noção de comunidade de fala, sociolinguistas têm valorizado as relações ainda mais estreitadas dessa noção para níveis menores, como o de ‘rede social’ e de ‘comunidade de prática’” (VANIN, 2009, p. 152).

Segundo Milroy (2002, p. 553), rede social “it is a notion which is focussed on the individual speaker”¹², corresponde aos relacionamentos pessoais e varia de indivíduo para indivíduo, que faz uso da língua de acordo com cada tipo de interação. Para Vanin (2009, p. 151), “ao optar por estudar a língua em redes sociais – vista como uma categoria real e concreta de análise –, o estudioso se concentra na avaliação de indivíduos reais em situações interativas”.

Comunidade de prática, conforme Eckert (2000 apud WIEDEMER, 2008, p. 29), “consiste na ideia de um conjunto de pessoas reunido em torno de um empreendimento particular, negociando e aprendendo práticas que contribuem para a satisfação de um objetivo comum”. De acordo com Vanin (2009, p. 151), dizer que os indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade compartilham repertórios de práticas, quer dizer que eles compartilham inclusive as linguísticas. “As variantes linguísticas assumiriam significação social, havendo relação direta

¹² “é uma noção que está focalizada no falante individual”.

entre língua e sociedade, e os estilos individuais ocupariam lugar central na investigação da variação linguística” (VANIN, Idem).

Milroy (2002) sugere o estudo de redes sociais por acreditar que o grau de intimidade entre os membros de uma rede é responsável pelo uso de variantes locais; e Eckert (2000) acredita que o conceito de comunidade de prática, valorizado por pesquisas de microanálise, pode contribuir na análise de uma comunidade de fala porque a participação social pode provocar diferentes falas.

Desse modo, apesar dessas noções contribuírem, de certa forma, para os estudos sociolinguísticos, acreditamos que a definição de Labov de comunidade de fala é satisfatória para a área da Sociolinguística Variacionista, justamente por ser ampla, permitindo, assim, o estudo de várias comunidades de fala, não importando sua extensão, uma vez que quanto mais comunidades forem estudadas, mais fiel será o quadro sociolinguístico de uma comunidade maior, como um país.

A partir de um contato linguístico e sociocultural entre as comunidades de fala, o repertório linguístico do falante vai alterando-se e, algumas vezes, modificando-se. É justamente essa descoberta de uma realidade nova que impulsiona esse processo de variação. Segundo Alkmin (2001, p. 41), “o contato cultural com outros povos, o conhecimento de novos conteúdos ou de realidades até então desconhecidas são o motor da elaboração de novos conceitos e da produção de novas palavras”.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística acredita que a língua é formada por um conjunto pequeno de regras gramaticais, chamado de *categórico*, compartilhado por todos os falantes, sendo que estes não podem infringir essas regras, e um maior, conhecido como *variável*, compartilhado a partir do uso da língua (MONTEIRO, 2000, p. 58). É neste segundo conjunto que Labov delimita seu objeto de estudo. Dessa forma, há um leque de possibilidades de uso da língua à disposição do falante, que pode expressar uma mesma coisa de diversas formas. A cada uma dessas formas linguísticas alternativas dá-se o nome de *variante* e o seu conjunto chamamos de *variáveis*.

Dessa forma, a Sociolinguística Variacionista procura mostrar que na língua há variações e que isto significa dizer que todas as variações devem ser respeitadas. “Diferentes grupos sociais têm diferentes maneiras de falar, mas nenhuma dessas maneiras é deficitária, já que cada uma

dessas formas de comunicar-se é lógica e estruturada. O fracasso tem raízes socioculturais” (MOURA, 2007, p. 13).

De acordo com essa teoria, a língua passa por um processo de variação, em que duas formas estão em competição, isto é, são usadas pelos membros da comunidade de fala. Essa variação ordenada, algumas vezes, pode desencadear uma mudança, em que uma das variantes passa a ser usada em detrimento da outra: “as línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado” (CALVET, 2002, p. 89). Assim, “ao integrar, na concepção de língua como sistema heterogêneo, estrutura e mudança, a sociolinguística busca construir uma representação teórica do fenômeno linguístico que articule as suas dimensões estrutural e histórica” (LUCCHESI, 2004, p. 198).

Labov apresenta, portanto, um conceito de mudança linguística diferente da visão do estruturalismo saussureano sobre esse termo.

Antes a mudança linguística era vista como aleatória e indicava tanto o processo de mudança quanto a variação linguística, mas com o advento da Teoria da Variação e Mudança Linguística, evidencia-se que toda mudança na língua advém de uma variação, mas nem toda variação implica mudança (SANTOS e VITÓRIO, 2011, p. 19).

A partir dessa distinção, Labov observou que existem *variações estáveis*, coexistência no sistema linguístico da alternância entre duas ou mais formas, porém não se pode apontar se uma dessas formas desaparecerá ou se modificará; e *mudanças em progresso*, quando podemos fazer esse apontamento. Assim, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.116) romperam “com as fronteiras entre sincronia e diacronia, ao identificar junto com elas a mudança como face sincrônica da variação”.

A mudança linguística, que “não é vista como exterior ao sistema, mas parte integrante do seu caráter normalmente heterogêneo” (LUCCHESI, 2004, p. 199), é estudada pela Sociolinguística Laboviana através de estudos diacrônicos a partir do *tempo real*, onde se observa o processo de mudança na língua ao longo do tempo, e a partir do *tempo aparente*, que é uma projeção, onde a mudança é observada em um determinado tempo, ou seja, onde se tenta apreender o tempo real.

Os estudos sincrônicos e diacrônicos têm como objetivo verificar a origem, a extensão e a propagação das formas variantes. Todavia, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.116)

destacaram que “a interpretação dos dados em termos de mudança linguística depende da inteira estrutura sociolinguística, e não simplesmente da distribuição no tempo aparente ou real”.

Desse modo, ao proporem uma Teoria da Variação e Mudança Linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) mostram que é fundamental observar a relação das variáveis linguísticas e extralinguísticas implicadas no processo de variação e mudança linguística. Contudo, para determinar uma variável, precisamos levar em conta alguns fatores, a saber, “ter ocorrência frequente, ser estruturalmente integrada num sistema de unidade em funcionamento e ter a distribuição dos traços altamente estratificada” (SANTOS e VITÓRIO, 2011, p. 22).

Tendo em vista o exposto, a Teoria da Variação Linguística tenta dar conta dos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a fala, uma vez que, para essa teoria,

“os padrões linguísticos são descritos, e explicados (na medida em que objetos dessa natureza podem ser explicados), em termos de uma gramática de regras variáveis que operam com probabilidades associadas a fatores sociais e restrições hierarquizadas da estrutura linguística” (LUCCHESI, 2004, p. 196).

Desse modo, levando em consideração que a língua varia conforme o contexto em que ela é enunciada, e, assim, que ela sofre influências não só internas ao seu sistema, mas também externas a ele, realizamos um estudo sociolinguístico sobre a concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, por acreditar que a concordância verbal é uma regra variável e que suas variantes são usadas não só na fala, mas também em textos escritos pelos membros dessa comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]).

2 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Este capítulo é dedicado aos procedimentos metodológicos realizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Assim, discutimos o referencial metodológico da pesquisa em Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Apresentamos as hipóteses e os objetivos da pesquisa, a comunidade de fala em análise e a realidade que cerca a vida dessa comunidade. Além disso, mostramos como a coleta dos dados foi realizada e como o *corpus* foi constituído. Descrevemos, ainda, os procedimentos de quantificação, necessários para uma análise quantitativa realizada pelo programa computacional Goldvarb X, bem como a variável dependente e as variáveis independentes estudadas.

2.1 A metodologia da pesquisa em Sociolinguística Variacionista

O principal objetivo deste trabalho é investigar o uso da variação de CV. Dessa forma, selecionamos a metodologia da Sociolinguística Variacionista, de Labov (2008 [1972]), também conhecida por Sociolinguística Quantitativa, por reconhecer a importância de trabalhos quantitativos que utilizam dados que refletem a língua em uso em um contexto social heterogêneo. Com o intuito de conhecer melhor essa metodologia, discutimos abaixo a teoria dos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

A metodologia da Sociolinguística Variacionista requer bastante cuidado por parte do sociolinguista, uma vez que são muitos os detalhes que devem ser pensados e planejados antes de serem executados. De uma forma geral, trabalhar com a linguagem já representa um grande desafio, haja vista que “a linguagem pouco se presta à experimentação, já que só se manifesta na espécie humana, que é dificilmente manipulável para fins de pesquisa” (OLIVEIRA E SILVA, 2003, p. 117). A Sociolinguística acrescenta outro risco a esse desafio que é trabalhar com a linguagem em uso, inserida em um contexto social e heterogêneo.

A observação surge, portanto, como um relevante método para a coleta de dados, que, por sua vez, exige uma série de decisões a serem tomadas quanto à comunidade de fala que será

analisada, ao número de falantes que serão observados e à seleção desses falantes, que chamaremos também de colaboradores. Tendo em vista que não há como englobar no estudo todos os falantes da comunidade em análise, o que se obtém é uma amostra representativa da fala dessa comunidade.

Essa seleção pode ser feita a partir de dois métodos: o *aleatório simples*, que parte do princípio de que “todos os indivíduos têm exatamente igual probabilidade de escolha” (Idem, p. 120) e o *aleatório estratificado*, que estratifica a amostra, dividindo a população em ‘células’, “compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais” (Idem, p. 121). De um modo geral, as pesquisas sociolinguistas têm preferido optar por este método do que por aquele. Sendo assim, outro ponto precisa ser pensado, o número de indivíduos por célula. Para a montagem da amostra, o recomendável é cinco indivíduos por cada célula, mas esse número é relativo, uma vez que depende: a) da homogeneidade da população, que deve compartilhar um grupo de regras de usos linguísticos e culturais; b) da quantidade de variáveis analisadas; c) do fenômeno, tendo em vista que há fenômenos mais homogêneos que outros; d) do método (Idem, p. 199-120); e) do número de membros da comunidade; e de outros aspectos.

A forma como o pesquisador deve se apresentar à comunidade de fala é outro passo que precisa ser pensado. Labov (2008, [1972]) recomenda que o pesquisador tenha algum conhecido dentro da comunidade, de preferência o líder ou uma pessoa representativa, pois, assim, o estranhamento, que precisa ser minimizado para que se consiga coletar uma fala/escrita não artificial, entre pesquisador e comunidade pode ser quebrado com mais facilidade. Se o pesquisador for membro da própria comunidade, deve ter cuidado para não selecionar somente amigos e conhecidos, uma vez que a língua usada por eles pode não representar a língua usada pela comunidade como um todo. Um outro aspecto importante é procurar ter um contato prévio com os colaboradores selecionados para a pesquisa. Nesse caso, a *ficha social* surge como um forte recurso auxiliar, em que podemos obter informações importantes relacionadas à vida social e cultural de cada indivíduo da comunidade de fala, além de ser uma oportunidade de aproximação com os colaboradores.

A forma de contato com os colaboradores da pesquisa e quantos encontros serão necessários são outros procedimentos fundamentais. “Basicamente existem três tipos de contato: interações livres, entrevistas e testes” (OLIVEIRA E SILVA, 2003, p. 117). Campoy e Almeida (2005, p. 119, 131-140) apresentam mais alternativas: enquetes e questionários postais,

eletrônicos e presenciais, além de detalharem também alguns tipos possíveis de entrevistas (individual programada, anônima fugaz e telefônica) e de testes (de disponibilidade léxica e de escalas de nível). Acrescentamos ainda as narrativas de experiência pessoal, considerada uma forma de contato eficaz para os objetivos de um trabalho de campo sociolinguístico, e redações escolares, para trabalhos que procuram estudar a língua escrita. Quanto ao número de encontros, essa quantidade é específica de cada pesquisa.

Devemos ressaltar que cada um desses contatos possui vantagens e desvantagens, portanto, essa seleção dependerá do fenômeno linguístico de cada pesquisa. Mas, independentemente da escolha, qualquer forma de contato requer uma preparação prévia, haja vista que o objetivo da Sociolinguística Variacionista é observar a língua casual ou espontânea, assim, os procedimentos para se evitar um contexto formal de contato e, conseqüentemente, da coleta de uma língua artificial são extremamente significativos.

Precisamos deixar claro o que entendemos por falas *casual* e *espontânea*. Para isso, citamos o próprio Labov (2008 [1972], p. 111):

Por *fala casual*, em sentido estrito, entendemos a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem. Já *fala espontânea* se refere ao padrão usado na fala excitada, carregada de emoção, quando os constrangimentos de uma situação formal são abandonados.

Captar uma fala casual e/ou espontânea é um objetivo que desafia todo sociolinguista. “O objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008 [1972], p. 244). Sabemos que a utilização de equipamentos como um gravador inibe de imediato o falante, que passa a se preocupar mais com a sua fala, tentando evitar os chamados “erros”. Essa inibição pode também fazer com que o colaborador fale pouco, fato esse que se agrava ainda mais se o pesquisador for uma pessoa desconhecida da comunidade em estudo.

Contudo, “la Sociolinguística ha desarrollado técnicas para superar la paradoja del observador, o al menos reducir sus efectos, y obtener muestras de habla lo más natural posible”¹³ (CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p. 115). Segundo Labov (2008 [1972], p. 144), “uma maneira de

¹³ “a Sociolinguística tem desenvolvido técnicas para superar o paradoxo do observador, ou ao menos reduzir seus efeitos, e obter amostras de fala o mais natural possível”.

superar o paradoxo é romper os constrangimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja”. O autor sugere o envolvimento do falante com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ele experimentou no passado e indica o tema “risco de vida” como um assunto que tem apresentado um resultado positivo na tentativa de superar o *paradoxo do observador*.

Em relação a trabalhos que estudam produções escritas, o problema é o mesmo. O colaborador pode reforçar a atenção quanto à sua forma de escrever, especialmente se ele levar em consideração o fato de que o texto será lido pelo pesquisador, uma pessoa que pode ser considerada estranha à comunidade. Se o colaborador tiver conhecimento do nível escolar do pesquisador, essa atenção, provavelmente, será ainda mais reforçada. Portanto, faz-se necessário ter cuidado com essas questões e, nesse caso, a sugestão de Labov, citada no parágrafo acima, também é válida.

Observamos, portanto, que independente da modalidade de língua em foco, o pesquisador-sociolinguista deve tomar uma série de cuidados para conseguir registrar uma língua que seja a mais natural possível. Outra estratégia para essa superação é ter um contato prévio com os colaboradores da pesquisa antes da realização da coleta de dados, procedimento que vimos acima. Esse contato contribuirá para uma maior familiarização com a comunidade. Para a sociolinguística, o social não está separado da língua. Há, além dos linguísticos, fatores externos à língua que a influenciam. Assim, reforçamos a importância do contato prévio com a comunidade de fala para se obter informações não só linguísticas, mas também sociais.

Até o presente momento, vimos alguns procedimentos que precisam ser feitos antes e durante a coleta de dados. Realizada essa coleta, outros procedimentos devem ser executados, como a transcrição dos dados; um procedimento necessário para estudos que trabalham com a fala; a montagem do *corpus* da pesquisa, a análise, o levantamento e a quantificação dos dados que serão postos em análise.

A quantificação dos dados pode ser realizada através de programas computacionais como o *Varbrul*, “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105), facilitando o trabalho do pesquisador. Contudo, o manuseio desse programa requer uma série de procedimentos como, por exemplo, codificar os dados, o que exige bastante cuidado por parte do

pesquisador, haja vista que o programa irá fazer a leitura do *corpus* que foi preparado pelo pesquisador.

Além de todas essas precauções, o pesquisador deve levar em consideração o tempo estimado para a realização da pesquisa. Esse tempo, normalmente, é curto, não sendo suficiente para a concretização da investigação do objeto de estudo da Sociolinguística. Por isso, há estudos transversais (tempo aparente) e longitudinais (tempo real):

Por médio de una metodología de *tiempo aparente*, el habla de los informantes más viejos se compara –desde alguno(s) de sus distintos niveles de análisis lingüístico, contextual y sociodemográfico –con la de los más jóvenes, mientras que mediante una metodología de *tiempo real*, el habla de una población determinada es comparada desde, al menos, dos puntos diferentes en el tiempo¹⁴ (CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p. 41).

A metodologia da Sociolinguística Variacionista é, portanto, uma metodologia quantitativa, que envolve números e estatísticas, e envolve a ciência empírica, uma vez que trabalha com dados reais de fala. Logo, para essa metodologia, o fator quantitativo, que permite ao pesquisador apreender a sistematicidade da variação linguística, seu encaixamento linguístico e social e sua possível relação com a mudança linguística, é determinante para caracterizar uma variação (SANTOS, 2009).

2.2 Hipóteses e objetivos da pesquisa

O trabalho de Santos (2010) comprovou o comportamento variável da CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió. Com a presente pesquisa, pretendemos estudar, também a partir da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]), o comportamento variável da CV, só que na escrita dessa mesma comunidade de fala.

A fim de alcançarmos o objetivo geral pretendido, temos como objetivos específicos:

¹⁴ “Por meio de uma metodologia de *tempo aparente*, a fala dos informantes mais velhos se compara – desde algum(ns) de seus distintos níveis de análises lingüístico, contextual e sociodemográfico –com a dos mais jovens, enquanto que mediante uma metodologia de *tempo real*, a fala de uma população determinada é comparada desde, ao menos, dois pontos diferentes no tempo”.

(i) Observar se há variação entre [+conc] e [-conc] na escrita dessa comunidade de fala.

(ii) Constatar a variante de maior frequência de uso.

(iii) Verificar se há grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa variação, identificando os fatores que levam mais ao uso de [+conc] e os que levam mais ao uso de [-conc].

(iv) Observar se a escolaridade é uma variável significativa para o uso da variação entre [+conc] e [-conc] na escrita da comunidade de fala em estudo, a partir do cruzamento dessa variável com as demais variáveis trabalhadas para análise dos dados escritos.

(v) Verificar se há mais semelhanças ou diferenças no uso da variação de CV nos dados de fala (SANTOS, 2010) e nos dados de escrita dessa comunidade.

Com o intuito de alcançarmos esses objetivos e com base nos estudos sobre CV, levantamos as seguintes hipóteses:

(i) Há variação entre [+conc] e [-conc] na escrita da comunidade de fala em estudo.

(ii) A variante de maior frequência é [-conc], uma vez que a maioria dos colaboradores está no início do processo de escolarização;

(iii) Essa variação é condicionada pelos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, a saber: distância entre sujeito e verbo, natureza do sujeito, paralelismo formal, grau de formalidade, escolaridade, tempo de permanência na instituição filantrópica e faixa etária. Os fatores que levam mais ao uso da variante [+conc] são:

- sujeito próximo ao verbo
- expressão pronominal ‘a gente’
- sintagma verbal isolado
- texto formal
- fim do ciclo do EF
- mais de cinco anos na instituição filantrópica
- faixa etária 13 e 18 anos (fatores externos)

Enquanto os fatores que levam mais ao uso da variante [-conc] são:

- sujeito separado do verbo
- 1ª pessoa do plural, pronomes no plural e sintagmas nominais no plural
- sintagma verbal em sequência
- texto informal e texto semiformal
- início do ciclo do EF
- menos de cinco anos na instituição filantrópica
- faixa etária 7 e 12 anos (fatores externos).

(vi) A variável extralinguística ‘escolaridade’ é significativamente relevante para o uso dessa variação na escrita da comunidade de fala em estudo.

(v) Há mais semelhanças linguísticas do que diferenças no uso dessa variação nos dados de fala e nos dados de escrita.

2.3 Constituição do *corpus*

2.3.1 A comunidade de fala

Neste trabalho, o primeiro procedimento realizado foi a escolha da comunidade de fala, menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió. Algumas condições sociais, como o baixo nível de escolaridade, fizeram despertar o nosso interesse em observar se essas condições sociais exercem alguma influência sobre a fala, inicialmente, e em seguida, sobre a escrita dessa comunidade, mais especificamente, sobre o uso da variação entre [+conc] e [-conc].

Tendo em vista que a entidade filantrópica é o ambiente em que os menores carentes vivem, descrevemos, primeiramente, esse ambiente e, em seguida, a comunidade de fala em estudo, pois consideramos essa descrição relevante para a compreensão da realidade social que cerca a vida dessa comunidade.

2.3.1.1 Entidades filantrópicas

Em Santos (2010), podemos conferir algumas pesquisas que nos mostram através de números significativos, principalmente quando somamos a eles os resultados de outras pesquisas, a realidade socioeconômica de Alagoas. Essa realidade é revelada, por exemplo, através de inúmeras pessoas que vivem na rua ou se encontram em situação de rua.

Com o desejo de melhorar essa realidade, várias medidas assistenciais são ofertadas. Uma delas, que está longe de conseguir sanar o problema, mas que possui uma contribuição extremamente representativa na tentativa de diminuir esse elevado número de moradores de rua ou de pessoas que se encontram em situação de rua, são as entidades filantrópicas, que se destinam a prestar serviços à sociedade sem uma finalidade lucrativa, tanto no que diz respeito à cobrança a governos ou aos beneficiários carentes. As instituições filantrópicas “têm desempenhado um importante papel na mobilização da sociedade civil tanto em escala local e nacional como mundial” (MOREIRA, 2002, p.439).

Para a realização deste trabalho, selecionamos duas entidades filantrópicas, a saber, Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O’Neal, ambas pertencentes à Convenção Batista Alagoana (CBA). Essas duas entidades foram selecionadas para a pesquisa porque trabalham com o regime de semi-internato, onde os beneficiários moram nelas mas podem visitar seus familiares durante o período de férias. O objetivo inicial era encontrar apenas uma única entidade e que ela trabalhasse com o regime de interno de forma integral. Porém, não foi possível encontrar o desenvolvimento desse regime e nem uma única instituição que trabalhasse com os dois sexos.

Outro fator decisivo para a escolha das referidas instituições foi o fato de ambas trabalharem de forma relativamente semelhante e terem características parecidas, como o número de membros e a faixa etária deles e de possuírem membros que viviam nas ruas antes da institucionalização.

O Lar Marcolina Magalhães¹⁵ foi criado oficialmente em outubro de 1953 com a finalidade de amparar e educar meninas órfãs, com idade a partir dos sete anos, através dos princípios evangélicos, bem como do ensinamento de uma profissão para que pudessem se manter futuramente, já que as internas permaneceriam no Lar até atingir a idade de dezoito anos. O funcionamento do Lar Boyd O'Neal, ao contrário do Lar Marcolina Magalhães, teve seu início recentemente, no ano de 2004. Essa instituição, sem fins lucrativos, tem como objetivo o desenvolvimento físico, intelectual, moral, espiritual (a partir do princípio evangélico) e social de meninos de sete a dezoito anos de idade, admitidos na instituição, a partir dos sete anos, por se encontrarem em situação social de risco.

O lar das meninas (Marcolina Magalhães) está atualmente sob a direção da Irmã Aurinice de Macedo, enquanto o lar dos meninos (Boyd O'Neal) encontra-se sob ordem do Pastor Jadiel. A capacidade de ambos os abrigos é de cerca de vinte e cinco membros, que permanecem na instituição, se necessário, até completarem a maioridade.

As entidades em questão contam com um quadro de sete a nove funcionários: diretor(a), professora, psicóloga, assistente social, cozinheira, jardineiro e monitores. A infraestrutura dos referidos lares é consideravelmente razoável. As áreas externas são amplas e arborizadas. Há um espaço muito bom para a área de esporte e lazer, com piscina, quadra de vôlei, campo de futebol, parque etc. Além dessa área externa, essas instituições dispõem-se de dormitórios e banheiros coletivos, refeitórios, escritório, almoxarifado, biblioteca, sala de aula, sala de áudio e vídeo, quarto de brinquedos, além de um pátio, destinado à recreação. No lar das meninas há também uma sala de costura e uma horta, enquanto no dos meninos há uma carpintaria, ambientes que são utilizados para a aprendizagem e o aprimoramento de trabalhos profissionais.

Por outro lado, observamos que a infraestrutura de ambos os lares precisa de melhorias. Num período de chuva intensa, por exemplo, a passagem que dá acesso ao lar das meninas fica totalmente inundada, o que algumas vezes interdita o trajeto. A pintura de alguns ambientes e uma boa parte da mobília estão ultrapassadas. A sala de aula do lar dos meninos encontra-se em um estado precário, com mesas, cadeiras, estantes e livros velhos, um quadro negro pequeno e com pouca iluminação. Além disso, há uma grande carência quanto aos recursos tecnológicos e

¹⁵ A descrição do Lar Marcolina Magalhães foi feita a partir de uma entrevista realizada com a diretora da instituição. Para a descrição do Lar Boyd O'Neal, a entrevista foi realizada por e-mail pelo diretor da instituição. Para essas descrições, também foi levado em consideração o que foi observado por nós nas várias visitas à entidade, além da observação do que foi registrado em máquina digital.

alimentos perecíveis. A sala de computação possui poucos computadores, sendo a maioria antigo e uma parte não tem se quer condições de uso. Com relação aos alimentos, grande parte é fruto de doações, porém, a maioria é alimento não perecível, causando uma escassez dos demais produtos, que normalmente são adquiridos pela própria entidade.

Tanto o Lar Marcolina Magalhães quanto o Lar Boyd O'Neal são mantidos por Igrejas Batistas alagoanas e pela sociedade em geral. Conforme os diretores do Lar, eles recebem pouca assistência governamental, contando, esporadicamente, com algumas doações de gêneros alimentícios e de roupas doados por escolas e igrejas.

Faz-se necessário destacar que as crianças chegam na instituição através do Conselho Tutelar e do Juizado de Menores. Este também é o responsável por um ano de acompanhamento das crianças, quando elas deixam o orfanato.

A fim de preparar e inserir esses adolescentes na sociedade, ambas as entidades desenvolvem sete projetos, que tentam englobar diversas áreas de interesse como lazer, educação e cidadania. Além dos projetos sociais, todos os membros dos lares têm acesso às escolas públicas da cidade. Junto a isso, o próprio orfanato oferece ensino de reforço, realizado diariamente. O Lar Boyd O'Neal, por ser mantido por grupos evangélicos de americanos, também oferta aulas de inglês, tendo a oportunidade de praticá-lo através do intercâmbio realizado normalmente duas vezes ao ano, onde jovens americanos visitam essa instituição.

As entidades em questão também desenvolvem atividades voltadas à capacitação profissional. No lar dos meninos, são desenvolvidos trabalhos que visam à habilidade técnica de carpintaria (fabricação de bancos, mesas e púlpitos para as igrejas batistas) e a aprendizagem do processo de limpeza da piscina, além de trabalhos domésticos. No lar das meninas, procura-se trabalhar com atividades domésticas de limpeza e de cozinha, por exemplo, e com corte e costura. Apesar de todo o empenho dessas instituições, acreditamos que uma melhora no sentido de oferecer mais atividades de capacitação técnica e profissional faz-se necessária, uma vez que essa capacitação é essencial para a vida de cada membro depois da sua passagem pelo orfanato.

Os ambientes descritos acima, apesar de proporcionarem uma certa qualidade de vida, formam um cenário que precisa de reparos na sua estrutura física e nas instalações, mas principalmente nos mobiliários e nos recursos tecnológicos, que estão defasados, como havíamos descrito. As duas instituições ao mesmo tempo em que se aproximam uma da outra, também se distanciam, possuindo cada qual virtudes e dificuldades peculiares. É nítida que a grande

preocupação das duas entidades é a vida após a instituição, uma vez que o número de adoções é pequeno. Assim, procura-se oferecer aos internos o desenvolvimento físico, moral, social, intelectual e espiritual.

Acreditamos, dessa forma, que toda entidade filantrópica deve ter um espaço no qual cada um de seus membros se sinta bem e disponha de todos os elementos necessários para seu desenvolvimento intelectual, social e cultural, servindo de base para que eles continuem tendo uma vida de qualidade após sua saída do orfanato.

2.3.1.2 Menores carentes que vivem em entidades filantrópicas

A pesquisa sociolinguística tem como objeto de estudo a variação linguística, cujo campo de investigação são as comunidades de fala. O trabalho do sociolinguista é, portanto, observar o uso da variação em uma determinada comunidade, estabelecendo a relação entre esse uso e os fatores linguísticos e sociais que o desencadeia. A comunidade de fala selecionada por esta pesquisa para a análise dos usos linguísticos são menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió.

Devido às exigências da globalização mundial, o processo de exclusão social vem se intensificando nos últimos tempos. A classe excluída é formada por pessoas comuns, porém impedidas pelo sistema capitalista de viver dignamente e de usufruir seus direitos. Nesse contexto, inserem-se os menores carentes, crianças e adolescentes oriundos das classes baixas da população. Eles se caracterizam por serem abandonados (pelos próprios pais, pela sociedade, pelo sistema, pelo governo) e não terem uma base familiar, que de uma forma geral é condição necessária para uma boa educação. Alguns moram nas ruas com ou sem os pais, outros moram em casa, porém vivem em situações subumanas.

As entidades filantrópicas surgem, assim, como uma oportunidade para esses menores terem uma vida digna. Elas caracterizam-se por desenvolver ações de cunho assistencial, voltadas para o desenvolvimento do cidadão, através de um processo de formação de crianças e jovens desassistidos de políticas públicas. Entretanto, temos a consciência de que crianças institucionalizadas são privadas, cronicamente, de vínculo afetivo, de privacidade e de um

convívio cotidiano com a sociedade. A institucionalização de crianças é um dispositivo jurídico que pretende proteger a infância, mas que deve ser recorrido em caso extremo, uma vez que todo cidadão tem direito ao convívio familiar e social.

Intrigados com essa realidade um tanto peculiar, selecionamos os menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió a fim de observar se o contexto social em que eles vivem exerce influência sobre o uso linguístico dessa comunidade. Tendo consciência de que uma amostra representativa dessa comunidade faz-se necessária e a fim de dar prosseguimento à pesquisa de mestrado (SANTOS, 2010), selecionamos, como já é sabido, crianças e adolescentes que se encontram institucionalizados nos Lares Marcolina Magalhães e Boyd O'Neal.

Constatamos que os colaboradores selecionados para esta pesquisa podem ser enquadrados nas três categorias de *menino de rua* estabelecidas por Machado (2000, p. 7):

o menino que vai às ruas para realizar algum trabalho e volta toda noite para casa e para sua família; o menino que vive nas ruas, sem elo contínuo com a família mas que mantém ainda algum contato; e o menino que está completamente nas ruas, já perdeu esses vínculos familiares e vive do modo como lhe é possível.

Dessa forma, dois dos principais fatores determinantes para a institucionalização das crianças e adolescentes dos referidos lares são o fator econômico e a desestruturação familiar. Os problemas encontrados entre os colaboradores são causados em grande parte por pais desempregados, pais com problemas de alcoolismo e/ou drogas, pais separados, filhos cujos pais já morreram, entre outros.

Nas já citadas instituições filantrópicas, alguns membros, apesar de serem poucos, recebem visita dos pais, outros até conhecem os pais, mas não têm contato com eles, sendo que a falta de contato algumas vezes ocorre devido à preferência dos internos e outras vezes por conta dos próprios pais, o que leva a vários casos de adoção.

Verificamos que a grande maioria dos internos possui pele escura e está abaixo do peso e da altura para a idade que tem. A metade declarou que não gosta de estudar. Como essas crianças passam a frequentar a escola apenas quando ingressam na entidade filantrópica, o nível de escolarização está muito aquém do esperado, entre o primeiro e o sexto ano. Alguns, inclusive, da faixa etária de sete a doze anos, ainda não sabem ler e nem escrever, mesmo estando em um nível escolar em que não se espera mais encontrar essa situação.

Um fator que reflete diretamente no problema de baixo nível escolar é o fato dos internos passarem a fazer parte da entidade com uma idade já avançada. Os lares aceitam crianças a partir dos sete anos de idade, assim há, por exemplo, entrada de meninos e meninas com dez anos de idade. Um outro fator corresponde ao aspecto psicológico. Alguns moradores dessas instituições têm reações emocionais sérias, o que parece causar o desinteresse pelos estudos e a falta de perspectiva de vida.

A vida dos membros dos Lares Marcolina Magalhães e Boyd O'Neal segue um cronograma rígido. Durante a semana, no horário da manhã, enquanto alguns vão para a escola, outros cuidam dos afazeres domésticos e atividades escolares. À tarde, os papéis são invertidos, porém, as tarefas escolares podem ser feitas durante a aula de reforço. No período noturno, eles podem ver televisão e brincar na sala de brinquedos. Já o final de semana é destinado para o lazer. Os internos também possuem um horário para dormir, que é estabelecido conforme a idade, assim como os programas televisivos que podem ser assistidos. Outra atividade programada são as refeições, em que todos se alimentam no mesmo horário.

Os momentos preferidos de lazer para as meninas são assistir televisão; os passeios, que são oferecidos com pouca frequência às internas que possuem um bom comportamento durante um determinado período; as conversas entre elas; e as brincadeiras infantis como, pular corda e queimado. Os meninos, por sua vez, preferem o jogo de futebol, além dos jogos com ximbra, os banhos de piscina e os passeios, também realizados com pouca frequência.

O quadro relatado acima mostra-nos um convívio social melhor do que essas crianças, provavelmente, tinham antes de irem para a entidade filantrópica. Porém, é importante destacarmos que elas não veem a situação de estarem nesses lares como a mais perfeita. A maioria gostaria de estar vivendo com seus familiares.

Como vimos, no orfanato tudo é muito monitorado. Os internos devem seguir uma programação, previamente estabelecida, tendo assim, praticamente, horário para todas as atividades que são ofertadas, além do contato com a comunidade que os cerca ser, de certo modo, restrito. Dessa maneira, as condições sociais e econômicas, além da própria condição de vida em um orfanato com regime de semi-internato, revelam-se um tanto interessante e instigante.

Tendo em vista que já conhecemos melhor a comunidade de fala em investigação e a vida que cerca essa comunidade, passaremos para os demais procedimentos metodológicos realizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

2.3.2 Coleta de Dados

A coleta de dados é uma etapa importante no trabalho sociolinguístico de campo, requer uma preparação para que os dados coletados sejam dados reais e úteis para a investigação. A leitura, portanto, consiste no primeiro e fundamental passo, uma vez que a teoria é necessária para se ter uma boa prática.

Como o próprio nome sugere, a coleta de dados consiste na recolha de dados que poderão servir para a pesquisa. Dessa maneira, esses dados não se restringem aos dados linguísticos. A coleta das condições sociais que cercam a vida da comunidade de fala é essencial, tendo em vista que o conhecimento dessas condições poderá facilitar a compreensão linguística dessa comunidade.

As informações sociais dos colaboradores foram coletadas no já citado trabalho de dissertação de mestrado de Santos (2010) através de fichas sociais, de entrevistas realizadas com os responsáveis pelas instituições¹⁶ e do registro fotográfico desses ambientes. Além disso, foram levadas em conta as observações feitas durante os encontros realizados tanto no período do trabalho de mestrado quanto no período de desenvolvimento desta pesquisa. Para complementação dessas informações, foi elaborada outra ficha social¹⁷, agora contendo informações acerca das escolas frequentadas pelos colaboradores, dos hábitos de leitura e escrita, entre outros tópicos.

Como o objetivo deste trabalho é analisar a variação de CV na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas de Maceió, o material de coleta dos nossos dados foram produções escritas, quarenta e oito textos foram coletados. Elaboramos, previamente, temas para essa produção, levando em consideração os grupos de fatores extralinguísticos e o nível de produção dos colaboradores, que foi obtido através de conversas com as professoras das instituições¹⁸, além de termos observado as entrevistas realizadas para a coleta dos dados orais¹⁹,

¹⁶ Ver Roteiro-guia da entrevista com os diretores das instituições em Anexo 1 e ficha social (etapa 1) em Anexo 2.

¹⁷ Ver ficha social (etapa 2) em Anexo 3.

¹⁸ Ver Coleta dos dados escritos em Anexo 4.

¹⁹ Ver Roteiro-guia da entrevista em Anexo 5.

desenvolvidas por Santos (2010), em que pudemos perceber as preferências e as características dos colaboradores. Assim, preocupamo-nos em abordar textos informais, semiformais e formais, representados, respectivamente, por carta pessoal e por textos do tipo narrativo e dissertativo. Devemos ressaltar que devido a problemas quanto à escolarização, dois dos colaboradores não puderam produzir o texto dissertativo e alguns produziram textos que não apresentavam as características básicas do tipo de texto proposto. Devemos lembrar ainda que não foram feitas explicações sobre as características desses tipos de texto, portanto, os colaboradores não tinham regras e modelos a seguir.

Os textos foram coletados pelas professoras durante as aulas de reforço ofertadas na própria entidade filantrópica. A decisão de ser as próprias professoras a realizarem as produções textuais foi tomada levando-se em conta que as crianças já estão habituadas com as ‘figuras’ das *tias*, como as professoras são chamadas pelos membros das instituições. A ‘figura’ da pesquisadora poderia causar um policiamento no momento da escrita, uma vez que os colaboradores poderiam querer impressionar essa ‘figura’, que não pertence à comunidade, apesar de já possuir um nível de familiaridade considerável. Dessa forma, conversamos com as professoras, repassando algumas informações importantes como, não explicitar o objetivo da realização das produções escritas antes do desenvolvimento das mesmas e não interferir nessas produções através de correções. O papel da professora era apenas orientar a execução da atividade.

Como os colaboradores tinham as atividades escolares para fazerem durante as aulas de reforço, foi dado um tempo livre para a recolha desses textos. O tempo de devolução do material escrito foi entre um mês a três meses. Entregamos os materiais às professoras em novembro e foram devolvidos pela professora do Lar Marcolina Magalhães em dezembro e pela professora do Lar Boyd O’Neal em janeiro.

Todos esses cuidados foram tomados com a finalidade de coletarmos dados reais e naturais, a fim de que os objetivos pretendidos pudessem ser alcançados.

2.3.3 O *corpus*

Quando coletamos dados linguísticos e sociais de uma determinada comunidade de fala, estamos coletando as informações de cada indivíduo dessa comunidade, que serão consideradas como amostras representativas. Para este trabalho, tentamos selecionar, inicialmente, os dezesseis colaboradores estudados por Santos (2010) em seu trabalho de dissertação de mestrado, uma vez que temos a pretensão de comparar dados de fala com dados de escrita. Tendo em vista que dois membros já tinham se desvinculado das instituições, não pudemos ter todos os mesmos participantes. De qualquer forma, o número de colaboradores que participaram de ambos os trabalhos foi em maior parte, o que já consideramos válido para realizarmos uma comparação mais fidedigna possível.

A escolha dos colaboradores deu-se de forma aleatória estratificada, dividindo os indivíduos por célula onde cada um possui as mesmas características sociais. O número de colaboradores para cada célula foi dois indivíduos, respeitando os grupos de fatores extralinguísticos, a quantidade de membros das duas instituições selecionadas para o estudo, cerca de quarenta membros no total, e o tempo de realização desta pesquisa. Além disso, como já dissemos, a pretensão era de trabalhar com os mesmos dezesseis colaboradores da pesquisa de mestrado.

Tabela 1 – Distribuição dos colaboradores segundo fatores extralinguísticos.

Tempo de permanência na instituição	ESCOLARIDADE		TOTAL
	<i>Início do ciclo do EF</i>	<i>Fim do ciclo do EF</i>	
<i>Menos de 5anos</i>	2	2	4
<i>Mais de 5 anos</i>	2	2	4
Faixa etária			
<i>7 a 12 anos</i>	2	2	4
<i>13 a 18 anos</i>	2	2	4
TOTAL	8	8	16

Fonte: SANTOS, 2013.

Os grupos de fatores extralinguísticos postos em análise foram a *escolaridade* (início do ciclo do EF [1º ao 5º ano] e fim desse ciclo [6º ao 9º ano]), o *tempo de permanência na entidade filantrópica* (menos de 5 anos e mais de 5 anos) e a faixa etária (7 a 12 anos e 13 a 18 anos). Nessa escolha, os grupos de fatores internos também foram levados em consideração, da mesma forma que para a seleção dos fatores internos, os externos não foram descartados.

Esses grupos de fatores, externos e internos, foram selecionados a fim de observarmos se exercem influência significativa sobre o uso da variação entre [+conc] e [-conc] e quais são eles.

Quanto ao fator interno ‘posição do sujeito em relação ao verbo’, que havíamos previamente selecionado para o estudo, haja vista sua relevância, já demonstrada no capítulo anterior, tivemos que eliminá-lo da rodagem. Isso se sucedeu porque não houve dados suficientes para o fator ‘sujeito posposto ao verbo’, o que demonstra que, mesmo o português sendo uma língua que licencia o posicionamento do sujeito após o verbo, esse uso é pouco recorrente em dados reais, sejam eles dados de escrita ou dados de fala.

Tabela 2 – Distribuição das variáveis linguísticas segundo a variável dependente ‘[+conc] e [-conc].

<i>Variáveis linguísticas</i>	<i>Fatores linguísticos</i>	<i>Exemplos</i>
<i>Distância entre sujeito e verbo</i>	Ausência de elementos	(...) <i>todas nós podemos</i> nós apaixonas por qualque uma pessoa mais nova ou mais velha (L2SUX)
	Presença de 1 ou mais elementos	<i>a gente no meio do capô quase que faziamo</i> gol (L14RTV)
<i>Natureza do sujeito</i>	Expressão pronominal <i>a gente</i>	<i>ajente</i> fez fuguera (L9RUV)
	1ª pessoa do plural	nos coprou ropa (L3RTV)
	Pronomes no plural	<i>elas</i> só vive de amô (L5RTX)
	Sintagmas nominais no plural	<i>Os brasileiros</i> já nascem com o espírito de jogador (L10SUX)
<i>Paralelismo formal da sequência verbal</i>	Sintagma verbal isolado	<i>pessoas</i> que saíram das drogas (L6SUX)
	Sintagma verbal em sequência	<i>ajente</i> (1)fez fuguera (2)tomou banho de piscina (2)comemos o passaporte (3)assistimo filme (L9RUV)
<i>Grau de formalidade</i>	Texto informal (carta pessoal)	<i>nós</i> deseja um bom Natal (L13RUV)
	Texto semiformal (narrativo)	<i>a gente</i> comeu um monte de sorvete (L14RTV)
	Texto formal (argumentativo)	(...) <i>pessoas</i> que precisa cultivar o amor (L4SUX)

Fonte: SANTOS, 2013.

2.4 Variável dependente e variáveis independentes

Tendo em vista que a língua é influenciada por fatores internos e externos ao sistema linguístico e a fim de que os dados pudessem ser analisados pelo Goldvarb X, definimos as variáveis de ordem linguística e extralinguística a serem estudadas nesta pesquisa.

Para que haja variação é preciso que haja duas ou mais formas linguísticas que expressem a mesma coisa ou estado de coisas. Chamamos de *variável dependente* a variação das formas linguísticas a serem estudadas. Logo, essa variável apresenta variantes de ordem linguística que, por sua vez, são governadas por grupos de fatores que condicionam o uso de uma variante em detrimento da outra durante o processo de variação. Chamamos esses grupos de *variáveis independentes*, que podem ser tanto de ordem linguística quanto extralinguística.

Temos as variantes [+conc] e [-conc] como variável dependente, sendo, portanto, uma variável binária, uma vez que só possui duas variantes. É preciso deixar claro que a variável dependente e as variáveis independentes foram selecionadas a partir de uma análise prévia dos dados coletados e a partir de estudos já realizados sobre CV.

(1) L8 - *nois falou* um poco do meu tio e na minha mãe (L8SUX)

(2) L2 - paixão é uma coisa linda que *nós sentimos* (...) (L2SUX)

Podemos perceber em (1) a ausência de marcas de CV, enquanto em (2) as marcas de CV estão presentes. A presença dessas marcas é considerada pela GN como a forma padrão e, portanto, a de prestígio, já a ausência dessas marcas é tida como a forma não-padrão e, conseqüentemente, é a forma estigmatizada.

Para o estudo dessa variável, verbos no infinitivo, gerúndio e particípio não foram analisados, mas verbos no infinitivo, que devem ser flexionados segundo a norma padrão, foram levados em consideração. Excluímos também da análise os sujeitos no singular, já que estes levam naturalmente ao uso de [+conc], e casos em que a relação de concordância é estabelecida entre o verbo e o predicativo (ou outro termo), uma vez que a concordância analisada aqui é aquela que ocorre na estrutura sujeito-verbo.

Nossos grupos de fatores internos à língua são: distância entre sujeito e verbo, natureza do sujeito, paralelismo formal da sequência verbal, tipo textual e grau de formalidade.

Para a variável *distância entre sujeito e verbo*, selecionamos os fatores *sujeito próximo ao verbo*, quando o sujeito está imediatamente junto do verbo, sem que haja qualquer elemento linguístico entre sujeito e verbo, como podemos ver em (3); *sujeito separado do verbo*, isto é, quando o sujeito está separado deste por um ou mais elementos, como podemos observar em (4). Vale destacar que havíamos previamente planejado selecionar os seguintes fatores: *sujeito próximo ao verbo*, *sujeito separado do verbo por 1 a 3 elementos*, e *sujeito separado do verbo por mais de 3 elementos*, mas ao observarmos o *corpus*, verificamos que este último fator apareceu em um número relativamente muito pequeno, assim, preferimos selecionar apenas os dois fatores anteriormente citados.

(3) L11- (...) *eles são* faceis de comunicação (L11SUX)

(4) L7 - as pessoas **sempri se** apaixonona (L7SUX)

Investigamos se o fator ‘sujeito próximo ao verbo’ condiciona mais o uso de [+conc] e se o fator ‘sujeito separado do verbo’ condiciona mais o uso de [-conc].

Para a variável *Natureza do sintagma sujeito*, selecionamos os seguintes fatores: expressão ‘a gente’, 1ª pessoa do plural, pronomes no plural e sintagmas nominais no plural, que podem ser visualizados através dos exemplos abaixo.

(5) L3 - (...) paixão so sete que ama a gente sete (L3RTV)

(6) L16 - nos fomos campeão (L16RTV)

(7) L15 - elas é legal (L15RTX)

(8) L15 - as meninas foram simhora (L15RTX)

Com essa variável, pretendemos verificar se o fator expressão pronominal ‘a gente’ condiciona mais o uso das marcas de CV e se os fatores 1ª pessoa do plural, pronomes no plural e sintagmas nominais no plural condicionam mais o não uso dessas marcas, identificando qual desses três fatores exercem maior influência sobre [-conc]. Temos que destacar que os sintagmas de primeira pessoa do plural não fazem parte do fator sintagmas pronominais no plural, uma vez que se constitui um fator à parte.

Vários estudos sociolinguísticos mostram que há variação entre [+conc] e [-conc] quando o sujeito é constituído pela expressão ‘a gente’. Estamos partindo da hipótese de que esse fator leva mais ao uso da variante [+conc] na escrita justamente porque estamos comparando esse fator com os demais, que são caracterizados pela marca de plural. Em outras palavras, por estarmos comparando singular com plural, estamos assumindo que a forma sintática no singular leva mais ao uso de [+conc].

Outra variável independente linguística selecionada para o presente estudo foi o *paralelismo formal da sequência verbal*, em que selecionamos dois fatores: o *sintagma verbal isolado*, que representa a não presença do paralelismo, e o *sintagma verbal em sequência*, que representa a presença do paralelismo, como podemos visualizar, respectivamente, em (9) e (10).

(9) L1 - todas nos sentiu saudade (L1RTV)

- (10) L10 - *Os brasileiros* já ⁽¹⁾*nasce* com o espírito de jogador, já ⁽²⁾*nasce* de uma família secura de futebol. (L10SUX)

Ao selecionarmos esse grupo de fatores, temos como pretensão verificar se o *sintagma verbal isolado* é o fator responsável pelo uso com mais frequência das marcas de CV e se o *sintagma verbal em sequência* é o fator responsável pelo uso com menos frequência das marcas de CV.

Por fim, selecionamos o grupo de fator *grau de formalidade*, em que pretendemos verificar se os fatores *texto informal* e *texto semiformal*, representados respectivamente pela carta pessoal e pela narrativa, levam mais ao uso da variante [-conc] e se o fator *texto formal*, representado pelo texto dissertativo, leva mais ao uso da variante [+conc]. A exemplo, temos:

- (11) L3 - *a gente* gosta muito de você (L3RTV)
 (12) L4 - com o amor *nós* podemos ajuda o proximo (L4SUX)
 (13) L12 - Profissional, *pessoas* que *passam* pelas categorias de base (L12SUX)

Tendo esse grupo linguístico em vista, definimos as variáveis extralinguísticas: a escolaridade, o tempo de permanência na entidade filantrópica e o sexo a fim de analisarmos se elas influenciam a variação entre [+conc] e [-conc].

A fim de investigar se o grupo de fator extralinguístico *escolaridade* exerce influência significativa sobre a variação de CV, selecionamos os fatores *início do ciclo do EF*, que vai do 6º ao 9º ano, e *fim do ciclo do EF*, que vai do 1º ao 5º ano. Nossa intenção é observar se os colaboradores que estão no início desse ciclo tendem a usar mais a variante [-conc] e se os colaboradores que estão no fim desse ciclo tendem a usar mais a variante [+conc].

Selecionamos também a variável *tempo de permanência na instituição filantrópica*, uma variável específica da comunidade de fala em estudo. Essa variável foi selecionada por acreditarmos que ela pode exercer influência significativa sobre a variação entre [+conc] e [-conc], tendo em vista que antes da institucionalização, os colaboradores, provavelmente, conheciam mais a forma popular da língua. Após a entrada na entidade filantrópica, eles são estimulados a usar mais uma outra forma de falar, a prescrita pela GT, uma vez que essas entidades acreditam que esse conhecimento é importante para que seus membros, ao deixarem a

instituição, sejam aceitos, sem estigmatizações, pela sociedade. Dessa maneira, são inseridos em uma instituição escolar e também passam a ter aulas de reforço na própria instituição.

Para essa variável, selecionamos os fatores *menos de cinco anos na instituição filantrópica* e *mais de cinco anos na instituição filantrópica* a fim de observarmos se os colaboradores que estão na instituição a menos tempo tendem a usar mais a variante [-conc] e se os colaboradores que estão na instituição a mais tempo tendem a usar mais a variante [+conc].

Apesar de alguns estudos sociolinguísticos apontarem para uma não influência da variável *faixa etária* sobre a variação em análise, decidimos selecioná-la para este estudo para observarmos se o mesmo pode ser confirmado em relação ao uso dessa variação na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas de Maceió. Temos o objetivo, portanto, de verificar se os colaboradores que estão na *faixa etária entre 7 e 12 anos* usam mais a variante [-conc] e se os colaboradores que estão na *faixa etária entre 13 a 18 anos* usam mais a variante [+conc].

Como sabemos, essa variável normalmente é correlacionada à variável escolaridade, uma vez que se pressupõe que pessoas de menos idade possuem um nível escolar menor do que pessoas de maior idade. No nosso caso, esse fato não é categórico, pois os colaboradores não estão no nível escolar esperado para a sua idade. Há colaboradores, por exemplo, que têm dezessete anos e estão fazendo o sétimo ano escolar, onde se espera encontrar alunos com doze anos de idade.

Ao definirmos o conjunto das variáveis independentes, queremos observar, portanto, se e como essas variáveis influenciam a variável dependente já citada.

2.5 Quantificação dos dados

A Sociolinguística Quantitativa trabalha com dados empíricos através de uma análise quantitativa. Esse fator quantitativo é fundamental. É ele quem “permite ao pesquisador apreender a sistematicidade da variação linguística, isto é, devido ao fator quantitativo, os dados coletados para análise refletem o uso da língua em um contexto social heterogêneo” (SANTOS e VITÓRIO, 2011, p. 43).

Como estamos trabalhando com dados escritos, não precisamos recorrer à transcrição dos dados, método necessário quando estamos trabalhando com dados orais. O próximo passo constitui, portanto, a quantificação dos dados. Porém, para tal realização, faz-se necessária uma análise cuidadosa do *corpus* a fim de observarmos o fenômeno linguístico em estudo, atentando para as possíveis influências de fatores internos e externos à língua. Após o conhecimento linguístico do *corpus*, a seleção da variável dependente e das variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) e a seleção dos dados que serão postos em análise, estamos preparados para o desenvolvimento da quantificação dos dados.

Devido ao fato de quantificar os dados ser uma tarefa árdua, foram desenvolvidos alguns programas computacionais que trabalham com dados sociolinguísticos a partir de um tratamento estatístico. Pelo mesmo motivo, esses programas são bem aceitos e de grande utilização pelos sociolinguistas.

No entanto, da mesma forma que esses programas facilitam o trabalho do sociolinguista no momento da quantificação dos dados, o trabalho do pesquisador não é eliminado, ao contrário, o pesquisador é o responsável pelo uso adequado desses programas, bem como pela interpretação linguística dos resultados gerados pelos mesmos. Exige-se, assim, um cuidado e um conhecimento teórico para o manuseio desses programas, uma vez que eles irão fazer a leitura do material que o pesquisador preparou. Este deve preparar inicialmente a codificação dos dados, pois esses programas realizam a leitura dos dados através de códigos. Desse modo, designamos símbolos, que nos servirão de códigos, para cada um dos fatores selecionados para este estudo, que, ao aparecer na sentença, foram devidamente registrados, a saber:

Variável dependente

0 – presença das marcas de concordância verbal = [+conc]

1 – ausência das marcas de concordância verbal = [-conc]

Variáveis independentes – linguísticas

Distância entre sujeito e verbo

D – sujeito próximo ao verbo

E – sujeito separado do verbo

Natureza do sujeito

G – expressão pronominal *a gente*²⁰

H – 1ª pessoa do plural

I – pronomes no plural

Z – sintagmas nominais no plural

Paralelismo formal da sequência verbal

J – ausência de paralelismo formal = sintagma verbal isolado

L – presença de paralelismo formal = sintagma verbal em sequência

Grau de formalidade

M – Texto informal (carta pessoal)

N – Texto semiformal (narrativo)

²⁰ A expressão ‘a gente’ pode ser considerada como um pronome que apresenta semanticamente o valor de 1ª pessoa do plural, contudo levamos em consideração o seu valor morfológico, pronome de 3ª pessoa do singular.

O – Texto formal (argumentativo)

Variáveis independentes – extralinguísticas

Escolaridade

R – início do ciclo do EF (2º ano – 5º ano)

S – fim do ciclo do EF (6º ano – 9º ano)

Tempo de permanência na instituição filantrópica

T – menos de cinco anos de permanência na instituição filantrópica

U – mais de cinco anos de permanência na instituição filantrópica

Faixa etária

V – 7 a 12 anos

X – 13 a 18 anos

Para a identificação das sentenças, colocamos entre parênteses, ao final de cada uma, algumas informações sobre o colaborador, por exemplo, 'agente fica bem diferente' (L2SUX). Essas siglas informam-nos que a sentença foi usada pelo colaborador nº 2 na ordem designada pelo pesquisador (L2), que esse colaborador está no fim do ciclo do EF (S), possui mais de cinco anos na entidade filantrópica (U) e tem idade na faixa etária entre 13 e 18 anos (X).

O programa computacional que utilizamos para quantificar nossos dados foi o GOLDVARB X²¹ (SANKOFF et al, 2005), a versão mais recente do VARBRUL, Variable Rule Analyses²², um modelo logístico de análise de dados que possui dez programas²³. O Varbrul, cujo uso já é consagrado entre os sociolinguistas, “foi proposto, por David Sankoff (1978), com o intuito de implementar a proposta de William Labov quanto ao tratamento dos fenômenos variáveis” (SANTOS e VITÓRIO, 2011, p. 44).

Do mesmo modo que o Varbrul, o Goldvarb X²⁴ realiza a montagem das células e verifica o efeito relativo de cada fator da variável dependente, gerando resultados percentuais e probabilísticos²⁵ (SCHERRE; NARO, 2003, p. 161). Esse programa obtém a frequência de cada variante em cada grupo de fatores, contribuindo, assim, para a identificação dos fatores atuantes. O Goldvarb X desenvolve também o cruzamento entre as variáveis independentes, contudo, os resultados são apresentados apenas através de valores percentuais. No nosso estudo, caso observemos uma influência de uma variável independente sobre a outra, faremos uso desse recurso.

O valor de significância é de 0.05, em outras palavras, a probabilidade dos resultados obtidos serem de confiabilidade é de 95%. Para o cálculo do peso relativo, as variantes devem ser binárias (duas formas), já que o Goldvarb X só trabalha com esse tipo de análise. Nela, os valores vão de 0 a 1, logo, o valor referencial é (0.50), isto é, o peso acima desse valor é um indicador de que o fator exerce um condicionamento relevante sobre o uso de uma das variantes e, conseqüentemente, o peso abaixo do valor referido indica que o fator desfavorece o uso. Por exemplo, no nosso caso, aplicamos a variante [+conc] sobre a variável dependente para obtermos seu peso relativo. Assim, o peso maior do que (.50) favorece esse uso, ao passo que o peso menor do que esse índice desfavorece esse uso, favorecendo, portanto, o uso da variante [-conc]. Devemos lembrar que há uma margem de neutralidade, que vai de .45 a .55. O peso que se apresentar dentre esses valores é considerado como não significativo para o estudo, entretanto, não pode ser descartado da análise, haja vista que sua não significância representa, de certo modo, um resultado expressivo.

²¹ Esse programa pode ser encontrado no site <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Para um maior aprofundamento sobre o Goldvarb X, ver Santos & Vitória (2011, p. 43-62).

²² Análises de regras variáveis. Ver Guy & Zilles (2007) para maiores discussões sobre o VARBRUL.

²³ Ver Vitória (2008, p. 78) para o conhecimento desses programas.

²⁴ Esse programa realiza ainda outros procedimentos. Citamos apenas aqueles que foram de maior importância para esta pesquisa.

²⁵ Ver Brescancini (2002) para uma leitura detalhada dos valores obtidos na rodada do programa.

Após a análise quantitativa dos dados, realizamos também o cruzamento de dados da variável escolaridade com as demais variáveis estudadas a fim de verificarmos a influência dessa variável diante da variação de CV.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados estatísticos obtidos através da rodada realizada pelo programa computacional Goldvarb X, apontando as variáveis consideradas por esse programa, como significativas e não-significativas, para o estudo da variável dependente e realizando as análises quantitativa e linguística desses resultados.

3.1 Variável dependente

A partir dos dados coletados da escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió e a partir do pressuposto de que o uso da CV por essa comunidade de fala corresponde a um comportamento variável sistemático quando correlacionado com variáveis linguísticas e extralinguísticas, analisamos 169 sentenças que apresentam ou não marcas de concordância verbal, como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 3 – Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] na escrita de menores carentes da cidade de Maceió.

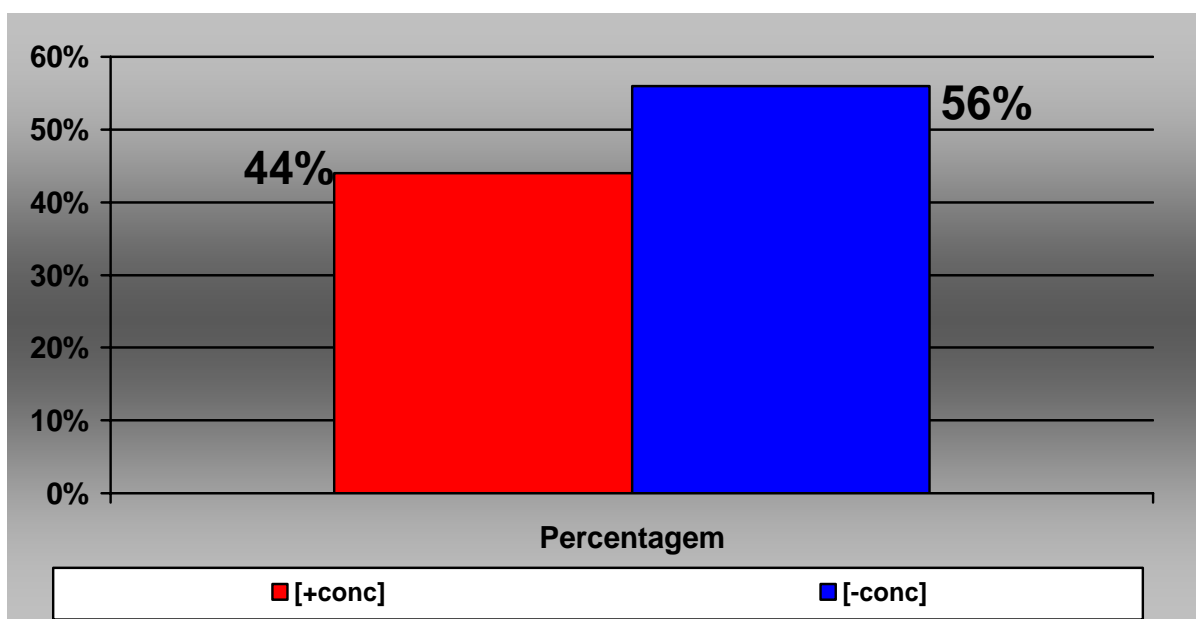
Variantes	Resultado Total	Porcentagem
[+conc]	75	44%
[-conc]	94	56%
Total	169	100%

Fonte: SANTOS, 2013.

Notamos que os menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, em seus textos escritos, ora usam sentenças com **[+conc]** (44%), ora realizam sentenças com **[-conc]** (56%), configurando-se, portanto, a variação entre as duas formas, sendo a variante **[-conc]** a

mais usada por essa comunidade de fala do que a variante [+conc], como também podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] na escrita de menores carentes da cidade de Maceió.



Fonte: SANTOS, 2013.

Esses dados numéricos revelam-se significativos, uma vez que comprovam a existência da variação entre [+conc] e [-conc], corroborando os resultados de várias pesquisas sociolinguísticas já realizadas. Estamos tratando, portanto, de dados como os apresentados abaixo.

- [+conc]
 - (14) L11 - *Todas as coisas que você construir no passado irão* refletir no futuro (L11SUX)
 - (15) L3 - *nós podemos* ajuda o proximo até a gente mesmo (L3RTV)
 - (16) L7 - *eles ficaram* tão feliz (L7SUX)
- [-conc]
 - (17) L7 - *as pessoas* sempri se *apaixona* e depois se *ama* de verdade (L7SUX)
 - (18) L14 - um presente para minha mae e tia porque *elas* é legal (L14RTV)
 - (19) L16 - *nois* vai senti soldades (L16RTV)

Procuramos, assim, compreender melhor o uso dessa variável, presente na escrita da comunidade em estudo, identificando os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem essa variação.

3.2 Variáveis significativas

As variáveis selecionadas pelo programa computacional Goldvarb X como estatisticamente significativas para a variação entre [+conc] e [-conc] foram:

- 1) Escolaridade
- 2) Distância entre sujeito e verbo
- 3) Natureza do sujeito
- 4) Paralelismo formal

Apresentamos, abaixo, os resultados obtidos de acordo com essa ordem. Em seguida, apresentamos as variáveis consideradas como não-significativas pelo Goldvarb X. Tendo em vista que trabalhamos quantitativamente com números, percentagens e estatísticas, utilizamos tabelas e gráficos para uma melhor compreensão dos resultados.

3.2.1 Escolaridade

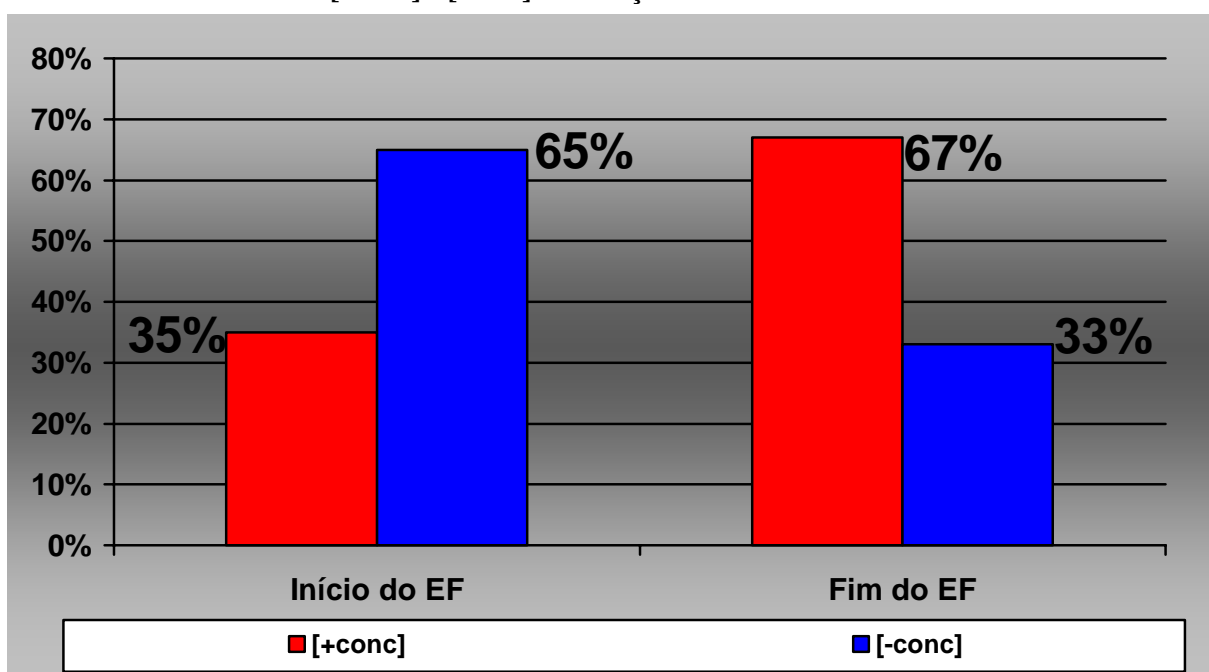
A variável *escolaridade* foi a primeira a ser selecionada pelo Goldvarb X como variável estatisticamente relevante para o uso da variação entre [+conc] e [-conc]. Os fatores trabalhados nessa variável foram *início do ciclo do EF* e *fim desse ciclo*.

As hipóteses que levantamos para esses fatores, tendo em vista os trabalhos sociolinguísticos anteriores sobre variação de CV, foi que os colaboradores que estão no início do

ciclo do EF usam mais a variante [-conc]. Já os que estão no fim do estágio intermediário do ensino escolar usam mais a variante [+conc].

A fim de observar essas hipóteses, obtivemos os seguintes resultados, apresentados, inicialmente, através de gráficos e, em seguida, através de tabelas, conforme veremos em todo este capítulo, para uma melhor compreensão dos resultados. Alguns dados retirados do *corpus* da escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió são apresentados logo abaixo dos gráficos para uma melhor reflexão.

Gráfico 2 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável escolaridade.



Fonte: SANTOS, 2013.

Início do ciclo do EF (2º ano – 5º ano)

[+conc]

(20) L1 - *elas estao* com gente (L1RTV)

(21) L3 - *nós podemos ajuda* o proximo até a gente mesmo (L3RTV)

[-conc]

(22) L13 - (...) onde a gente podemos divertir (L13RUV)

(23) L14 - a gente no meio do capô quase que faziamos gol (L14RTV)

Fim do ciclo do EF (6º ano – 9º ano)

[+conc]

(24) L11 - Todas as coisas que você construir no passado irão refletir no futuro (L11SUX)

(25) L2 - nós sentimos paixão (L2SUX)

[-conc]

(26) L6 - elas tinha que vive (L6SUX)

(27) L7 - as pessoas sempre se apaixonam (L7SUX)

O gráfico 2, como todos os outros presentes neste capítulo, mostra os percentuais da variável dependente para cada fator. A cor *vermelha* representa a variante [+conc], já a cor *azul* simboliza a variante [-conc].

Ao analisarmos os dados apresentados no Gráfico 2, constatamos a variação de uso entre [+conc] e [-conc]. Para o fator *início do EF*, obtivemos um percentual maior para a variante [-conc], que apresentou 65% contra 35% de casos de [+conc]. Já para o fator *fim desse ensino*, a variante que obteve maior índice percentual foi [+conc], que obteve 67% contra 33% de [-conc].

Esses resultados confirmam as hipóteses levantadas previamente e ratificam mais uma vez os resultados obtidos por trabalhos sociolinguísticos já realizados.

Tabela 4 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável escolaridade e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável.

<i>Escolaridade</i>	[+conc]	[-conc]	[+conc]
	Aplic./Total/Perc.	Aplic./Total/Perc.	Peso relativo
Início do EF	42/120/35%	78/120/65%	.34

Fim do EF	33/49/67%	16/49/33%	.83
------------------	-----------	-----------	-----

Fonte: SANTOS, 2013.

A tabela acima, assim como as demais tabelas apresentadas no capítulo 3, fornece-nos o número de aplicações de cada variante de acordo com os fatores, o número total de realização de cada fator, a percentagem das variantes de acordo com cada fator e o peso relativo, encontrado, na última coluna da tabela, a partir da aplicação da variante [+conc] na variável *escolaridade*. As tabelas foram construídas com um objetivo principal de refletirmos sobre os resultados apresentados através do peso relativo, já que é através dele que o programa Goldvarb X se baseia para a seleção da ordem de significância.

Analisando especificamente a aplicação da variante [+conc] sobre a variável *escolaridade*, podemos pontuar que o fator *fim do ciclo do EF* condiciona significativamente o uso de marcas de CV, enquanto o fator *início desse ciclo* condiciona mais o uso de marcas de não-CV, apresentando, respectivamente, pesos relativos de .83 e .34. Esses resultados também nos permitem ratificar a hipótese de que o ensino escolar reflete significativamente o uso da variação de CV, em que aqueles que estão no início da escolarização tendem a usar mais a variante de não-prestígio e aqueles que estão no fim da escolarização tendem a usar mais a variante de prestígio.

Observando o *corpus* desta pesquisa, devemos destacar que são os colaboradores com maior grau de escolaridade que produzem textos mais coerentes, apesar do nível de qualidade de todos os textos, independente da escolaridade, ser bastante baixo. São vários e de diversas ordens os problemas encontrados neles quanto ao uso das marcas de CV, isto demonstra que o papel da escola na vida dos menores carentes que vivem em entidades filantrópicas é precário e requer mais qualidade de ensino para que se obtenha uma melhor aprendizagem. Por outro lado, são os colaboradores com maior grau de escolaridade que mais usam o pronome ‘nós’, sintagmas verbais em sequências maiores, elementos entre sujeito e verbo, em suas produções escritas.

Devemos ressaltar mais uma vez que essas constatações mais os resultados obtidos por essa variável, não só por este estudo, mas também por outros, apontam-nos insistentemente para uma influência significativa da escolaridade sobre a variação de CV, já que à medida que o nível

de escolarização da comunidade de fala vai aumentando, cresce também o uso de formas que são trabalhadas nas escolas e vistas como as formas “corretas” e de prestígio social.

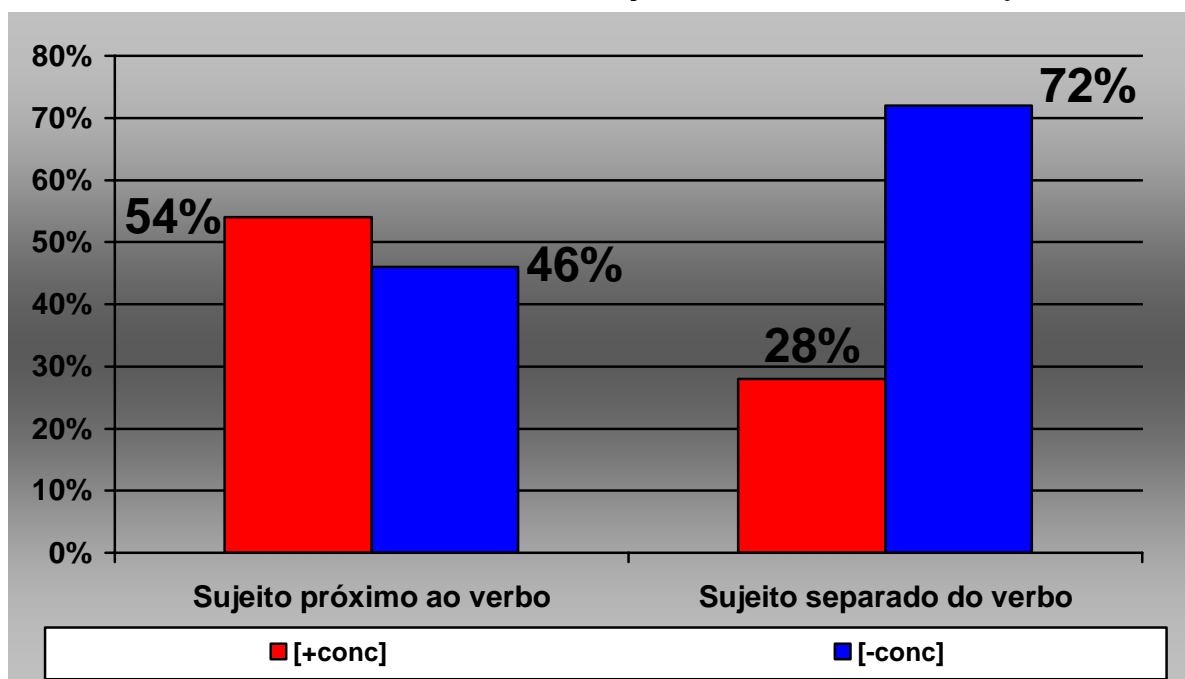
Todavia, apesar da variável escolaridade ser apontada como um fator que exerce influência significativa sobre a variação de CV na escrita da comunidade em estudo, uma vez que, quanto mais se avança a escolaridade, mais se usa a variante de prestígio, o resultado total obtido ainda foi maior para a variante de menos prestígio. De qualquer forma, o resultado obtido pela variável escolaridade é representativo e leva-nos a boas expectativas quanto ao ensino escolar.

3.2.2 Distância entre sujeito e verbo

A variável *distância entre sujeito e verbo* foi a segunda variável no total e a primeira variável de ordem linguística a ser selecionada pelo Goldvarb X como significativa sobre o uso da variação entre [+conc] e [-conc]. Os fatores postos em análise foram *sujeito próximo ao verbo* e *sujeito separado do verbo*.

Para verificarmos esse efeito, partimos da hipótese de que quando o sujeito está próximo ao verbo, há mais casos de [+conc] e que, quando o sujeito está separado do verbo, há mais casos de [-conc] como é de se esperar.

Gráfico 3 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *distância entre sujeito e verbo*.



Fonte: SANTOS, 2013.

Sujeito próximo ao verbo

[+conc]

(28) L2 - *todos podem* ter do maior au menor (L2SUX)

(29) L4 - *nós podemos* ajuda o proximo até a gente mesmo (L4SUX)

[-conc]

(30) L8 - *nois falou* um poco do meu tio e na minha mãe (L8SUX)

(31) L5 - *o amor e a paixao* e unas coisas tola (L5RTX)

Sujeito separado do verbo

[+conc]

(32) L4 - *A sociedade não sabe* defini as diferenças que são necessarias corrigi (L4SUX)

(33) L6 - *elas que já nem estavam* vivendo con amor (L6SUX)

[-conc]

(34) L14 - *a gente* no meio do capô **quase que** faziamo gol (L14RTV)

(35) L13 - *algumas pessoas* **que** precisa de amor (L13RUV)

Ao observarmos o gráfico, verificamos que a hipótese levantada para a análise dessa variável foi confirmada. Porém, diferentemente do que imaginávamos, o fator *sujeito próximo ao verbo* apresentou um duelo bastante disputado entre as variantes (54% de [+conc] contra 46% de [-conc]). Esse equilíbrio pode estar nos revelando uma certa dificuldade quanto ao uso da variante [+conc], pois o fator em questão, como vimos no Capítulo 1, é apontado por vários trabalhos como sendo um fator que leva a mais casos de [+conc], tornando a disputa desequilibrada.

Já o fator *sujeito separado do verbo* apresentou um resultado de acordo com o que prevíamos, ou seja, uma concorrência menor entre as variantes, predominando a variante [-conc] (28% contra 72% de [+conc] e [-conc], respectivamente).

Tabela 5 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *distância entre sujeito e verbo* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável.

<i>Distância entre sujeito e verbo</i>	[+conc] Aplic./Total/Perc.	[-conc] Aplic./Total/Perc.	[+conc] Peso relativo
Sujeito próximo ao verbo	58/108/54%	50/108/46%	.60
Sujeito separado do verbo	17/61/28%	44/61/72%	.31

Fonte: SANTOS, 2013.

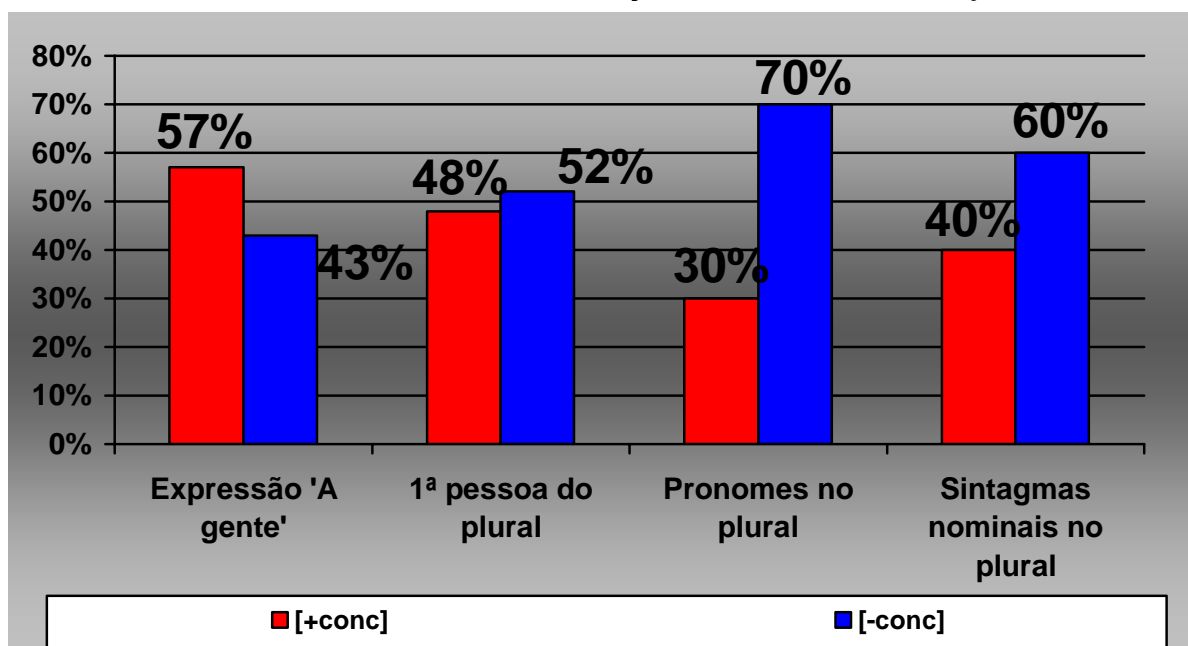
Quanto aos dados probabilísticos, obtivemos os mesmos resultados dos percentuais, assim como os mesmos resultados obtidos por outras pesquisas. O fator *sujeito próximo ao verbo* obteve um peso relativo de .60, levando a mais casos de [+conc] e o fator *sujeito separado do verbo* apresentou peso relativo de .31, indicando uma influência significativa sobre a variante [-conc]. Desse modo, as hipóteses levantadas previamente também foram confirmadas pelos resultados probabilísticos.

Os elementos linguísticos mais presentes entre a estrutura sujeito-verbo foram o pronome relativo 'que', os pronomes reflexivos 'se' e 'nos', os advérbios 'já' e 'não', sendo o pronome 'que' o elemento que mais foi usado. Vale ressaltarmos que a comunidade de fala em análise usa, de forma geral, uma quantidade pequena de elementos entre o sujeito e o verbo. Assim, é preferível o uso de nenhum ou apenas um a três elementos.

3.2.3 Natureza do sujeito

Selecionamos quatro fatores para analisarmos o papel da variável *natureza do sintagma sujeito* na variação em estudo: *expressão 'a gente'*, *1ª pessoa do plural*, *pronomes no plural* e *sintagmas nominais no plural*. Esses fatores foram selecionados a fim de observarmos se as hipóteses de que o fator *expressão 'a gente'* condiciona mais [+conc] e se que os fatores *1ª pessoa do plural*, *pronomes no plural* e *sintagmas nominais no plural* condicionam mais [-conc] podem ser ratificadas. Os resultados obtidos apresentaram-se da seguinte forma:

Gráfico 4 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *natureza do sujeito*.



Fonte: SANTOS, 2013.

Expressão *a gente*

[+conc]

(36) L9 - *ajente fez* fuguera (L9RUV)

(37) L2 - *agente fica* bem diferente (L2SUX)

[-conc]

(38) L1 - *a genti gostamo* muito da siora (L1RTV)

(39) L13 - (...) onde *a gente podemo* deverti (L13RUV)

1ª pessoa do plural

[+conc]

(40) L16 - nos fomos campeão (L16RTV)

(41) L2 - nós sentimos paixão (L2SUX)

[-conc]

(42) L8 - nois falou um poco do meu tio e na minha mãe (L8SUX)

(43) L3 - nos coprou ropa (L3RTV)

Pronomes no plural

[+conc]

(44) L1 - elas estao com gente (L1RTV)

(45) L9 - todos choram (L9RUV)

[-conc]

(46) L15 - elas é legal (L15RTX)

(47) L10 - eles vive disso (L10SUX)

Sintagmas nominais no plural

[+conc]

(48) L11 - essas besteiras de agora podem no futuro ser as maiores problemas de sua vida
(L11SUX)

(49) L15 - as meninas foram simbora (L15RTX)

[-conc]

(50) L10 - Os brasileiros já (1) nasce com o espírito de jogador (L10SUX)

(51) L7 - meus dois irmãs, que amo e é umas pessoas especiais pra mim (L7SUX)

Conforme podemos observar no gráfico acima, o único fator que leva mais ao uso de [+conc] é a *expressão pronominal 'a gente'*. Podemos dizer que, a princípio, esse não é um resultado surpreendente, uma vez que já é esperado ter mais casos de [+conc] diante de sujeitos no singular (*a gente* sintaticamente corresponde à terceira pessoa do singular). Nesse raciocínio, poderíamos dizer que a surpresa ficou por conta da disputa acirrada entre as variantes em questão (57% de [+conc] contra 43% de [-conc]), só que nesse caso não há surpresa porque essa expressão apresenta semanticamente o valor de 1ª pessoa do plural. Sendo comum, portanto, um uso equilibrado entre [+conc] e [-conc].

Os demais fatores em análise levam mais ao uso de [-conc], contudo, os *pronomes no plural* são os que mais condicionam esse uso, seguido pelo fator *sintagmas nominais no plural* (70% e 60%, respectivamente). A disputa entre as variantes [+conc] e [-conc] no fator *1ª pessoa do plural* é bastante acirrada (52% de [+conc] contra 48% de [-conc]).

Tabela 6 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *natureza do sujeito* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável.

<i>Natureza do sintagma sujeito</i>	[+conc] Aplic./Total/Perc.	[-conc] Aplic./Total/Perc.	[+conc] Peso relativo
Expressão <i>a gente</i>	23/40/57%	17/40/43%	.70
1ª pessoal do plural	29/60/48%	31/60/52%	.60
Pronomes no plural	13/44/30%	31/44/70%	.28
Sintagmas nominais no plural	10/25/40%	15/25/60%	.33

Fonte: SANTOS, 2013.

De acordo com as percentagens que observamos no Gráfico 4, as hipóteses levantadas previamente podem ser confirmadas. Todavia, analisando a Tabela 6, encontramos um fator

apontando para uma variante diferente. Esse fator é a *1ª pessoa do plural* que, conforme peso relativo (.60), leva mais ao uso de [+conc], um dado que provavelmente sofreu influência do uso desse pronome por parte dos mais escolarizados, que parecem ter usado mais do que os menos escolarizados. Quanto aos outros fatores, não obtivemos diferenças entre resultados percentuais e peso relativo. Assim, estatisticamente, nossas hipóteses foram parcialmente confirmadas.

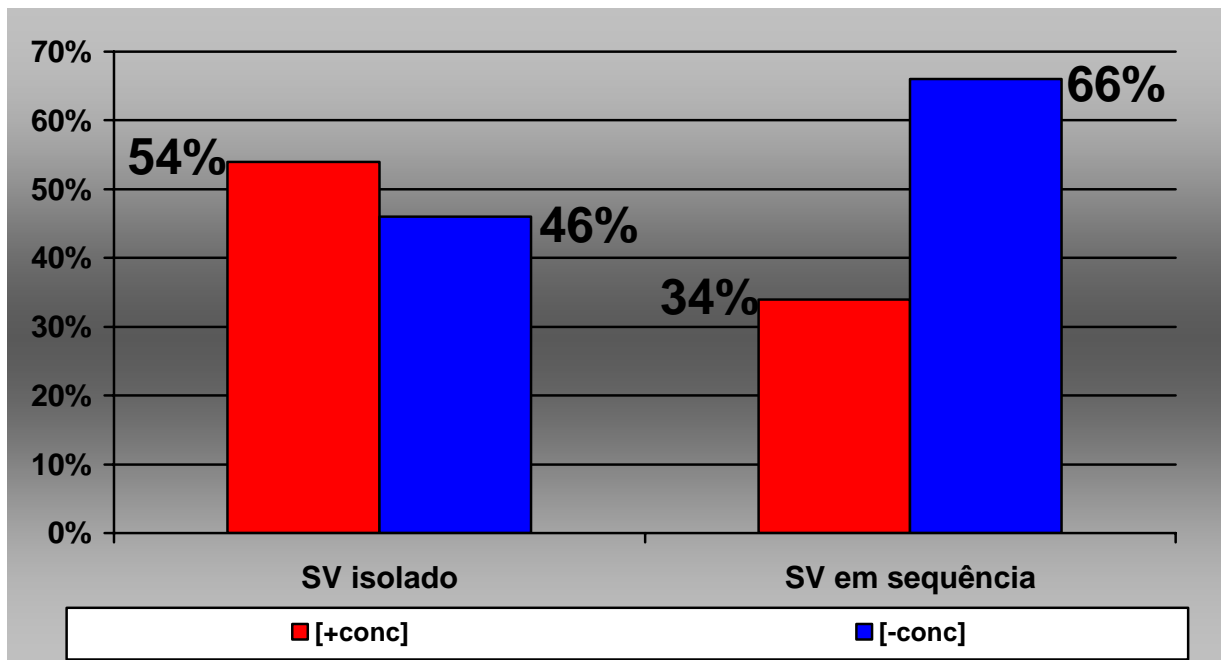
Observando especificamente o peso relativo, temos que sujeitos na 1ª pessoa do plural e constituídos pelo pronome ‘a gente’ levam a um uso maior de [+conc], enquanto sujeitos constituídos por demais pronomes e sintagmas nominais no plural levam mais ao uso de [-conc] (.70, .60, .28, .33), sendo que foi o fator ‘pronomes no plural’ que mais levou ao uso desta variante.

3.2.4 Paralelismo formal da sequência verbal

A quarta e última variável selecionada pelo Goldvarb X como uma variável que influencia o uso da variação entre [+conc] e [-conc] foi a variável linguística *paralelismo formal da sequência verbal*. Os fatores selecionados para verificarmos o efeito dessa variável sobre a referida variação foram *sintagma verbal isolado* e *sintagma verbal em sequência*.

O que pretendemos verificar com essa variável é se a hipótese de que o *sintagma verbal isolado* é o fator responsável pelo uso com mais frequência da variante [+conc] e se o *sintagma verbal em sequência* é o fator responsável pelo uso com mais frequência da variante [-conc].

Gráfico 5 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *paralelismo formal da sequência verbal*.



Fonte: SANTOS, 2013.

Sintagma verbal isolado = ausência de paralelismo formal

[+conc]

(52) L2 - *nós amamos* as outras pessoas (L2SUX)

(53) L6 - *muitas pessoas estavam* em tratamento com Deus (L6SUX)

[-conc]

(54) L7 - apesar que *as pessoas se apaixonou* primeiro (L7SUX)

(55) L5 - *todo nus siapaixonou* muito (L5RTX)

Sintagma verbal em sequência = presença de paralelismo formal

[+conc]

(56) L11 - a mesma coisinha de quando até ⁽¹⁾*plantamos* algo, como ⁽²⁾*plantamos* milhos, ⁽³⁾*plantamos* alguns meses antes de junho, porque ⁽⁴⁾*sabemos* que em junho ⁽⁵⁾*iremos* comer daquele milho (L11SUX)

(57) L12 - Profissional, peessoas que (1)*passam* pelas categorias de base e (2)*são* entroduzidos no mercado esportivo (L12SUX)

[-conc]

(58) L9 - ajente (1)*fez* fuguera (2)*tomou* banho de pisina (3)*comemos* o passaporte (4)*asistimo* filme (L9RUV)

(59) L10 - Os brasileiros já (1)*nasce* com o espírito de jogador, já (2)*nasce* de uma família securenta de futebol (L10SUX)

Observando o Gráfico 5, constatamos uma variação equilibrada entre as variantes em análise no fator *sintagma verbal isolado*, com uma pequena preferência pelo uso da variante [+conc] (54% de [+conc] contra 46% de [-conc]). Já na análise do fator *sintagma verbal em seqüência*, constatamos uma preferência maior para a variante [-conc], tornando-se uma variação menos equilibrada (34% [+conc] contra 66% [-conc]).

As hipóteses que havíamos levantado inicialmente puderam ser confirmadas, mas os dados percentuais sozinhos não revelam confiabilidade suficiente para afirmarmos categoricamente, principalmente porque o percentual relacionado à hipótese de que o *sintagma verbal isolado* leva a mais casos de [+conc] é baixo. Vejamos, portanto, o peso relativo para chegarmos a uma conclusão mais confiável.

Tabela 7 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *paralelismo formal da seqüência verbal* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável.

<i>Paralelismo formal da seqüência verbal</i>	[+conc] Aplic./Total/Perc.	[-conc] Aplic./Total/Perc.	[+conc] Peso relativo
SV²⁶ isolado	47/87/54%	40/87/46%	.60
SV em seqüência	28/82/34%	54/82/66%	.38

²⁶ A sigla SV quer dizer sintagma verbal.

Fonte: SANTOS, 2013.

A probabilidade revelada pelo peso relativo mostra-nos que nossas hipóteses puderam ser ratificadas, haja vista que o dado probabilístico para o fator *sintagma verbal isolado* foi (.60), levando mais ao uso de [+conc], e esse dado para o fator *sintagma verbal em sequência* foi (.38), apontando para um uso maior de [-conc].

Observando o *corpus*, verificamos que a natureza do sujeito do *sintagma verbal isolado* era tanto nominal quanto pronominal. Da mesma forma ocorreu com o sujeito que inicia a série de sequência verbal (1ª referência), porém, nesse caso, as formas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’ foram, de modo geral, as mais usadas.

Nos casos de *sintagma verbal em sequência*, observamos que há uma probabilidade maior de uso do sujeito subtendido após a 1ª referência, o que, de certa forma, é esperado, haja vista que esse sintagma no nosso *corpus*, em sua maioria, é constituído por uma oração coordenada. Observamos também uma variação das formas verbais entre primeira pessoa do plural e primeira pessoa do singular quando o sujeito que inicia a série da sequência verbal apresenta-se na forma pronominal ‘a gente’, como podemos ver no exemplo (58), acima. O mesmo ocorreu pouco quando esse sujeito estava na forma pronominal ‘nós’.

3.3 Variáveis não-significativas

As variáveis selecionadas pelo programa computacional Goldvarb X como estatisticamente não-significativas para a variação entre [+conc] e [-conc] foram:

- 1) Faixa etária
- 2) Tempo de permanência na instituição filantrópica
- 3) Grau de formalidade

Acreditamos que a apresentação dos resultados dessas variáveis, mesmo sendo considerados como não influentes na variação em análise, faz-se importante, haja vista que esses

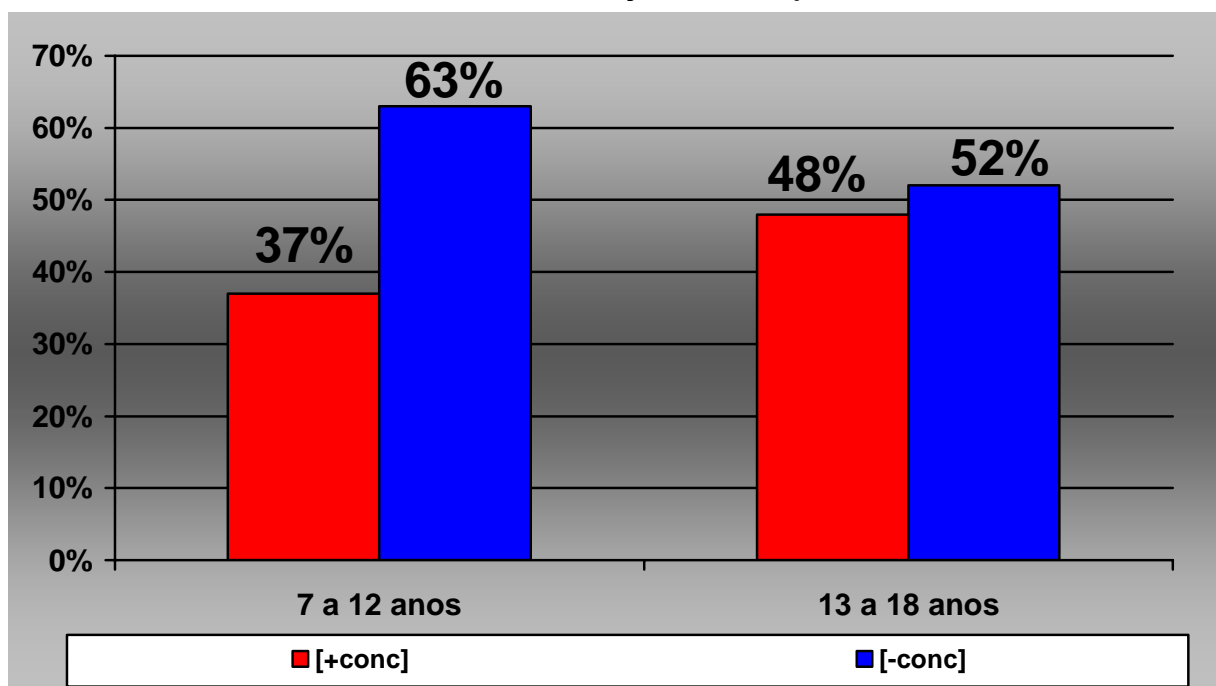
resultados também contribuem para uma melhor compreensão da maneira como a CV se comporta na escrita da comunidade de estudo.

Antes de passarmos para a análise de cada uma dessas variáveis, vale ressaltarmos que as variáveis consideradas como as menos importantes para o presente estudo foram as variáveis sociais, uma vez que foram as primeiras excluídas pelo Goldvarb X, já as variáveis linguísticas foram as últimas a serem eliminadas da rodada.

3.3.1 Faixa etária

A *faixa etária* foi a primeira variável a ser selecionada como não-significativa para o comportamento variável da CV. Para essa variável, selecionamos os fatores *7 a 12 anos* e *13 a 18 anos de idade*. A fim de observarmos o efeito dessa variável sobre a variação entre [+conc] e [-conc], partimos da hipótese de que os colaboradores que estão na faixa etária entre *7 e 12 anos* tendem a usar menos marcas de CV e os colaboradores que estão na faixa etária entre *13 e 18 anos* tendem a usar mais essas marcas. Ao rodarmos o Goldvarb X, obtivemos os seguintes resultados percentuais, apresentados no gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *faixa etária*.



Fonte: SANTOS, 2013.

7 a 12 anos

[+conc]

(60) L9 - *todos choram* (L9RUV)

(61) L16 - *a gente fico feliz* (L16RTV)

[-conc]

(62) L1 - *a genti gostamo* muito da siora (L1RTV)

(63) L16 - *nois vai senti* soldades (L16RTV)

13 a 18 anos

[+conc]

(64) L5 - *a gente espera* mais (L5RTX)

(65) L11 - *passados e presente* são tão importantes quanto à mim (L11SUX)

[-conc]

(66) L4 - *todos* que *esta* em nossa rede (L4SUX)

(67) L7 - *as pessoas* *sempri* se *apaixona* (L7SUX)

Através da observação do Gráfico 6, verificamos que a variante que prevalece nos dois fatores são [-conc]. Para o fator *7 a 12 anos de idade*, como havíamos pressuposto, o percentual de [-conc] foi bem maior do que o de [+conc] (63% contra 37%, respectivamente). Já para o fator *13 a 18 anos de idade*, a variação entre [+conc] e [-conc] foi bastante equilibrada (48% contra 52%, respectivamente). Esses resultados demonstram que os colaboradores mais jovens tendem a usar mais a variante [-conc]. Os que têm uma idade maior também tendem a usar mais essa variante, porém o uso da variante [+conc] nessa faixa etária já é maior do que os de menor idade.

Para entendermos melhor a seleção da variável em questão feita pelo Goldvarb X como uma variável que não representa influência significativa sobre a variação de CV, devemos analisar o peso relativo, já que esse programa computacional se baseia no peso relativo para executar a seleção das variáveis significativas e não-significativas.

Tabela 8 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *faixa etária* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável.

<i>Faixa etária</i>	[+conc] Aplic./Total/Perc.	[-conc] Aplic./Total/Perc.	[+conc] Peso relativo
7 a 12 anos	20/54/37%	34/54/63%	.45
13 a 18 anos	55/115/48%	60/115/52%	.51

Fonte: SANTOS, 2013.

Observando os resultados apresentados pelo peso relativo, compreendemos melhor o porquê de a variável *faixa etária* ter sido selecionada como não-significativa para o estudo da variação entre [+conc] e [-conc], resultado que Vieira (1994) também alcançou em sua pesquisa.

Ambos os fatores analisados apresentaram peso relativo na escala de neutralidade, que vai de .45 a .55. O fator *7 a 12 anos* até que possui um peso relativo no início dessa escala e o peso relativo do fator *13 a 18 anos* se encontra praticamente no meio dessa escala. Desse modo, ambos os fatores foram considerados como fatores que não interferem na referida variação, refutando nossa hipótese inicial.

Devemos reconhecer que as idades selecionadas para compor o grupo de fatores da variável *faixa etária* são bem próximas e, talvez, isso possa ter tido alguma contribuição para a não-significância dessa variável. Contudo, continuamos acreditando que crianças apresentam um comportamento linguístico um tanto diferenciado em relação ao dos jovens, por isso insistimos na presença dessa variável neste estudo.

Devemos ressaltar, ainda, que não acreditamos que tenha ocorrido uma interferência entre o grupo de fatores dessa variável e o da variável *escolaridade*, como é comum acontecer nos trabalhos sociolinguísticos. Os fatores analisados nessas variáveis não possuem uma relação de interferência tão forte para tanto, já que, por exemplo, os colaboradores que estão no fim do EF da faixa etária entre sete e doze anos possuem apenas a idade mais avançada dessa faixa (12 anos). Havia também colaboradores com idades entre treze e dezoito anos que ainda estavam no início do EF. Da mesma forma, não acreditamos que haja interferência entre a variável *faixa etária* e a variável *tempo de permanência na instituição filantrópica*. Os colaboradores que têm idades entre treze e dezoito anos estão na instituição tanto a mais tempo quanto a menos tempo, e apenas os que têm as idades mais avançadas (11 e 12 anos) da faixa etária entre sete e doze anos estão na instituição há mais de cinco anos.

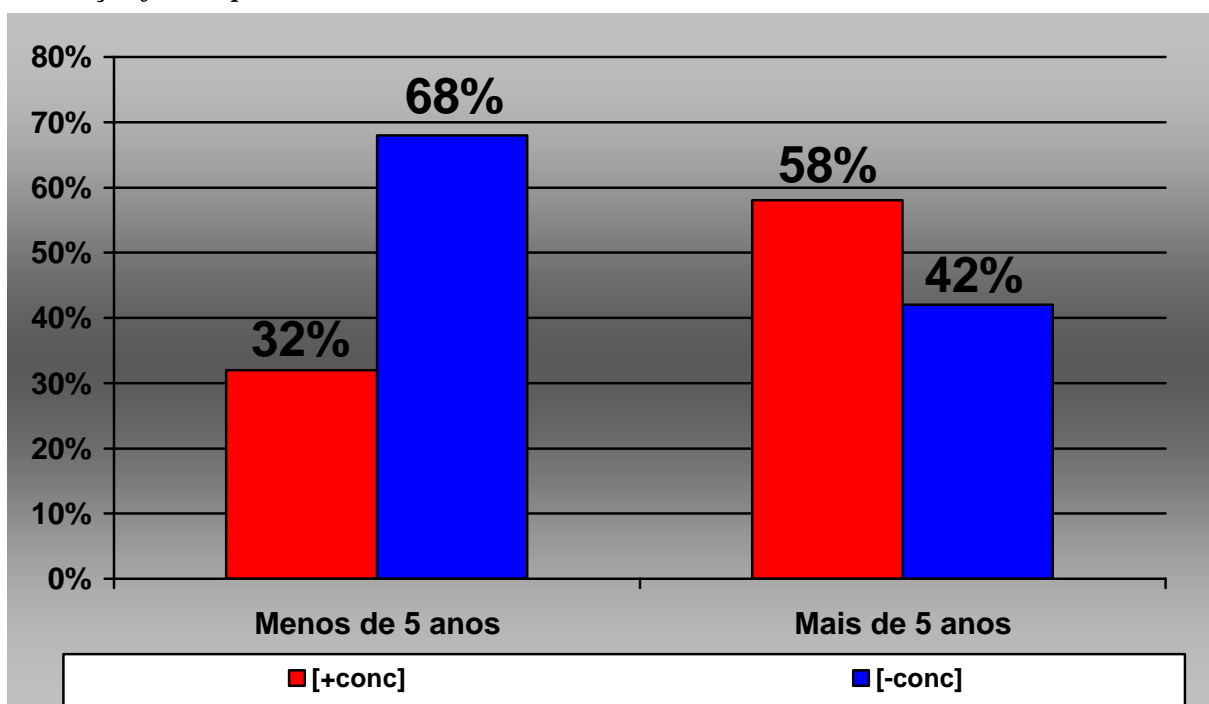
3.3.2 Tempo de permanência na instituição filantrópica

Para a variável *tempo de permanência na instituição filantrópica*, segunda variável considerada como estatisticamente não-significativa para a variação entre [+conc] e [-conc], selecionamos os fatores *menos de 5 anos* e *mais de 5 anos de permanência na instituição*. Nossa intenção era verificarmos se a hipótese de que os colaboradores que estão na instituição há *menos*

de 5 anos usam mais a variante [-conc] e os colaboradores que estão na instituição há *mais de 5 anos* usam mais a variante [+conc].

Essas hipóteses foram levantadas devido ao fato de que as crianças, de um modo geral, antes do processo de institucionalização, não frequentam a escola. Esse contato escolar passa a acontecer a partir do momento que as crianças entram na instituição. Assim, como vimos anteriormente, estamos partindo do pressuposto “de que o acesso às normas linguísticas determina a escolha das variantes linguísticas, ou seja, quanto maior a escolaridade do usuário da língua, maior o uso da variante conservadora” (VITÓRIO, 2008, p. 101).

Gráfico 7 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável *tempo de permanência na instituição filantrópica*.



Fonte: SANTOS, 2013.

Menos de cinco anos de permanência na instituição filantrópica

[+conc]

(68) L16 - a jenti senti (L16RTV)

(69) L15 - as meninas foram simbora (L15RTX)

[-conc]

(70) L16 - nois vai senti soldades (L16RTV)

(71) L3 - nos coprou ropa (L3RTV)

Mais de cinco anos de permanência na instituição filantrópica

[+conc]

(72) L9 - ajente fez fuguera, tomou banho de piscina (L9RUV)

(73) L12 - Profissional, pessoas que *passam* pelas categorias de base e *são* entrodizados no mercado esportivo (L12SUX)

[-conc]

(74) L7 - meus dois irmães, que amo e *é* umas pessoas especiais pra mim (L7SUX)

(75) L8 - nois falou um pouco do meu tio e na minha mãe (L8SUX)

No gráfico 7, vemos que, para o fator *menos de 5 anos*, a variante mais usada é [-conc] (68% contra 32% de [+conc]). Já para o fator *mais de 5 anos na instituição filantrópica*, a variante mais usada é [+conc] (58% contra 42% de [-conc]), porém, há uma maior variação entre o uso dessas variantes neste fator do que naquele. Assim, de acordo com os dados percentuais, nossas hipóteses foram confirmadas.

Todavia, ao rodarmos o Goldvarb X, obtivemos dados probabilísticos diferentes dos dados percentuais, como podemos conferir na Tabela 9, abaixo.

Tabela 9 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável *tempo de permanência na instituição filantrópica* e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável.

<i>Tempo de permanência na instituição filantrópica</i>	[+conc] Aplic./Total/Perc.	[-conc] Aplic./Total/Perc.	[+conc] Peso relativo
Menos de 5 anos	28/88/32%	60/88/68%	.44
Mais de 5 anos	47/81/58%	34/81/42%	.55

Fonte: SANTOS, 2013.

Ao observarmos o gráfico acima, entendemos melhor o fato da variável *tempo de permanência na instituição filantrópica* fazer parte do grupo das variáveis consideradas como não representativas para a análise da variação entre [+conc] e [-conc]. A variável em questão apresentou um fator com peso relativo de .44, valor que está a um ponto da escala de neutralidade, e o outro com peso de .55, valor que se encontra dentro dessa escala, revelando-se, portanto, como fator estatisticamente não influente para o uso da referida variação. Como o fator *menos de 5 anos de idade* se apresentou como um fator favorável ao uso da variante [-conc], nossa hipótese levantada previamente foi parcialmente aceita.

Pelos motivos já expostos durante as análises das variáveis *escolaridade* e *faixa etária*, não acreditamos que os resultados obtidos pela variável *tempo de permanência* tenham interferência dos fatores daquelas variáveis. Porém, de qualquer forma, reconhecemos a importância do trabalho filantrópico, principalmente, tendo em vista que é a partir da entrada das crianças nessas instituições, que de uma forma geral, elas passam a frequentar o mundo escolar. Esse fato, o programa computacional Goldvarb X não é capaz de analisar, por isso ressaltamos a importância da análise crítica do pesquisador diante dos resultados obtidos por esse programa.

Por outro lado, verificamos um aspecto negativo quanto ao desenvolvimento do papel das instituições trabalhadas nesta pesquisa no que diz respeito ao gosto pela leitura. Através da ficha

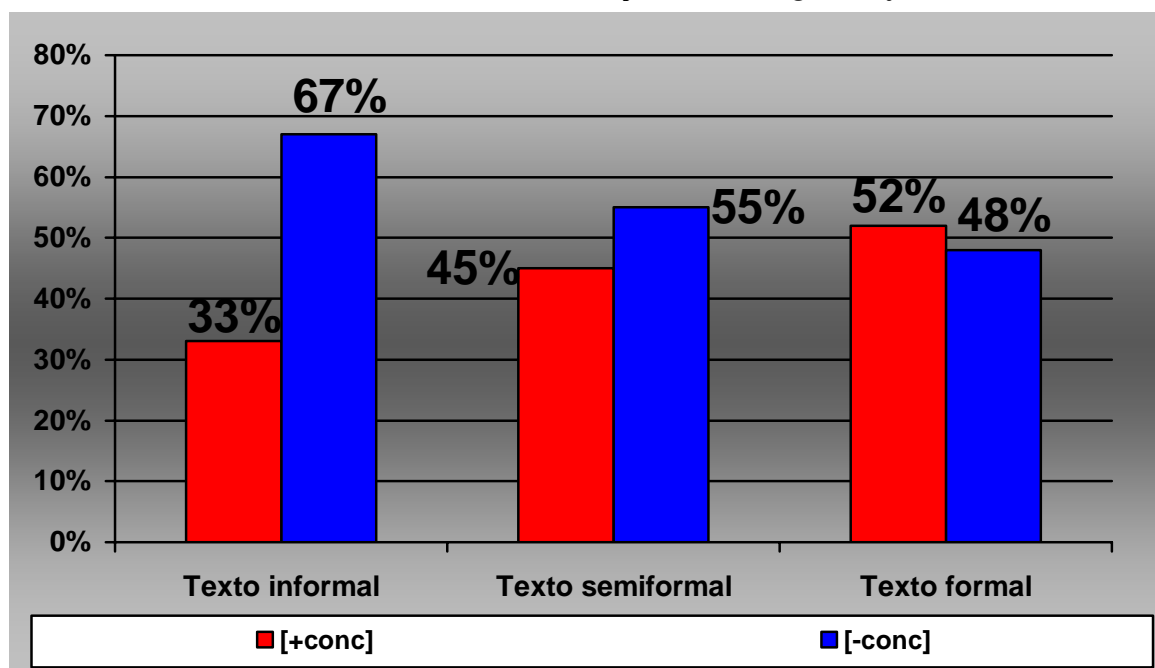
social (etapa 2)²⁷, pudemos observar que dentre os oito colaboradores do sexo feminino, quatro declararam que gostam de ler, sendo apenas uma menina com mais de cinco anos na instituição filantrópica, e quatro que não gostam, sendo apenas uma com menos de cinco anos nessa instituição. Essa questão demonstra que, ao chegar à entidade filantrópica, as crianças, especialmente as meninas, uma vez que todos os colaboradores do sexo masculino declararam que gostam de ler, sentem motivação em ler, mas ao passar do tempo, esse prazer não se configura em um costume.

3.3.3 Grau de formalidade

O *grau de formalidade* foi a última variável a ser selecionada como não-significativa para o estudo do comportamento variável de CV. Selecionamos, para essa variável, três fatores: *texto informal*, *texto semiformal* e *texto formal*. A fim de observarmos o efeito dessa variável sobre a variação entre [+conc] e [-conc], partimos da hipótese de que *textos informal e semiformal* levam mais ao uso da variante [-conc] e o *texto formal* leva mais ao uso da variante [+conc]. Através dos resultados percentuais e probabilísticos, verificamos se essas hipóteses podem ser ratificadas ou não.

²⁷ Conferir em Anexo 3.

Gráfico 8 – Resultados de [+conc] e [-conc] em relação à variável grau de formalidade.



Fonte; SANTOS, 2013.

Texto informal (carta pessoal)

[+conc]

(76) L9 - todos choram (L9RUV)

(77) L1 - elas estao com gente (L1RTV)

[-conc]

(78) L1 - a genti gostamo muito da siora (L1RTV)

(79) L16 - nois vai senti soldades (L16RTV)

Texto semiformal (narrativo)

[+conc]

(80) L6 - varias pessoas que sairam das drogas (L6SUX)

(81) L7 - Quando encontrei ele, eles ficaram tão feliz (L7SUX)

[-conc]

(82) L8 - *nois falou* um poco do meu tio e na minha mãe (L8SUX)

(83) L3 - *nos coprou* ropa (L3RTV)

Texto formal (argumentativo)

[+conc]

(84) L12 - Amador, *pessoas* que *jogam* em times de base (L12SUX)

(85) L2 - *nós* sentimos paixão (L2SUX)

[-conc]

(86) L5 - *o amor e a paixão* e unas coisas tola (L5RTX)

(87) L4 - *todos* que *esta* em nossa rede (L4SUX)

O Gráfico 8 mostra que a variante [-conc] apareceu mais nos textos informal e semiformal. Nestes textos, o uso das variantes é equilibrado (45% de [+conc] contra 55% de [-conc]), enquanto naqueles, esse equilíbrio não ocorre (33% de [+conc] contra 67% de [-conc]). Já nos textos formais, o uso das variantes é bastante equilibrado (52% de [+conc] contra 48% de [-conc]), com uma pequena tendência ao uso da variante [+conc]. Esses resultados permitem-nos confirmar nossas hipóteses.

Tabela 10 – Resultados de [+conc] e [-conc] na variável grau de formalidade e o peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na referida variável.

<i>Grau de formalidade</i>	[+conc] Aplic./Total/Perc.	[-conc] Aplic./Total/Perc.	[+conc] Peso relativo
Texto informal	17/51/33%	34/51/67%	.36
Texto semiformal	21/47/45%	26/47/55%	.60

Texto formal	37/71/52%	34/71/48%	.53
---------------------	-----------	-----------	-----

Fonte: SANTOS, 2013.

Por outro lado, os resultados apresentados através do peso relativo permitem apenas que a hipótese de que o fator *texto informal* (.36) leva mais ao uso de [-conc] seja ratificada. O fator *texto formal* obteve peso relativo dentro da escala de neutralidade (.53), apresentando-se como não-significativo para a influência do uso da variação entre [+conc] e [-conc]. Já o fator *texto semiformal* apresentou um peso relativo de .60, o que indica que é um fator que leva mais ao uso da variante [+conc], diferentemente do que havíamos pressuposto e do que foi apresentado pelo percentual.

Podemos considerar que os resultados obtidos pela variável *grau de formalidade* foram, parcialmente, diferentes do pressuposto. Esperávamos que o fator *texto semiformal*, por ser representado pelo texto narrativo, apresentasse um favorecimento ao uso da variante [-conc] e que o fator *texto formal*, por ser representado pelo texto dissertativo, apresentasse um favorecimento ao uso da variante [+conc]; pressupostos que não puderam ser confirmados.

Analisando ainda mais esses resultados, chegamos à reflexão de que a neutralidade da influência do fator *texto formal* pode ter ocorrido porque o texto dissertativo e suas características são relativamente novos para os colaboradores da pesquisa, isto é, eles ainda estão se adaptando a essa formalidade, inclusive houve dois textos coletados que eram pouco representativos desse tipo de texto porque não apresentavam algumas características básicas para que pudessem ser enquadrados de fato como texto dissertativo. Já o *texto narrativo* é mais comum e, geralmente, os colaboradores são avaliados na escola e no reforço escolar, oferecido pela própria instituição, através da elaboração de textos do tipo narrativo, o que possivelmente leva a uma familiaridade maior com as características desse tipo de texto e a um cuidado maior no momento da escrita.

Por fim, devemos destacar que, conforme o peso relativo, todas as hipóteses foram ratificadas ou, pelo menos, parcialmente confirmadas, com exceção de apenas um grupo de variável, a variável *faixa etária*, em que suas hipóteses foram totalmente refutadas. Sendo assim, faz-se necessário que essas variáveis sejam testadas em outros trabalhos que analisam a variação de CV para verificarmos se elas são de fato irrelevantes para esse tipo de estudo.

3.4 A variável escolaridade e sua relação com demais variáveis

“A sanção social tem contribuído, certamente, para a manutenção das regras de concordância” (MOTTA, 1979, p. 49). A escolarização e a sanção social estão fortemente correlacionadas, uma vez que se pode obter, mas não necessariamente, esta através do aumento do nível escolar e vice-versa.

Mas, ao lado deste fator [sanção social] que atua no sentido de que estas regras se apliquem, muitos outros concorrem para que elas não sejam aplicadas. Quando a pressão social, neste aspecto, é menos sentida, como acontece nos níveis sócio-econômicos mais baixos, ocorre um maior afastamento dessas regras (MOTTA, 1979, p. 49).

Esse “cabo de guerra” impulsiona a variação linguística e torna a variável escolaridade extremamente significativa para estudos que investigam a variação. No caso da comunidade de fala em estudo, essa variável torna-se ainda mais relevante, haja vista que essa comunidade, caracterizada por uma vida sócio e economicamente problemática, passa por três situações: pré-institucionalização, momento em que a pressão social parece ser menos sentida e, durante e após a institucionalização, momentos em que a pressão social passa a ser mais exercida, haja vista o contato com a escola e os objetivos dos membros das entidades filantrópicas como, por exemplo, o desejo de serem adotados e de se manterem por conta própria após seu desligamento do orfanato.

Outra questão importante é o fato de os colaboradores da pesquisa passarem a frequentar a escola somente a partir do momento em que eles ingressam na entidade filantrópica. Logo, se a criança chegar ao orfanato com dez anos é basicamente com essa idade que ela começará a ter contato com o português chamado padrão. Levando em consideração as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação, “a data de ingresso das crianças no Ensino Fundamental é a partir dos seis anos de idade, completos ou a completar até o início do ano letivo, conforme estabelecido pelo respectivo sistema de ensino” (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2011, p. 2).

Devido ao fato de a variável escolaridade ter se apresentado como a mais significativa dentre os grupos de fatores postos em análise, pretendemos verificar de forma especial o papel

dessa variável diante do comportamento variável de CV na língua usada por crianças e adolescentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió ao realizarmos o cruzamento dessa variável com as demais variáveis em estudo. Para isso, partimos da hipótese de que, ao cruzarmos esses dados, os fatores da variável social escolaridade são mais relevantes para o comportamento variável de CV do que os demais fatores analisados.

Os cruzamentos serão mostrados de acordo com a ordem de significância ou não-significância obtida pelo Goldvarb X e serão apresentados através de tabelas, contendo apenas dados percentuais, já que esse programa não fornece o peso relativo ao realizar a rotação dos cruzamentos. Iniciaremos mostrando os cruzamentos das variáveis estudadas neste trabalho, que se referem aos dados de escrita. Em seguida, abordaremos, de forma geral e em uma única tabela, uma vez que a escolaridade não se revelou importante, os cruzamentos das variáveis relacionadas aos dados de fala, estudadas no trabalho de mestrado.

Tabela 11 – Cruzamento entre as variáveis *escolaridade* e *distância entre sujeito e verbo*.

<i>Escolaridade/Distância entre sujeito e verbo</i>	Variável dependente	Sujeito próximo ao verbo	Sujeito separado do verbo
Início do EF	[+conc]	42%	22%
	[-conc]	58%	48%
Fim do EF	[+conc]	86%	40%
	[-conc]	14%	60%

Fonte: SANTOS, 2013.

Na Tabela 11, verificamos que, para o fator 'início do EF', obtivemos um percentual maior para a variante [-conc] (58% e 48% para os fatores 'sujeito próximo e separado do verbo', respectivamente). Porém, quando observamos o fator 'fim do EF', obtivemos maior uso da variante [+conc] diante do fator 'ausência de elementos' (86%) e um menor uso dessa variante diante do fator 'sujeito separado do verbo' (40%). Constatamos, assim, que os falantes com menor nível escolar usam mais a variante [-conc], já os que possuem maior escolarização oscilam no uso

das variantes em análise dependendo do fator ‘sujeito próximo ao verbo’ (86% de [+conc]) ou do fator ‘sujeito separado do verbo’ (60% de [-conc]).

Tabela 12 – Cruzamento entre as variáveis *escolaridade e natureza do sintagma sujeito*.

<i>Escolaridade/ Natureza do sujeito</i>	Variável dependente	A gente	1ª do plural	Pronomes no plural	Sintagmas nominais no plural
<i>Início do EF</i>	[+conc]	55%	37%	56%	9%
	[-conc]	45%	63%	44%	91%
<i>Fim do EF</i>	[+conc]	100%	76%	60%	64%
	[-conc]	0%	24%	40%	36%

Fonte: SANTOS, 2013.

Observando a Tabela 12, constatamos que os menos escolarizados oscilam no uso das variantes de CV dependendo da natureza do sujeito, sendo os fatores 'a gente' e 'pronomes no plural' os fatores que levam mais ao uso da variante [+conc]. Já os colaboradores mais escolarizados tendem a usar mais essa variante, independente da natureza do sujeito.

Devemos dar um destaque especial para o percentual de 100% para a variante [+conc] diante de sujeitos formados pela expressão pronominal 'a gente'. Um dado bastante significativo que revela que a escolarização leva ao maior uso da variante [+conc], principalmente quando colocamos em comparação com os colaboradores que estão no início do EF, que alternam bastante no uso da variável dependente (55% de [+conc] contra 45% de [-conc]).

Tabela 13 – Cruzamento entre as variáveis *escolaridade e paralelismo formal da sequência verbal*.

<i>Paralelismo formal/Escolaridade</i>	Variável dependente	Sintagma verbal isolado	Sintagma verbal em sequência
<i>Início do EF</i>	[+conc]	46%	25%
	[-conc]	54%	75%
	[+conc]	70%	63%

Fim do EF	[-conc]	30%	37%
-----------	---------	-----	-----

Fonte: SANTOS, 2013.

Analisando a Tabela 13, vemos que o percentual de [-conc] para os fatores 'início do EF' e 'fim do EF' foi, respectivamente, 46% e 25%, já o percentual de [+conc] foi 70% e 63%, respectivamente. Esses dados apontam que os falantes menos escolarizados tendem a usar menos as marcas de CV e os mais escolarizados tendem a usar mais essas marcas, independente do tipo de paralelismo formal da sequência verbal, confirmando mais uma vez que o nível de escolaridade é determinante no uso dessas variantes, cuja variante [+conc] é obtida com mais frequência a partir do aumento desse nível.

Tabela 14 – Cruzamento entre as variáveis escolaridade e faixa etária.

<i>Escolaridade/Faixa etária</i>	Variável dependente	7 a 12 anos	13 a 18 anos
Início do EF	[+conc]	37%	33%
	[-conc]	63%	67%
Fim do EF	[+conc]	52%	67%
	[-conc]	48%	33%

Fonte: SANTOS, 2013.

A tabela acima nos mostra que os colaboradores com nível escolar mais baixo tendem a usar mais a variante [-conc] em detrimento da variante [+conc], sejam eles da faixa etária menor ou maior: 63% contra 37% das respectivas variantes para o fator '7 a 12 anos', e 67% contra 33%, respectivamente, para o fator '13 a 18 anos'. Já os colaboradores com nível escolar mais avançado tendem a variar entre esses usos conforme a sua idade. Os que estão na faixa etária mais nova usam mais a variante [-conc], enquanto os que estão na faixa etária mais avançada usam mais a variante [+conc] (52% e 67%, respectivamente).

No caso do cruzamento entre colaboradores com idade mais nova mas que já estão no fim do EF, em que a variação foi equilibrada, mas com uma certa tendência para a variante [-conc], devemos destacar que os colaboradores possuem a idade de onze e doze anos e estão todos no 6º

ano, ou seja, estão iniciando a fase final do EF, o que talvez possa justificar esse uso ainda um pouco maior para a variante [-conc].

Tabela 15 – Cruzamento entre as variáveis *escolaridade e tempo de permanência na instituição filantrópica*.

<i>Escolaridade/Tempo de permanência</i>	Variável dependente	Menos de 5 anos	Mais de 5 anos
Início do EF	[+conc]	32%	44%
	[-conc]	68%	56%
Fim do EF	[+conc]	48%	67%
	[-conc]	52%	33%

Fonte: SANTOS, 2013.

Na Tabela 15, também encontramos percentuais maiores para a variante [-conc] diante do fator 'início do EF', independente do tempo de permanência dos colaboradores na instituição filantrópica (68% para o fator 'menos de 5 anos' e 56% para o fator 'mais de 5 anos'). Por outro lado, encontramos a variação no uso entre [+conc] e [-conc] alternando conforme esse tempo de permanência diante do fator 'fim do EF'. Para o fator 'menos de 5 anos', obtivemos um percentual maior para a variante [-conc], já para o fator 'mais de 5 anos', o percentual maior foi obtido para a variante [+conc].

Acreditamos, portanto, que o papel das entidades filantrópicas é importante para se obter uma escrita com mais uso da variante [+conc], até porque é através dessa entidade que, de forma geral, seus membros têm acesso à escola. Desse modo, não podemos deixar de destacar, novamente, o papel da variável escolaridade diante do uso das variantes em questão.

Tabela 16 – Cruzamento entre as variáveis *escolaridade e grau de formalidade*.

Escolaridade/Grau de formalidade	Variável dependente	Texto informal	Texto semiformal	Texto formal
	[+conc]	21%	48%	37%

Início do EF	[-conc]	79%	52%	63%
Fim do EF	[+conc]	100%	59%	67%
	[-conc]	0%	41%	33%

Fonte: SANTOS, 2013.

Os dados da tabela acima são mais um resultado que corrobora o que nós havíamos pressuposto inicialmente: que a variável escolaridade é impulsionadora da variação de CV entre suas formas [+conc] e [-conc]. O fator 'início do EF' obteve percentuais maiores para [-conc] em todos os graus de formalidade dos textos analisados, a saber: texto informal – 79%, texto semiformal – 52% e texto formal – 63. Devemos observar que o percentual maior para essa variante foi obtido pelo primeiro fator, no segundo a variação foi mais equilibrada, e no terceiro, onde se esperava um número menor de [-conc], ainda assim obtivemos um percentual alto para essa variante.

Analisando os percentuais obtidos pelo fator 'fim do EF', observamos que, para os três graus de formalidade, a variante mais usada foi [+conc] (100%, 59% e 67%, respectivamente). O que nos chama atenção é o uso categórico de [+conc] diante do cruzamento dos fatores 'fim do EF' e 'texto informal'. O que talvez possa ajudar a entender esse uso, além do grau de escolaridade, seja o fato corriqueiro de os colaboradores elaborarem cartas, seja como atividade escolar ou como experiência pessoal, e o fato de as cartas serem sempre analisadas por responsáveis pelas instituições antes de serem endereçadas ao destinatário, levando, a um possível monitoramento da forma linguística.

Tabela 17 – Cruzamento entre as variáveis *escolaridade* e demais variáveis estudadas a partir dos dados de fala.

<i>Escolaridade/Número-pessoa</i>	Variável dependente	1 ^a do plural	3 ^a do plural
Início do EF	[+conc]	22%	37%
	[-conc]	78%	63%
	[+conc]	45%	54%

Fim do EF	[-conc]	55%	46%
<i>Escolaridade/Elementos intervenientes</i>	Variável dependente	Nenhum	Mais de um
Início do EF	[+conc]	66%	34%
	[-conc]	34%	66%
Fim do EF	[+conc]	79%	43%
	[-conc]	21%	57%
<i>Escolaridade/Tempo de permanência</i>	Variável dependente	Menos de 5 anos	Mais de 5 anos
Início do EF	[+conc]	40%	74%
	[-conc]	60%	26%
Fim do EF	[+conc]	65%	67%
	[-conc]	35%	33%
<i>Escolaridade/Localidade</i>	Variável dependente	Capital	Interior
Início do EF	[+conc]	57%	52%
	[-conc]	43%	48%
Fim do EF	[+conc]	66%	68%
	[-conc]	34%	32%

Fonte: SANTOS, 2013.

Observando a Tabela 17, que reúne os cruzamentos de todas as variáveis postas em análise no trabalho Santos (2010), que se refere ao estudo da CV na língua falada, observamos uma sincronia nos resultados individuais de cada variável. Em sua maioria, os percentuais das

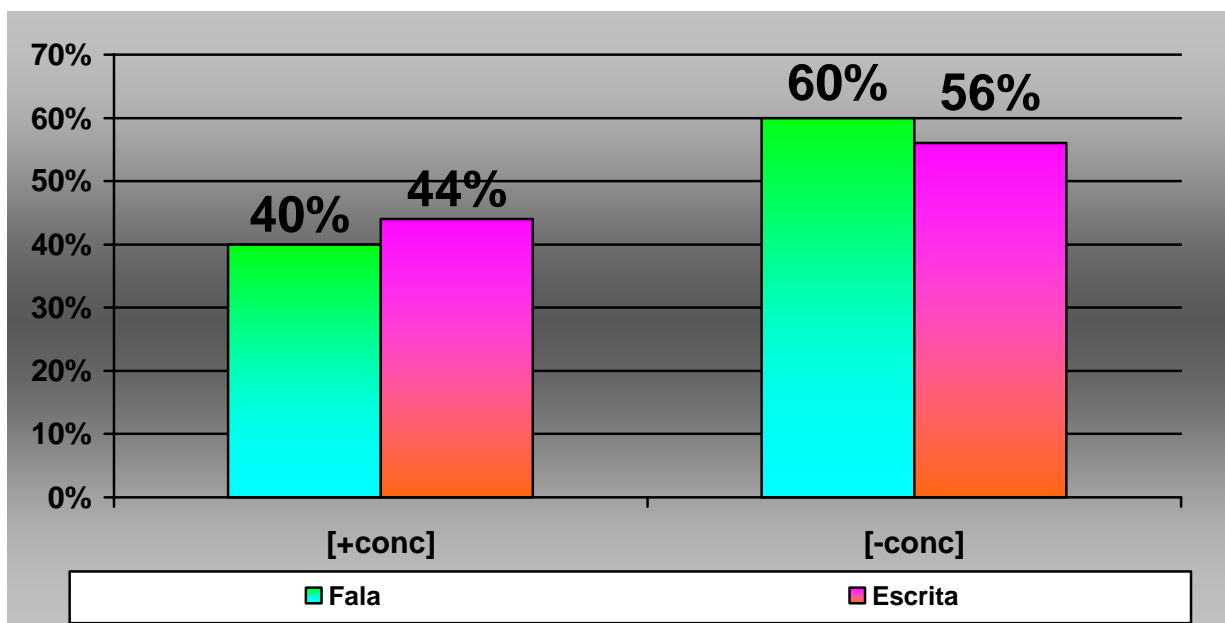
formas em análise não variam diante do fato de os colaboradores estarem iniciando ou finalizando o EF. Sendo assim, há pouca influência da variável escolaridade diante da variação entre [+conc] e [-conc] na fala da comunidade em estudo, tanto é que ela foi selecionada para o grupo de variáveis significativas como a última variável. Essa variação é impulsionada de forma mais representativa pelos fatores das outras variáveis.

Diante do exposto, fica clara a importância da variável escolaridade diante do uso da variação entre [+conc] e [-conc] na escrita da comunidade em foco. De uma forma geral, constatamos, inclusive entre o cruzamento da variável escolaridade com variáveis apontadas como não-significativas para o uso da variação de CV que, quanto maior a escolarização, maior a tendência ao uso da variante [+conc]. Todavia, a variável escolaridade não atua de forma tão significativa diante do uso da referida variação na fala dessa comunidade, o que nos leva a acreditar que a escola pode até alcançar resultados satisfatórios no processo de ensino-aprendizagem da variante [+conc] na escrita, mas não consegue transferir esses resultados para a fala.

3.5 A variação de concordância verbal na língua usada por menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió: comparação entre dados de fala e dados de escrita

Estudos sociolinguísticos evidenciam um uso da língua que varia de acordo com fatores estruturais e sociais. Esse comportamento variável se apresenta tanto em dados orais quanto escritos. No *corpus* desta pesquisa e no de Santos (2010), encontramos fatores similares, internos e externos ao sistema linguístico, que influenciam o uso da variação de CV tanto na fala quanto na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió. Além disso, os resultados são próximos, conforme podemos observar no gráfico abaixo, ratificando nossa hipótese inicial de que entre a fala e a escrita da comunidade de fala em estudo há mais semelhanças do que diferenças.

Gráfico 9 – Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV na fala e na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió.



Fonte: SANTOS, 2013 e 2010.

Comparando o uso da variação de CV na fala e na escrita da comunidade em investigação, constatamos que há um uso maior da variante [-conc], isto é, essa comunidade costuma usar menos as marcas de CV seja na sua fala, seja na sua escrita. Isso pode ser decorrente do próprio processo de realização de CV, que é redundante. Observamos também que foi na escrita onde se obteve o maior uso da variante [+conc] e que foi na fala que ocorreu o maior uso da variante [-conc]. Esse resultado também nos leva a dois raciocínios: que na fala a redundância de marcas de CV fica mais evidenciada e, assim, o falante utiliza a estratégia de eliminação dessa redundância e que o ensino do processo de CV tem resultados satisfatórios na escrita, mas esses resultados não conseguem ser transferidos para a fala dos jovens.

A seguir, iremos comparar os resultados quantitativos obtidos por algumas variáveis nos dados de fala e de escrita da referida comunidade, procurando compreender melhor a relação entre esses dados. Para isso, selecionamos apenas as variáveis que foram estudadas tanto nesta pesquisa quanto na de Santos (2010), a saber: escolaridade, tempo de permanência na entidade filantrópica, natureza do sujeito e distância entre sujeito e verbo. Nesses trabalhos, os fatores dessas variáveis foram os mesmos, com exceção da variável 'natureza do sintagma sujeito', em que o fator 'expressão pronominal *a gente*', no trabalho de Santos (2010), foi analisado

juntamente com outros elementos, o que não ocorreu na presente pesquisa, onde analisamos esse fator separadamente. Assim, eliminamos esse fator da presente comparação.

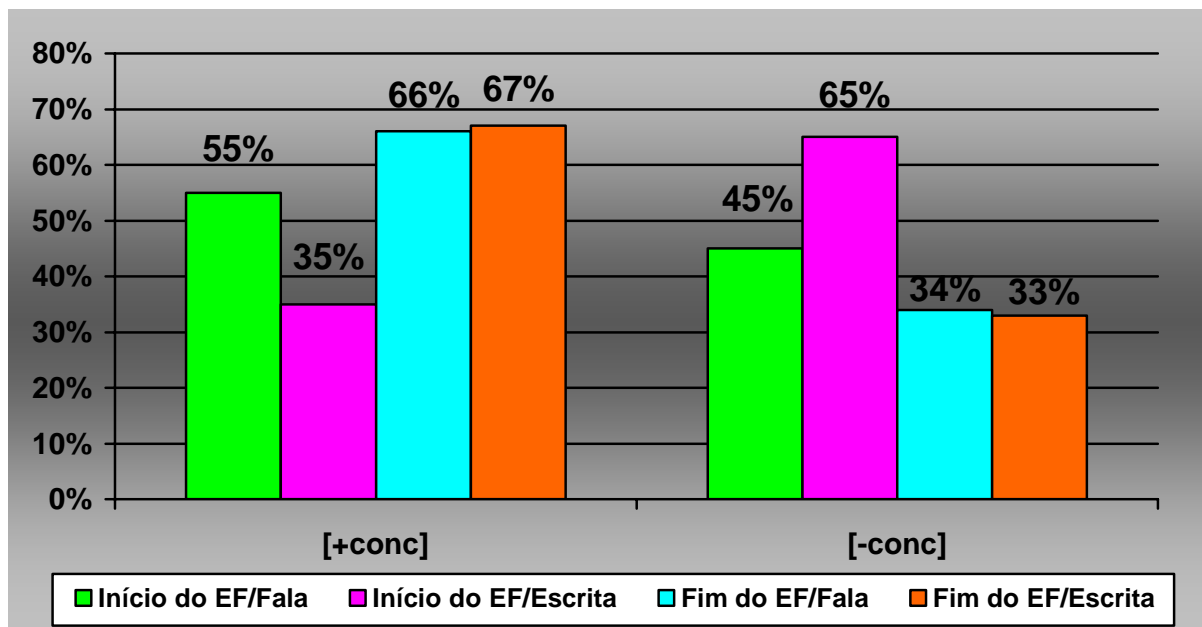
Devemos pontuar, ainda, que os dados referentes ao trabalho de Santos (2010) foram analisados a partir da eliminação do fator ‘1ª pessoa do singular’, uma vez que foi constatado, e como era de se esperar, que leva ao uso categórico da variante [+conc], “mascarando” os dados.

Para uma melhor compreensão dos dados analisados, apresentaremos gráficos e tabelas comparativas, com dados percentuais e probabilísticos, respectivamente.

3.5.1 A variável escolaridade

Vimos que, na escrita, a variável escolaridade foi apresentada pelo Goldvarb X como a variável mais significativa para o uso da variação entre [+conc] e [-conc]. Na fala, essa variável também foi apontada como uma variável significativa no uso da variação de CV, contudo, ela foi a quinta e última variável selecionada para esse grupo. Essa constatação foi obtida tanto através dos resultados percentuais quanto probabilísticos, conforme podemos observar no gráfico e na tabela abaixo:

Gráfico 10 – Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV de acordo com a variável *escolaridade* na fala e na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió.



Fonte: SANTOS, 2013 e 2010.

Nos dados percentuais, em que são apresentados os valores para ambos os fatores da variável dependente, o maior uso da variante [+conc] ocorreu, tanto na fala quanto na escrita, conforme se esperava, diante do fator ‘fim do ciclo do EF’ e o maior uso da variante [-conc] ocorreu diante do fator ‘início do ciclo do EF’. Como o fator que se demonstrou mais influente para o uso da variante [-conc] foi o ‘início do EF’ nos dados de escrita, podemos concluir que as crianças chegam à escola usando mais a variante [-conc] em seus textos escritos.

Tabela 18 – Tabela comparativa com dados probabilísticos da variação de CV de acordo com a variável *escolaridade* na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo.

<i>Escolaridade</i>	Peso relativo
Início do EF/Fala	.41
Início do EF/Escrita	.34
Fim do EF/Fala	.58

Fim do EF/Escrita

.83

Fonte: SANTOS, 2013 e 2010.

Quanto aos dados probabilísticos, o resultado não foi diferente. O peso relativo foi bem maior para o fator ‘fim do ensino fundamental’, o que significa que esse fator exerce um poder de influência relevante sobre a aplicação da regra de CV, sendo que, nos dados de escrita, esse fator apresentou ainda mais relevância.

A distância entre os valores do peso relativo, principalmente, a distância entre os pesos relacionados ao fator ‘fim do EF’, demonstra uma certa diferença entre os dados de fala e os dados de escrita. Todavia, ambos os dados nos apontam para um mesmo raciocínio, que a escola cumpre, de certo modo, seu papel em ensinar a norma padrão, uma vez que as crianças chegam nessa instituição usando mais a variante [-conc] e passam a usar mais a variante [+conc] na medida em que vai avançando o nível de escolaridade. Tendo isso em vista, é preciso destacarmos que boa parte do conhecimento linguístico adquirido pelo aluno antes da escolarização muitas vezes não corresponde às novas formas linguísticas que serão apresentadas a ele na escola (MAGALHÃES, 2008). É nesse momento que o uso da variação linguística entre formas padrão e não-padrão da língua torna-se ainda mais frequente. Isto é, essa variação é impulsionada pela “confusão entre a gramática que o aluno traz para a escola (sua gramática internalizada) e as regras que lhe são ensinadas no processo de escolarização” (Idem, p. 46).

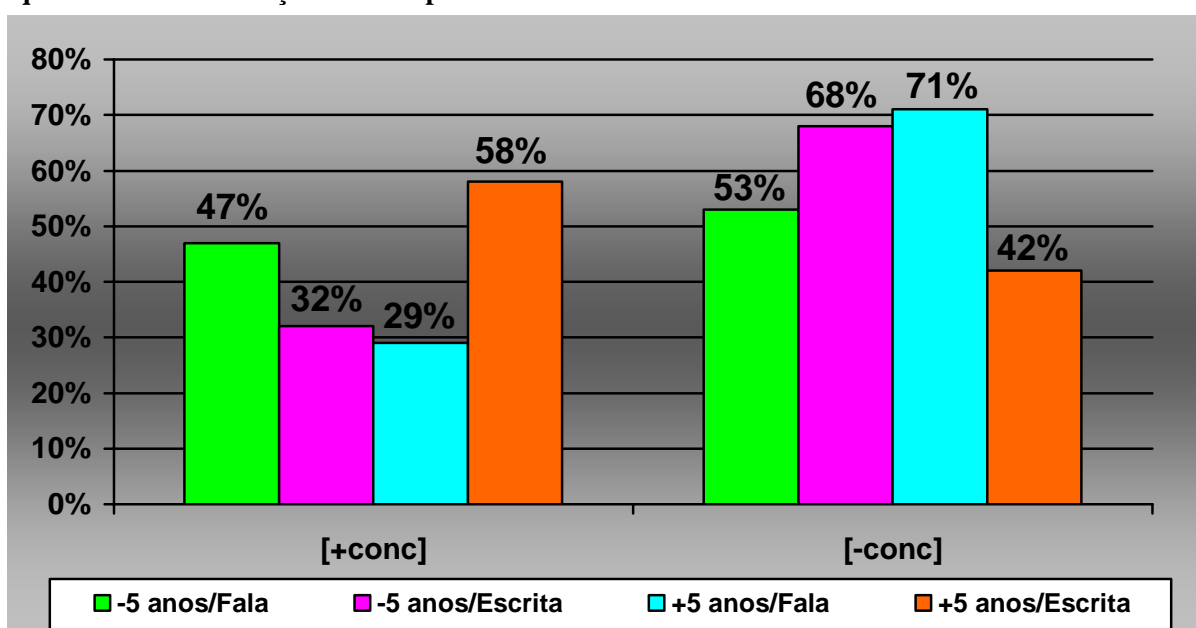
3.5.2 A variável tempo de permanência na entidade filantrópica

Nos dados de fala, a variável em análise foi considerada a terceira variável mais significativa para a variação entre [+conc] e [-conc], sendo a primeira variável social selecionada para o grupo de significância. Contudo, nos dados escritos, essa variável não foi apontada, quantitativamente, como relevante. Mesmo não demonstrando, em termos quantitativos, uma influência com os dados da escolaridade, sabemos que essa relação existe, uma vez que os membros das instituições passam a frequentar a escola na medida em que ingressam nessas entidades. De todo modo, a variável ‘tempo de permanência’, por si só, constitui-se uma variável

relevante para observarmos o papel das entidades filantrópicas quanto ao objetivo de propiciar o acesso à norma padrão da língua.

Abaixo, podemos conferir a comparação entre os resultados obtidos por este estudo, que apresenta dados escritos, e pelo trabalho de Santos (2010), que apresenta dados orais, através do gráfico 11 e da tabela 19.

Gráfico 11 – Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV de acordo com a variável *tempo de permanência na entidade filantrópica* na fala e na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió.



Fonte: SANTOS, 2013 e 2010.

Observando os percentuais do fator ‘menos de 5 anos’ na fala e na escrita, verificamos que foi na escrita que se obteve um maior percentual (68%) da variante [-conc]. Na fala, esse fator também levou mais ao uso dessa variante (53%), por outro lado, foi nessa modalidade da língua que se obteve maior percentual (47%) da variante [+conc]. Voltando-se para os percentuais relacionados ao fator ‘mais de 5 anos’, observamos que foi na escrita que se obteve um maior uso da variante [+conc] (58%) e que foi na fala que se obteve um maior uso da variante [-conc] (71%).

Devemos destacar que todos os percentuais analisados apontaram para um uso mais elevado de [-conc] com exceção do fator ‘mais de 5 anos’ nos dados de escrita. Isso demonstra

que o papel das entidades filantrópicas em tornar a norma padrão da língua acessível a seus membros possui um resultado positivo, pelo menos, no que diz respeito à regra de CV na escrita.

Tabela 19 – Tabela comparativa com dados probabilísticos da variação de CV de acordo com a variável *tempo de permanência na entidade filantrópica* na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo.

<i>Tempo de permanência no orfanato</i>	Peso relativo
-5 anos/Fala	.38
-5anos/Escrita	.37
+5 anos/Fala	.64
+5 anos/Escrita	.66

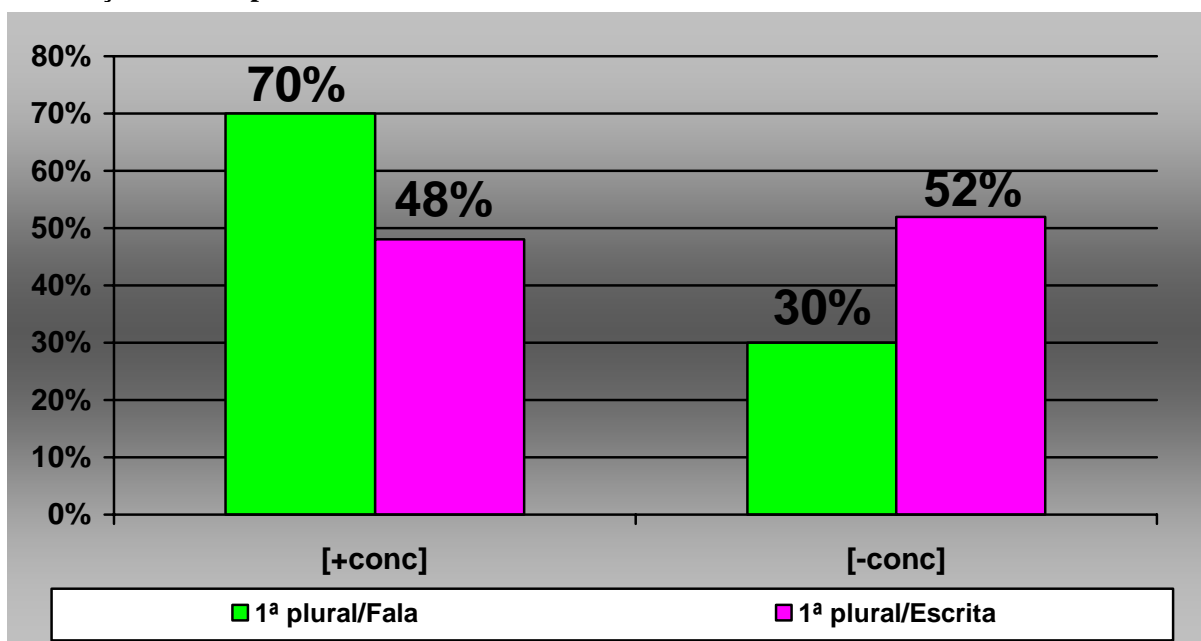
Fonte: SANTOS, 2013 e 2010.

Quanto aos dados probabilísticos, observamos que não há nenhum peso relativo dentro da escala de neutralidade, eles se encontram, digamos, numa faixa intermediária de influência. O fator ‘menos de 5 anos’ tanto na fala quanto na escrita com valores bem próximos apresenta-se como o fator que leva mais ao uso da variante [-conc], já o fator ‘mais de 5 anos’ é o responsável pelo uso maior da variante [+conc], também apresentando valores aproximados. Não observamos, portanto, diferença entre as modalidades da língua em análise.

3.5.3 A variável natureza do sujeito

Tanto na pesquisa de Santos (2010) quanto na presente investigação, a variável ‘natureza do sujeito’ foi considerada de grande influência para o estudo da variação entre [+conc] e [-conc]. Nesta ela foi apontada pelo Goldvarb X como a terceira variável mais significativa, sendo a segunda variável de ordem linguística, naquela foi considerada a variável mais significativa dentre todas as variáveis analisadas, o que já demonstra uma certa semelhança entre os resultados, como podemos observar no gráfico e na tabela abaixo.

Gráfico 12 – Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV de acordo com a variável *natureza do sintagma sujeito* na fala e na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió.



Fonte: SANTOS, 2013 e 2010.

Para essa variável, só pudemos comparar o fator ‘1ª pessoa do plural’, já que os demais fatores não coincidiram, haja vista que, neste trabalho, fizemos delimitações de fatores e incluímos outros. Sendo assim, observando o fator ‘1ª pessoa do plural’, verificamos que foi na fala que o percentual da variante [+conc] atingiu um número mais elevado (70% contra 30% de [-conc]) e que na escrita a variação entre [+conc] e [-conc] foi mais equilibrada (48% contra 52%, respectivamente), com uma leve preferência para esta variante.

Tabela 20 – Tabela comparativa com dados probabilísticos da variação de CV de acordo com a variável *natureza do sintagma sujeito* na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo.

<i>Natureza do sujeito</i>	Peso relativo
1ª plural/Fala	.27
1ª plural/Escrita	.60

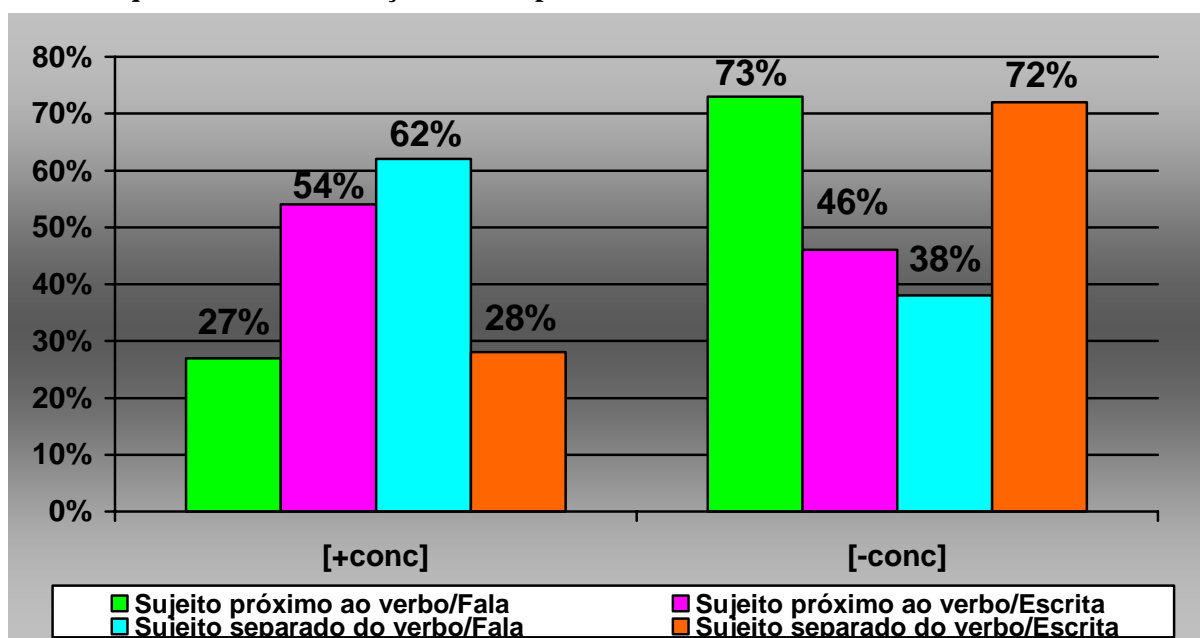
Fonte: SANTOS, 2013 e 2010.

O peso relativo relacionado ao único fator posto em comparação apresentou valores opostos. O uso do pronome ‘nós’ na fala representa uma maior tendência ao uso da variante [-conc], por outro lado, o uso desse mesmo pronome na escrita leva mais ao uso da variante [+conc] (.27 e .60, respectivamente). Esses resultados nos mostram, portanto, que a modalidade da língua, nesse caso, é decisiva para o uso de uma variante em detrimento da outra, sendo a modalidade escrita o ambiente linguístico em que o número de [+conc] é frequente.

3.5.4 A variável distância entre sujeito e verbo

Os resultados obtidos por este trabalho e pelo estudo de Santos (2010) encontram-se no Gráfico 13 e na Tabela 21, a fim de compararmos esses resultados e compreendermos melhor a variação de CV na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo.

Gráfico 13 – Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV de acordo com a variável *elementos intervinientes na relação entre sujeito e verbo* na fala e na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió.



Fonte: SANTOS, 2013 e 2010.

Analisando o gráfico acima, observamos que, no fator ‘sujeito próximo ao verbo’, a variante [+conc] foi mais encontrada nos dados de escrita, com percentual de 54%, e que a variante [-conc] foi mais encontrada nos dados de fala, com um percentual elevado de 73%. Já no fator ‘sujeito separado do verbo’, encontramos um percentual maior para a variante [+conc] nos dados orais e um percentual bem elevado para a variante [-conc] nos dados escritos, 62% e 72%, respectivamente. Este resultado vai ao encontro das hipóteses levantadas previamente, uma vez que esperávamos encontrar, em relação ao fator ‘sujeito separado do verbo’, um percentual maior para o uso da variante [+conc] nos dados de escrita e não nos dados de fala e um percentual maior para a variante [-conc] nestes do que naqueles.

Tabela 21 – Tabela comparativa com dados probabilísticos da variação de CV de acordo com a variável *elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo* na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo.

<i>Distância entre sujeito e verbo</i>	Peso relativo
Sujeito próximo ao verbo/Fala	.62
Sujeito próximo ao verbo/Escrita	.65
Sujeito separado do verbo/Fala	.28
Sujeito separado do verbo/Escrita	.24

Fonte: SANTOS, 2013 e 2010.

A Tabela 21 nos mostra que o fator ‘sujeito próximo ao verbo’ influencia de forma significativa o uso da variante [+conc] e que o fator ‘sujeito separado do verbo’ exerce maior influência sobre a variante [-conc]. Esses fatores nos dados de fala e de escrita apresentaram pesos relativos com valores próximos, demonstrando, assim, certa semelhança de suas influências nas duas modalidades da língua.

Através das comparações realizadas entre dados de fala e dados de escrita a partir da variação de CV na língua usada por menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió, consideramos que nossa hipótese de que, sociolinguisticamente, há mais semelhanças do que diferenças no uso das variações de CV nesses dados foi ratificada, indo ao encontro do pressuposto de que, quanto ao uso linguístico, entre fala e escrita, há mais similaridade do que disparidade.

Sociolinguisticamente, podemos apontar para uma diferença importante entre esses dados que foi o fato de na fala haver mais grupos de fatores que foram considerados significativos, já na escrita houve mais grupos de fatores considerados não-significativos, direcionando ao raciocínio de que na fala a influência de variáveis estruturais e sociais é mais sentida do que na escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como principal objetivo analisar o comportamento da variação entre ausência e presença de marcas de concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió. Para isso, selecionamos a Sociolinguística Variacionista, de Labov (2008 [1972]), como pressuposto teórico e metodológico, visto que acreditamos que essa corrente linguística nos oferece os pressupostos necessários para o desenvolvimento de uma investigação que tem como hipótese principal que a variação em estudo é condicionada por motivações internas e externas ao sistema linguístico.

Para o desenvolvimento deste trabalho, coletamos os dados através de quarenta e oito produções escritas de dezesseis crianças e adolescentes que vivem nas entidades filantrópicas Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal, localizados no bairro do Tabuleiro dos Martins. Do *corpus* levantado a partir do registro da escrita dessa comunidade, extraímos cento e sessenta e nove dados, os quais foram submetidos à análise quantitativa através do programa computacional Goldvarb X, que nos forneceu resultados numéricos, percentuais e probabilísticos e nos apontou as variáveis e os fatores linguísticos e extralinguísticos estatisticamente atuantes no uso da variação entre [+conc] e [-conc].

Para o manuseio desse programa, guiamo-nos a partir dos trabalhos de Sankoff et al (2005), Guy e Zilles (2007), Scherre e Naro (2003), Santos e Vitória (2011). Os trabalhos de Labov, (2008 [1972]), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), Campoy e Almeida (2005) e Oliveira e Silva (2003) nos orientaram para que pudéssemos desenvolver os procedimentos metodológicos adequados para alcançarmos nossos objetivos.

Os estudos de Labov, (2008 [1972] e 1996[1994]), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), Lucchesi (2004) e Santos e Vitória (2011) nos forneceram embasamentos importantes para a construção do referencial teórico da sociolinguística variacionista. Já os resultados dos trabalhos de Santos (2010), Scherre, Naro e Cardoso (2007), Moura (2007), Lucchesi (2006), Santos (1999), Rodrigues (1997), Graciosa (1991), Rodrigues (1987), entre outros, foram fundamentais para que pudéssemos compreender o quadro sociolinguístico da CV, o que nos possibilitou a construção das nossas hipóteses e, conseqüentemente, dos nossos objetivos. Esta pesquisa, portanto, se desenvolveu em torno das hipóteses previamente levantadas a fim de alcançarmos os objetivos pretendidos.

Tendo em vista que os estudos sociolinguísticos comprovam que o uso da variável [+conc] e [-conc] é influenciado por contextos linguísticos e extralinguísticos, realizamos a análise desse uso na escrita da comunidade de fala em estudo de acordo com cada contexto. Através dos estudos sociolinguísticos, do perfil social dessa comunidade e do *corpus* levantado a partir da escrita dessa comunidade, selecionamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas.

No que diz respeito às motivações estruturais e sociais, as variáveis estatisticamente apontadas pelo Goldvarb X como significativas para o estudo da referida variação foram: ‘escolaridade’, ‘distância entre sujeito e verbo’, ‘natureza do sujeito’ e ‘paralelismo formal da sequência verbal’, conforme ordem de significância.

A variável ‘escolaridade’ foi a variável considerada como a mais significativa para o estudo da variação entre [+conc] e [-conc]. Devemos destacar também que foi a única variável de ordem social presente no grupo de fatores considerados como potencialmente influenciadores dessa variação. Os resultados percentuais e probabilísticos demonstraram que, quanto maior o nível de escolarização, maior a tendência ao uso da variante [+conc]. O fator ‘início do ciclo do ensino fundamental’ apresentou peso relativo de (.34), enquanto o fator ‘fim do ciclo do ensino fundamental’ obteve um peso relativo de (.83), confirmando, assim, as hipóteses levantadas previamente.

Para a variável ‘distância entre sujeito e verbo’, segunda variável selecionada como relevante para a variação em estudo e a primeira de ordem estrutural, constatamos que o fator ‘sujeito próximo ao verbo’ condiciona mais o uso da variante [+conc], ao passo que o fator ‘distância entre sujeito e verbo’ condiciona mais o uso da variante [-conc]. Esses resultados ratificam nossas hipóteses e vão ao encontro de estudos sociolinguísticos sobre o comportamento variável de CV.

Para a variável linguística ‘natureza do sujeito’, considerada como a terceira mais importante para a referida análise, constatamos, através do peso relativo, que os fatores que condicionam mais o uso de [+conc] são ‘expressão pronominal *a gente*’ e ‘1ª pessoa do plural’ (.70, .60, respectivamente), e que os fatores que condicionam mais o uso de [-conc] são ‘pronomes no plural’ e ‘sintagmas nominais no plural’ (.28, .33, respectivamente), sendo os fatores ‘expressão pronominal *a gente*’ e ‘pronomes no plural’ os extremos nessa escala. Como havíamos pressuposto que apenas o pronome *a gente* levaria ao uso da variante [+conc], podemos dizer que nossas hipóteses para essa variável foi parcialmente confirmadas.

A variável ‘paralelismo formal’ apareceu em quarto e último lugar na ordem de significância para o estudo da nossa variável dependente. Através dos resultados estatísticos, verificamos que nossas hipóteses puderam ser ratificadas, haja vista que o dado probabilístico para o fator ‘sintagma verbal isolado’ foi (.60), levando mais ao uso de [+conc], e para o fator ‘sintagma verbal em sequência’ foi (.38), apontando para um uso maior de [-conc].

Os contextos linguísticos e extralinguísticos excluídos dos grupos de fatores considerados como influentes da variação entre [+conc] e [-conc], de acordo com a ordem de menos relevância, foram: ‘faixa etária’, ‘tempo de permanência na instituição filantrópica’ e ‘grau de formalidade’. Todos os fatores das variáveis de ordem extralinguística ficaram dentro da escala de neutralidade, ou seja, foram considerados como fatores que não condicionam nem o uso da variante [+conc], nem o uso da variante [-conc]. Já os fatores da variável ‘grau de formalidade’, última variável excluída dos grupos de fatores importantes para a variação em estudo e única variável linguística que não pertence a esse grupo, apresentaram resultados distintos, o fator ‘texto informal’ leva mais ao uso de [-conc], enquanto o fator ‘texto semiformal’ leva mais ao uso da variante [+conc], e o fator ‘texto formal’ não leva ao uso de nenhum das variantes em estudo, pois seu valor se encontra dentro da escala de neutralidade (.36, .60, .53, respectivamente).

A fim de verificarmos de forma especial o papel da variável ‘escolaridade’ diante do comportamento variável de CV na língua usada por crianças e adolescentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió, realizamos o cruzamento dessa variável com as demais variáveis estudadas na análise dos dados escritos, onde essa variável foi apontada como a mais relevante para a variação entre [+conc] e [-conc], e dos dados orais, onde também foi considerada como variável pertencente ao grupo de fatores importante para o uso dessa variação. Os resultados desses cruzamentos nos mostraram que os fatores da variável social ‘escolaridade’ são extremamente relevantes para o comportamento variável de CV, sendo apontados como mais importantes do que os demais fatores analisados, seja nos dados de escrita, seja nos dados de fala.

Ao vermos que os colaboradores ao iniciarem o processo de escolarização usam com maior frequência a variante [-conc] e ao finalizarem o ciclo do EF usam com maior frequência a variante [+conc], observarmos um resultado positivo desse processo, isto é, que o ensino padrão da língua portuguesa vem obtendo um resultado significativo, especialmente quando levamos em consideração o atual quadro educacional, cujo ensino vem sendo apontado por dados estatísticos

como problemático. Dessa forma, consideramos que um ensino que leve o discente a refletir sobre as regras da GT e as regras variáveis do uso linguístico seja importante para uma tentativa de melhorar cada vez mais o ensino da língua portuguesa.

Por fim, tendo em vista que o processo de CV é variável não só na fala, como também na escrita, realizamos uma breve comparação entre os usos da variação de CV na fala e na escrita da comunidade em estudo e verificamos que há um uso maior da variante [-conc], independente das modalidades da língua em uso, e que, em termos sociolinguísticos, há mais semelhanças do que diferenças entre dados de fala e dados de escrita.

Em resumo, verificamos, portanto, que os resultados obtidos nesta pesquisa podem comprovar que há variação entre [+conc] e [-conc] na escrita da referida comunidade, que a variante mais usada é [-conc] e que essa variação é motivada pelos grupos de fatores: escolaridade, distância entre sujeito e verbo, natureza do sujeito e paralelismo formal, de acordo com a ordem de relevância; que a variável extralinguística 'escolaridade' é significativamente relevante para o uso dessa variação na língua usada pela comunidade de fala em estudo; e que há mais semelhanças do que diferenças no uso dessa variação nos dados de fala e nos dados de escrita.

A descrição procedida nesta pesquisa, em que analisamos as variáveis, uma por uma, foi essencial para que pudéssemos alcançar nossos objetivos e para a tentativa de deixarmos nossa análise a mais evidente possível, pois, assim, acreditamos que o encaixamento das variantes em estudo no sistema linguístico torna-se mais fácil. Ter traçado o perfil da comunidade de fala que trabalhamos nesta pesquisa também foi importante, uma vez que nos permitiu conhecer e caracterizar melhor a fala dessa comunidade.

Acreditamos, portanto, que este trabalho possa contribuir para a descrição do uso da variação entre [+conc] e [-conc] e, conseqüentemente, para a descrição do PB. Além de, através dessa descrição, enquanto não só pesquisadores, mas também professores, podermos compreender melhor a língua usada pelas comunidades de fala do PB.

Contudo, essa descrição, apesar de ter nos possibilitado alcançar os resultados mencionados acima, também demonstra algumas limitações, que vão além deste trabalho, tornando-se, portanto, possíveis desdobramentos para uma continuidade deste estudo, a saber:

- Aprofundar a comparação sobre o uso da variação entre [+conc] e [-conc] entre dados de fala e dados de escrita da comunidade de fala em estudo.
- Comparar a língua usada por menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió com a língua usada por jovens da comunidade de fala alagoana, procurando verificar se há diferenças entre esses usos e suas limitações. Para isso, faz-se necessário realizar um estudo descritivo específico do uso de CV em Alagoas, procurando selecionar variáveis linguísticas e sociais semelhantes aos trabalhados neste estudo e no de Santos (2010).
- Tendo em vista a relevância da variável ‘escolaridade’ para o uso da variável CV, refletir sobre as possíveis contribuições que a fundamentação teórica da Sociolinguística Variacionista pode proporcionar ao ensino da língua portuguesa.
- Vale salientarmos, por fim, que alguns tópicos apresentados acima se complementam, podendo ser realizados de forma conjunta, tendo em vista, é claro, o tempo destinado para tal desenvolvimento e os recortes necessários exigidos por toda pesquisa científica.

Essas inquietações, que vão além das limitações deste trabalho, nos instigam a continuar buscando um maior conhecimento não só sobre o uso da variação entre [+conc] e [-conc], como também sobre a descrição de línguas e suas possíveis explicações. Por outro lado, acreditamos que elas não diminuem o esforço do presente trabalho em alcançar os objetivos previamente pretendidos.

Esperamos, portanto, que este estudo possa ter contribuído não só para uma compreensão de como ocorre a variação de CV na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, como também para um possível avanço de estudos sobre a CV e sobre a Sociolinguística Variacionista quando somado a outros estudos.

Em proporções gerais, esperamos também que esta pesquisa possa ter contribuído, de alguma forma, para se evitar possíveis estigmatizações no que diz respeito à língua usada por comunidades, economicamente e socialmente, menos assistidas da sociedade.

REFERÊNCIAS

- AIRES, M. de J. F. **O estudo da gramática**: do livro didático ao texto do aluno. Mimeo, 2004.
- ALKIMIN, T. M. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística 1**. Domínios e Fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, M. **Evanildo Bechara ou a educação pela direita**. 2008. Disponível em: <http://www.marcosbagnos.com.br/conteudo/arquivos/art_carosamigos-abril.htm>. Acesso em 14 de jul. de 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M. A concordância verbal em Português: um estudo de sua significação social. In VOTRE, S.; RONCARATI, C. **Anthony Naro e a Linguística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7letras, 2008. p. 362-380.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília, DF; MEC/SEF, 1997.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BRESCANCINI, C. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C (Org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 13-75.
- BRUSTOLIN, A. K. B. da S. et al. **O preenchimento do sujeito pronominal em textos escritos de alunos adolescentes de Florianópolis**. Work. pap. linguíst., n.esp. Florianópolis, 2010. p. 94-107.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMPOY, J. M. H.; ALMEIDA, M. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005.
- COAN, M; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista Domínio de linguagem**. v. 4, nº 2, 2010. p. 173-194. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>>. Acesso em 29 de jun. de 2011.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Haia: Mouton, 1957.
- COSTA, M. A. As definições de sujeito e seus traços de caracterizadores. O traço de concordância. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ENSINO, 1., 1994. Maceió. **Anais...** Universidade Federal de Alagoas, Coordenação do mestrado em Letras: EDUFAL, 1994. p. 315-320.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

DE PAULA, A. S. O trabalho de campo sociolinguístico. In: COSTA, J. F. C.; SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. (orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011.

ECKERT, P. **Language Variation as social Practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994.

FISHMAN, J. A. **The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society**. Rowley, MA: Newbury House Publ, 1972.

GOMES, J. A.; ARAÚJO, S. S. F. Variação na concordância verbal com a terceira pessoa do plural no português popular falado em Feira de Santana-BA. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 14., de 18 a 22 de outubro, 2010. Feira de Santana. **Anais ...** Feira de Santana: UEFS, 2010. p. 442-446. Disponível em <<http://www.uefs.br/semic/cd/resumos/106.pdf>>. Acesso em 14 de abr. de 2011.

GRACIOSA, D. M. D. **Concordância verbal na fala culta carioca**. 1991. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: Instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HYMES, D. The ethnography of speaking. In: GLADWIN, T; STUTERVANT, W. C. (orgs). **Anthropology and human behavior**. Washington, 1962.

IVO, L. **Confissões de um poeta**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004. 4ª ed.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

_____. **Principios del cambio lingüístico**. Vol. 1: Factores internos. Madri: Editorial Gredos, 1996[1994].

_____. **Principios del cambio lingüístico**. Vol. 2: Factores sociales. Madri: Editorial Gredos, 1996[1994].

_____. **The social stratification of English in New York city**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da Abralín**, v. 5, n. 1 e 2, 2006, p. 83-112. Disponível em <http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art4.pdf>. Acesso em 9 de jun. de 2009.

_____. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna.** São Paulo: Parábola, 2004.

MACHADO, R. H. B. **Instituições caras nas vozes e silêncios de meninos e meninas de rua.** Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2000.

MAGALHÃES, T. M. V. As diferenças entre gramática da fala e a “gramática” da escrita no português brasileiro e suas consequências para o ensino da língua. **Revista do Gelne**, v. 10, nº 1/2, 2008.

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 20-35.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 43-70.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

MILROY, L. Social Network. In: CHAMBERS, J.K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.), **The handbook of language variantion and change.** Oxford: Blackwell, 2002. p. 549-571.

MILROY, J. Probing under the tip of the iceberg: phonological ‘normalization’ and the shape of speech communities. In: ROMAINE, S. (ed.). **Sociolinguistic Variation in Speech Communities.** London: Edward Arnold, 1982.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOREIRA, J. C. **Geografia para o ensino médio: geografia geral e do Brasil.** São Paulo: Scipione, 2002.

MOTTA, E. C. de M. **Escolarização e variação linguística.** 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: MOURA, D. (org) **Leitura e escrita: a competência comunicativa.** Maceió: EDUFAL, 2007. p. 11-26.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language.** LSA, 1981. p. 63-98.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

OLIVEIRA, M. S. **Variação na concordância verbal**: os contextos linguísticos. Disponível em <http://www.mundoalfal.org/cdcongresso/cd/historia_portugues/oliveira.swf>. Acesso em 9 de jun. de 2009.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Coleta de dados. In MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 117-133.

PEDROSA, J. L. R.; HORA, D. A ordem sujeito/verbo na comunidade de João Pessoa: encaixamento linguístico. **Revista Leitura** do PPGLL da UFAL. Número temático: Teoria e análise linguística, n. 25 – jan./jun. Maceió: EDUFAL, p. 89-117, 2000.

PEIXOTO, M. E. **Germil** – Notas etnográficas e linguagem. Licenciatura em filologia românica – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1968.

PERINI, M. A. **Para uma nova gramática do português**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

RODRIGUES, D. de A. **A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

RODRIGUES, A. C. de S. **A concordância verbal no português popular de São Paulo**. 1987. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

SÁ, E. J. **Estudos de variação linguística**: o que é preciso saber e por onde começar. São Paulo: Textonovo, 2007.

SANKOFF et al. **GOLDVARB X**: A multivariate analysis application. 2005. Disponível em <<http://www.projetoaspa.org/cristofaro/pesquisa/goldvarb/manualvarbrul.doc>>. Acesso em 3 de jul. de 2009.

SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. Teoria da variação e mudança linguística. In: COSTA, J. F. C.; SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. (orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011.

_____. Uma rodada no GOLDVARB X. In: COSTA, J. F. C.; SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. (orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011.

SANTOS, R. L. A. O preenchimento do sujeito na fala de menores carentes da cidade de Maceió. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 2., 2012, Recife. **Anais do II Siniel**, Recife, 2012. v. 1. p. 1042-1062.

_____. **A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

_____. A metodologia da pesquisa em sociolinguística variacionista. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 97, 2009. p. 68-71.

SANTOS, M. B. **A concordância sujeito-verbo na língua falada por crianças de 1ª à 5ª série da cidade de Maceió-AL**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Trad. Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 2004 [1916].

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; CARDOSO, C. R. O papel de tipo de verbo na concordância verbal no Português Brasileiro. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica Aplicada**, v. 23, n. spe. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502007000300012&script=sci_arttext>. Acesso em 27 de jun. de 2009.

SCHERRE, M. P. M.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-177.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística**. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. 509- 523. Disponível em <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre-naro98.pdf>. Acesso em 9 de jun. de 2009.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Ensino fundamental de nove anos: perguntas mais frequentes e respostas da secretaria de educação básica (SEB/MEC)**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensfund9_perfreq.pdf> Acesso em 17 de set. de 2011. p. 1-11.

SILVA, M. C. F. **Morfologia**. Forianópolis: Abril, 2009.

SILVA, E. V. da. Norma, variação e ensino: a concordância verbal. **Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, 2008, p. 31-41. Disponível em <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo2.pdf>>. Acesso em 9 de jun. de 2009.

SILVA, R. C. P. Sujeito pronominal nos quadrinhos. **Revista Letras**. Curitiba: editora UFPR, n. 72, maio/ago. 2007. p. 189-209. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/7488/10508>> Acesso em 18 de jan. de 2012.

VANIN, A. A. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’. **Acta Scientiarum language and culture**. Maringá. v. 31, n. 2, p. 147-153. 2009.

VIANA, S. de A. Comunidade linguística e comunidade de fala: discutindo conceitos. **Artigo eletrônico**. Disponível em <http://docs.google.com/View?docID=dc8dj3kp_88d23wf5&revision=_latest>. Acesso em 3 de set. 2008. Não paginado.

VIEIRA, S. R. Aspectos da concordância verbal em dialetos populares. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ENSINO, 1., 1994. Maceió. **Anais ...** Maceió. Universidade Federal de Alagoas. Coordenação do mestrado em Letras: EDUFAL, 1994 p. 323-327.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. **Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensino fundamental e médio da cidade de Maceió/AL**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.2008.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-57.

WEINER, E.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. **J. Linguistic**, n. 19, 1983. p. 29-58.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WIEDEMER, M. L. **As faces da comunidade de fala**. 2008. Disponível em <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/viewPDFInterstitial/810/865>>. Acesso em 29 de mai. de 2008.

APÊNDICES**APÊNDICE A - Ficha social (etapa 2)**

Lar Batista Marcolina Magalhães

Nome: _____

Idade: _____

Tempo de permanência no Lar: Menos de 5 anos () / Mais de 5 anos ()

Nome da escola: _____

Série escolar: _____

Quantas vezes por semana você costuma ler ou escrever? _____

Você gosta de ler? Sim () / Não ()

Você gosta da aula de português? Sim () / Não () Por quê?

Você gosta da professora de português? Sim () / Não () Por quê?

APÊNDICE B - Coleta dos dados escritos²⁸

- Carta pessoal: escrever uma carta para alguém que você gosta/ alguém que você não vê há muito tempo (um amigo, um familiar, um paquera etc.). Sugestões: Conte como você está, o que você anda fazendo no Lar e na escola, as coisas que você gosta de fazer, e pergunte a quem você está mandando a carta coisas que você quer saber sobre ele/ela. Título: Escrevendo uma cartinha.
- Texto narrativo: conte como foi um dia especial (um passeio, um encontro, um dia muito bom na escola, no Lar etc.). Sugestões: Conte como foi esse dia, o que você fez, porque ele é especial. Título: Um dia especial.
- Texto dissertativo: Opção 1 – O amor e a paixão. Sugestões: fale sobre a diferença entre amor e paixão, o que acontece quando as pessoas estão amando, como elas ficam quando não são correspondidas etc. Opção 2 – Esportes. Sugestões: fale sobre a importância da prática de esporte para a saúde, o que acontece com quem não pratica esporte, os principais esportes no Brasil etc. Título: O amor e a paixão.

²⁸ Material discutido com as professoras de reforço para a realização da coleta de dados. Na proposta de atividades entregue aos colaboradores havia apenas o título da produção escrita.

ANEXOS

ANEXO A - Roteiro-guia da entrevista com diretores

Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal

1. Origem da instituição (data e motivo de existência)
2. Órgãos de apoio (como a instituição se mantém)
3. Onde os menores são encontrados? (A instituição vai atrás deles ou eles chegam na instituição?)
4. Estrutura (área de lazer, de estudo, quartos etc.)
5. Equipamentos (computador, TV, som etc.)
6. Pessoas envolvidas (funcionários)
7. Atividades/projetos culturais e de ensino desenvolvidas/os
8. Número de doações (que ocorrem por não)

9. Maiores dificuldades (desafios)

10. Maiores alegrias

ANEXO B - Ficha social (etapa 1)

Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Tempo de permanência:

Motivo de estar na Instituição:

Contato externo:

Localidade:

ANEXO C - Roteiro-guia da entrevista com os colaboradores

Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal

Entrevista

- Você tem amigas/amigos?
- De onde você conhece elas/eles?
- Como elas/eles são?
- O que vocês fazem juntas/juntos?
- O que você mais gosta nelas/neles?
- O que você menos gosta nelas/neles?
- Você gosta da sua escola? (justificar)
- O que você mais gosta na sua escola?
- O que você menos gosta na sua escola?
- O que você mais gosta de fazer no Lar? (justificar)

Narrativa

- Dia inesquecível (feliz ou triste)
- Vida no Lar
- Brincadeiras

Narrativa

- Inquietações e desejos que da colaboradora/do colaborador em relação à vida e ao orfanato e o que ela/ele gostaria que mudasse no Lar e na própria vida